

Educação Intergeracional e Idadismo
Um estudo de caso
no campo do desenvolvimento comunitário

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carolina Maria Gonçalves Pereira

MESTRADO EM EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

dezembro | 2025

Educação Intergeracional e Idadismo
Um estudo de caso
no campo do desenvolvimento comunitário
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Carolina Maria Gonçalves Pereira
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

ORIENTAÇÃO
Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira

“A juventude tem muito a aprender com a experiência dos mais velhos. Os jovens devem olhar para os idosos não com tristeza, mas com gratidão, e os mais velhos devem olhar para os jovens com esperança.”

Papa Francisco

Agradecimentos

À minha mãe, Cecília que é a minha maior inspiração de força, coragem e generosidade. Obrigado por todo o seu amor incondicional, pelos conselhos sempre sábios. Esta conquista também é sua, fruto dos valores que me ensinou e da confiança que sempre depositou em mim.

À minha irmã, Sara, por ser a minha companheira de vida, com quem divido risos, desafios e sonhos. A sua presença constante, mesmo nos momentos em que o cansaço parecia vencer, foi um lembrete diário de que não estou só.

À minha amiga de infância, Ana, por estar presente em tantos momentos importantes da minha vida e pela sua escuta atenta acompanhada por palavras de incentivo constante que foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Às minhas amigas de liceu, Micaela, Laura e Marta, o meu mais profundo agradecimento pois mesmo com o passar dos anos e os caminhos que cada uma seguiu, a nossa amizade permaneceu como um porto seguro. Obrigada por estarem sempre por perto com palavras de incentivo, mensagens nos momentos certos e aquela leveza que só quem partilhou imensas histórias pode oferecer.

Ao António Marques, que, mesmo sem palavras trocadas nos últimos tempos, a sua amizade foi um alicerce importante para o meu crescimento pessoal e académico agradeço por tudo o que aprendi ao seu lado.

Ao Elias e à Bé que têm sido uma presença constante e essencial na minha vida, tanto nos momentos de alegria quanto nos de desafio, agradeço por estarem ao meu lado durante toda esta jornada.

À instituição, a toda a equipa técnica e aos participantes pela aceitação deste estudo. E a todos os colegas e amigos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho, o meu sincero agradecimento.

À minha orientadora, Professora Doutora Gorete Pereira expresso a minha sincera gratidão pela sua orientação, paciência e apoio ao longo deste processo. Pelo seu rigor académico e dedicação que foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço por sempre acreditar no meu potencial, mesmo nos momentos de dúvida, e por me desafiar a ir além dos meus próprios limites.

Resumo

No decurso do desenvolvimento das sociedades, observa-se um aumento da longevidade tanto em mulheres como em homens e, apesar de se verificar a ritmos distintos, a esperança média de vida mantém uma tendência de crescimento contínuo.

Todavia, a construção do significado da velhice é trespassada por crenças, mitos e preconceitos que, no contexto social, se manifestam através de representações depreciativas do fenómeno do envelhecimento, evidenciando a necessidade de promover uma reflexão crítica sobre a educação intergeracional como estratégia de combate ao idadismo presente na sociedade.

Por se configurar como um veículo socioeducativo, assume-se igualmente como um elemento de relevo para o desenvolvimento comunitário, ao fomentar a coesão social, o diálogo intergeracional e o fortalecimento dos laços sociais.

A presente investigação propõe compreender o fenómeno em análise através de um estudo de caso como metodologia, evidenciando as suas potencialidades em termos de aplicação prática em contextos humanos e em situações do quotidiano.

Os objetivos passam assim, por avaliar o impacto desses programas na transformação das atitudes sociais, que irá se basear em entrevistas semiestruturas e através da observação participante tendo as notas de campo como instrumento que incluem a análise das perceções dos participantes e a avaliação de iniciativas previamente implementadas.

Com o presente estudo foi possível aferir que o afastamento geracional ocorre devido à falta de abertura para a comunicação e entendimento entre ambas as partes envolvidas. Estas devem-se a uma visão distorcida criada pela falta de iniciativa e de diálogo por parte dos jovens e idosos.

Palavras-chave: Longevidade, educação intergeracional, idadismo, estudo de caso, desenvolvimento comunitário, entendimento

Abstract

As societies have developed, there has been an increase in life expectancy among both women and men, and although this has occurred at different rates, average life expectancy continues to rise.

However, the construction of the meaning of old age is permeated by beliefs, myths, and prejudices that, in the social context, manifest themselves through derogatory representations of the aging process, highlighting the need to promote critical reflection on intergenerational education as a strategy to combat ageism in society.

As it functions as a socio-educational vehicle, it also serves as a key element for community development by fostering social cohesion, intergenerational dialogue, and the strengthening of social bonds.

This research aims to understand the phenomenon under analysis using a case study as its methodology, highlighting its potential for practical application in human contexts and everyday situations.

The objectives are thus to assess the impact of these programs on the transformation of social attitudes, which will be based on semi-structured interviews and participant observation, using field notes as a tool that includes the analysis of participants' perceptions and the evaluation of previously implemented initiatives.

This study found that the generational gap occurs due to a lack of openness to communication and understanding between both parties involved. This stems from a distorted view created by a lack of initiative and dialogue on the part of both young people and the elderly.

Keywords: Longevity, intergenerational education, ageism, case study, community development, understanding

Résumé

Au fil de l'évolution des sociétés, on observe une augmentation de la longévité tant chez les femmes que chez les hommes et, bien qu'elle se fasse à des rythmes différents, l'espérance de vie moyenne affiche une tendance à la hausse constante.

Cependant, la construction du sens de la vieillesse est imprégnée de croyances, de mythes et de préjugés qui, dans le contexte social, se manifestent à travers des représentations péjoratives du phénomène du vieillissement, soulignant la nécessité de promouvoir une réflexion critique sur l'éducation intergénérationnelle comme stratégie de lutte contre l'âgisme présent dans la société.

En tant que vecteur socio-éducatif, elle s'impose également comme un élément important pour le développement communautaire, en favorisant la cohésion sociale, le dialogue intergénérationnel et le renforcement des liens sociaux.

La présente recherche vise à appréhender le phénomène étudié à travers une méthodologie de type étude de cas, en mettant en évidence ses potentialités en termes d'application pratique dans des contextes humains et des situations de la vie quotidienne.

Les objectifs consistent donc à évaluer l'impact de ces programmes sur la transformation des attitudes sociales, en s'appuyant sur des entretiens semi-structurés et sur l'observation participante, les notes de terrain servant d'instrument et incluant l'analyse des perceptions des participants ainsi que l'évaluation des initiatives précédemment mises en œuvre.

La présente étude a permis de constater que le fossé générationnel résulte d'un manque d'ouverture à la communication et de compréhension entre les deux parties concernées. Cela s'explique par une vision déformée due à un manque d'initiative et de dialogue de la part des jeunes et des personnes âgées.

Mots-clés: Longévité, éducation intergénérationnelle, âgisme, étude de cas, développement communautaire, compréhension

Resumen

A lo largo de la evolución de las sociedades, se observa un aumento de la longevidad tanto en mujeres como en hombres y, aunque se produce a ritmos distintos, la esperanza de vida media mantiene una tendencia de crecimiento continuo.

Sin embargo, la construcción del significado de la vejez está impregnada de creencias, mitos y prejuicios que, en el contexto social, se manifiestan a través de representaciones despectivas del fenómeno del envejecimiento, lo que pone de manifiesto la necesidad de promover una reflexión crítica sobre la educación intergeneracional como estrategia para combatir la discriminación por edad presente en la sociedad.

Al configurarse como un vehículo socioeducativo, se erige igualmente como un elemento de relevancia para el desarrollo comunitario, al fomentar la cohesión social, el diálogo intergeneracional y el fortalecimiento de los lazos sociales.

La presente investigación propone comprender el fenómeno analizado mediante un estudio de caso como metodología, poniendo de manifiesto sus posibilidades en cuanto a su aplicación práctica en contextos humanos y en situaciones cotidianas.

Los objetivos consisten, por tanto, en evaluar el impacto de estos programas en la transformación de las actitudes sociales, lo cual se basará en entrevistas semiestructuradas y en la observación participante, utilizando las notas de campo como instrumento, que incluyen el análisis de las percepciones de los participantes y la evaluación de iniciativas previamente implementadas.

Con el presente estudio se ha podido constatar que la brecha generacional se produce debido a la falta de apertura a la comunicación y al entendimiento entre ambas partes implicadas. Esto se debe a una visión distorsionada creada por la falta de iniciativa y de diálogo por parte de los jóvenes y las personas mayores.

Palabras clave: Longevidad, educación intergeneracional, edadismo, estudio de caso, desarrollo comunitario, entendimiento

SUMÁRIO

Agradecimentos.....	ii
Resumo	iii
Abstract.....	iv
Résumé.....	v
Resumen.....	vi
Índice de Figuras	x
Índice de Tabelas	xi
Índice de Apêndices.....	xii
Lista de Siglas e Abreviaturas	xiii
Introdução	1
PARTE I - PROBLEMÁTICA	5
1.1 Delimitação do campo de estudo.....	7
1.2 Questão de investigação	7
1.3 Objetivos	8
1.3.1. Objetivo Geral.....	8
1.3.2. Objetivos Específicos	8
Parte II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	9
Capítulo 1 - O Idoso na sociedade portuguesa atual	9
1.1 O idoso e a velhice.....	10
1.2. Envelhecimento Saudável	11
1.2.1. Envelhecimento ativo	13
1.2.1.1. Determinante Relacional e Social	15
1.2.1.2. Determinante Meio Físico.....	19
Capítulo 2 - O Idadismo.....	21
2.1. Na cultura ocidental	21

2.2. A disparidade presente na velhice e a instituição do Idadismo	23
2.3. O Idadismo em Portugal	28
Capítulo 3 - A Educação Intergeracional	32
3.1. O contexto tradicional versus o contexto de pós-modernidade.....	32
3.2. Modelos para a prática da intergeracionalidade	35
3.3. Uma Educação Intergeracional para o Desenvolvimento Comunitário	37
3.3.1. Programas intergeracionais.....	39
3.3.1.1. “Adote um Amigo”.....	41
3.3.1.2. “O Centro Social da Sé”	42
3.4. Benefícios de projetos intergeracionais para o Desenvolvimento Comunitário	44
PARTE III – ENQUANDRAMENTO METODOLÓGICO.....	47
Capítulo 4 – Metodologia	47
4.1. Tipo de Estudo.....	47
4.2. Método	50
4.3. Técnicas de Recolha de Dados	51
4.4. Técnicas de Análise e Interpretação de Dados	54
4.5. Caracterização da instituição.....	57
4.6. Caracterização do público-alvo	58
4.7. Questões Éticas.....	59
PARTE IV - ESTUDO EMPÍRICO.....	61
Capítulo 5- Apresentação, análise e discussão de resultados.....	61
5.1. Problema de investigação.....	61
5.2. Questões de investigação	61
5.3. Caracterização dos utentes	62
5.4 Da educação intergeracional	63

5.4.1 Do Idadismo	73
5.4.2 Da Educação Intergeracional para o Desenvolvimento Comunitário	83
Conclusão	92
Referências	97
Apêndices	105

Índice de Figuras

Figura 1- Determinantes do envelhecimento ativo.....	15
Figura 2- Idadismo	26
Figura 3 – Homogeneização do grupo.....	27

Índice de Tabelas

Tabela 1 “População residente por grandes grupos-Portugal.....	5
Tabela 2 “População residente por grandes grupos etários – Iha da Madeira (oeste)	6
Tabela 3 “A Evolução das relações intergeracionais familiares.....	34
Tabela 4 “Caracterização dos utentes idosos e jovens”	62

Índice de Apêndices

Apêndice A – Pedido de autorização à Instituição	105
Apêndice B – Consentimento Informado	107
Apêndice C – Consentimento Informado de Representante Legal de Menores	109
Apêndice D – Planificação das entrevistas semiestruturadas	111
Apêndice E – Guião das entrevistas semiestruturadas para os jovens	114
Apêndice F – Guião das entrevistas semiestruturadas para os idosos.....	119
Apêndice G – Análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas dos jovens	123
Apêndice H – Análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas dos idosos	138
Apêndice I – Diário de bordo.....	146

Lista de Siglas e Abreviaturas

CE: Comissão Europeia

CRP: Constituição da República Portuguesa

DUDH: Declaração Universal dos Direitos Humanos

EC: Estado Central

INE: Instituto Nacional de Estatística

IP: Instituto Público

IPSS: Instituição Particular de Solidariedade Social

NCEA: *National Center on Elder Abuse*

OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OMS: Organização Mundial de Saúde

ONU: Organização das Nações Unidas

RAM: Região Autónoma da Madeira

UE: União Europeia

Introdução

As pessoas, hoje, vivem mais tempo e com maior qualidade de vida pela primeira vez na história da humanidade coexistem no mesmo espaço temporal cinco a seis gerações. A qualidade de vida é uma conceção fundamentalmente humana que tem em conta o grau de satisfação que a pessoa tem com a sua situação física, o seu estado emocional, a sua vida familiar, amorosa e social bem como o sentido que atribui à sua vida entre outras coisas (Schwartzmann, 2003).

No entanto, segundo Nunes (2009) esta coexistência não se verte num maior contacto e num maior diálogo entre as diferentes gerações em situações sociais normais, a separação entre estas deve-se ao ritmo e densidade das transformações em curso na sociedade global nos grupos onde essa separação se verifica. As razões que levam a esta separação podem ser várias desde as mudanças visíveis na estrutura familiar; as mudanças dos papéis sociais e de género; as alterações na economia e no trabalho, assim como o avanço tecnológico, das políticas, entre outras.

Devido a esses múltiplos fatores existe uma certa dificuldade na organização de espaços físicos que sejam compartilhados e propícios à interação e solidariedade entre as gerações mais novas e mais velhas. Uma das principais consequências desta rutura é o facto de não poderem construir um conhecimento mútuo e pessoal assente sobre a experiência e saberes geracionais. Visto que todo o ser humano requer conhecimento sobre o que o rodeia, com a finalidade de interpretar os sinais e situações diárias, pois, na ausência de uma elaboração pessoal deste mesmo conhecimento, os indivíduos armazenam cognitivamente a representação que a sociedade tem das diferentes gerações.

Estas representações cognitivas podem ser positivas ou negativas, de membros que pertencem a um grupo particular Harwood (2007) tratando-se assim de uma imagem, vulgarmente construída com base em estereótipos e que não representam a realidade de acordo com Blanco e Pinazo (2016). Perante um cenário menos positivo segundo Butler (1980), estamos perante o Idadismo definindo-o como um processo de “estereótipos e discriminação sistemática contra as pessoas por elas serem idosas”. Deste modo, os estereótipos acabam por ser causa e efeito da separação das gerações, originando um sistema cíclico que é urgente quebrar, nas sociedades contemporâneas cada vez mais envelhecidas.

Perante este contexto é clara a necessidade de existirem programas que promovam o contacto e o convívio entre as gerações, sobretudo crianças e idosos, de forma a diminuir os impactos causados pela segregação etária. O estudo das relações intergeracionais perspectiva-se como um dos caminhos a percorrer em direção ao maior bem-estar.

A amostra deste estudo baseia-se em idosos e jovens que frequentam uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) intergeracional que levam a cabo atividades intergeracionais, com a ambição de compreender e analisar de que forma o plano intergeracional pode influenciar o bem-estar subjetivo dos mesmos.

A dissertação aqui apresentada desenrola-se em três partes: a primeira parte é dedicada à problemática de investigação que será oportunamente referenciada no decurso deste projeto. A segunda parte explana a revisão da literatura, suporte teórico de extrema relevância para o estudo. Por fim, a terceira parte discorre a metodologia utilizada e integra as técnicas de recolha e análise dos dados de investigação.

Relativamente à primeira parte, esta subdivide-se sobre quatro subtópicos sendo eles, o problema de investigação, a delimitação do campo de estudo, a questão de investigação e os objetivos gerais e específicos. Nestes pontos a presente investigação tem como objetivo analisar o impacto da Educação Intergeracional no combate ao Idadismo em Portugal, um problema crescente nas sociedades contemporâneas, particularmente com o envelhecimento populacional. O estudo foca-se na interação entre gerações, com o intuito de compreender como a troca de experiências e conhecimentos pode contribuir para a diminuição do preconceito etário. A pesquisa delimita-se ao contexto de instituições sociais que promovem programas intergeracionais, explorando as perceções dos idosos e dos mais jovens sobre a velhice e as relações entre as gerações. A questão de investigação centra-se na forma como a educação intergeracional pode ser uma ferramenta eficaz para reduzir o Idadismo e melhorar a convivência entre diferentes faixas etárias. O objetivo geral é, assim, avaliar o efeito desses programas na mudança de atitudes sociais, com o apoio de objetivos específicos que envolvem a análise das perceções dos participantes e a avaliação de programas já existentes. Este estudo é relevante dado o contexto social atual e visa contribuir para a melhoria das políticas públicas voltadas para o envelhecimento ativo e a promoção da igualdade intergeracional.

Na segunda parte, revisitamos o enquadramento teórico da pesquisa, que explicita, em três capítulos, o envelhecimento na sociedade portuguesa, o Idadismo, e as relações

intergeracionais. Num primeiro capítulo abordando o papel e as percepções em relação ao idoso na atualidade. Inicia-se com uma reflexão sobre o conceito de velhice e as suas implicações sociais e culturais, discutindo como o idoso é percebido e como a sociedade lida com essa fase da vida. Em seguida, explora-se o conceito de Envelhecimento Saudável e Envelhecimento Ativo que se relacionam e explanam um modelo que promove a saúde, a participação e a segurança dos idosos, em um contexto de integração social. Para compreender as diversas dimensões deste processo, o capítulo é dividido em subtemas que abordam os principais determinantes do envelhecimento, nomeadamente os determinantes relacionais e sociais, que influenciam a qualidade de vida dos idosos, e os determinantes do meio físico, como a infraestrutura e o ambiente, que podem facilitar ou dificultar o envelhecimento ativo.

No segundo capítulo é elucidado o conceito de Idadismo, com foco em sua manifestação em diferentes contextos culturais e sociais. O mesmo começa por analisar o Idadismo na cultura ocidental, detalhando como as atitudes e estereótipos negativos sobre a velhice são perpetuados. Em seguida, o capítulo aborda as disparidades dentro da própria categoria de velhice, observando as desigualdades enfrentadas por idosos de diferentes origens e condições sociais. A institucionalização do Idadismo é abordada, com ênfase na forma como sistemas e instituições contribuem para a perpetuação dessa discriminação. É, ainda, explorado os abusos contra os idosos, baseando-se em estudos do *National Center on Elder Abuse* (NCEA), e finaliza com uma análise do Idadismo em Portugal, destacando tanto os avanços quanto os desafios na luta contra o preconceito etário no país.

Por fim, o terceiro capítulo dedica-se à Educação Intergeracional, um campo que promove a interação e a aprendizagem entre diferentes gerações, visando fortalecer a coesão social e o desenvolvimento comunitário. O capítulo começa com uma análise histórica da prática, contextualizando-a no mundo tradicional e as suas transformações no contexto da pós-modernidade. A seguir, são apresentados modelos de educação intergeracional, com foco nas estratégias que possibilitam a troca de saberes entre jovens e idosos. Além disso, demonstra como essa prática pode ser uma ferramenta para o desenvolvimento comunitário, além de examinar diversos programas intergeracionais implementados em várias partes do mundo. Finalmente, é discutido o impacto positivo desses programas, tanto para a promoção da solidariedade intergeracional quanto para a melhoria da qualidade de vida dos idosos e o empoderamento dos jovens.

Na terceira parte este estudo seguiu uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória, tendo como objetivo compreender o impacto da Educação Intergeracional na redução do Idadismo em contexto institucional. A investigação foi realizada numa IPSS localizada na zona oeste da RAM que acolhe diariamente pessoas idosas em situação de vulnerabilidade, promovendo atividades de convívio, cuidados de saúde e programas de envelhecimento ativo. Participaram no estudo três idosos com idades compreendidas entre 65 e 95 anos, bem como 3 jovens selecionados com base na sua participação em atividades intergeracionais promovidas pela instituição. A recolha de dados foi efetuada através de entrevistas semiestruturadas, permitindo explorar em profundidade as perceções dos participantes sobre as relações entre gerações e as manifestações de Idadismo. Para a análise dos dados, recorreu-se à análise de conteúdo temática, seguindo as etapas de codificação, categorização e interpretação dos discursos. No que diz respeito às questões éticas, foram assegurados o consentimento informado de todos os participantes, o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos, em conformidade com os princípios éticos da investigação científica.

Por fim, algumas considerações finais que abordam de forma sequencial e articulada os temas centrais da investigação. Através da revisão da literatura e da análise empírica, procura-se compreender de que forma a Educação Intergeracional pode contribuir para a promoção do envelhecimento ativo e para a redução do Idadismo em Portugal. Espera-se que esta abordagem permita não só aprofundar o conhecimento teórico sobre o tema, mas também oferecer contributos relevantes para práticas sociais e educativas mais inclusivas e intergeracionais.

PARTE I - PROBLEMÁTICA

O envelhecimento apresenta-se como um dos problemas centrais do século XXI, onde estamos perante sociedades envelhecidas, mas também na qual os indivíduos vivem mais tempo. O aumento da esperança de vida à nascença, embora tenha tendência para abrandar, impulsionou a idade média das mulheres e dos homens para um patamar historicamente inédito (Mendes & Oliveira, 2010).

Em Portugal, dados obtidos pelos Censos de 2021, publicados pelo INE, IP, revelam um aumento claro da população idosa e, por sua vez, um decréscimo da população jovem (**Tabela 1**).

Tabela 1

População residente por grandes grupos-Portugal

Portugal		
Grupos etários	2011	2021
0-14	1.572.329	1.331.188
15-64	6.979.785	6.588.239
65 ou mais	2.010.064	2.423.639

Nota. Dados retirados de PORDATA.

Perante este cenário, Portugal é um dos países que apresenta um índice de envelhecimento mais elevado do mundo. Particularmente, na Ilha da Madeira, na zona oeste (**Tabela 2**), uma vez que é onde a investigação irá ocorrer os números não fogem muito do cenário de Portugal de uma forma geral.

Tabela 2*População residente por grandes grupos etários- Ilha da Madeira (oeste)*

Região Autónoma da Madeira- (zona oeste)		
Grupos etários	2012	2022
0-14	2 305	1 580
15-64	8 775	8 551
65 ou mais	2 156	2 723

Nota. Dados retirados de PORDATA.

E, mesmo reunindo diferentes políticas públicas de melhoria dos cenários demográficos, a pirâmide demográfica atual torna inevitável o envelhecimento da população portuguesa ao longo das próximas décadas.

Infortunadamente, segundo dados de um relatório publicado em 2021 pela OMS sobre a discriminação por idade, estima-se que uma em cada duas pessoas no mundo tenha atitudes discriminatórias que pioram a saúde física e mental das pessoas idosas reduzindo assim a sua qualidade de vida. A discriminação por idade acaba por se infiltrar em muitas instituições e setores da sociedade, incluindo mesmo aqueles que fornecem assistência médica e social, no local de trabalho, nos média, entre outros. O relatório refere também, que as políticas e leis que tratam do preconceito, e nas atividades educacionais que aumentam a empatia se dissipam perante atividades intergeracionais que reduzem o preconceito e ajudam a diminuir a discriminação.

Também em 2021, a CE aprovou o “Livro Verde sobre o Envelhecimento” sobre a máxima de viabilizar sentido de responsabilidade e de solidariedade entre gerações. Este tem como objetivo proporcionar um extenso debate de guia sobre o envelhecimento, com a finalidade de debater sobre as opções a ter em conta antevendo e respondendo aos desafios e oportunidades que este implica, particularmente tendo em consideração a Agenda 2030 das Nações Unidas para a Década do Envelhecimento Saudável.

Todavia, o problema colocado pelo envelhecimento ao conjunto da sociedade não se resume apenas a um fator, mas acima de tudo ao lugar da velhice na sociedade. Aos idosos assiste o direito efetivo de representação e de participação social e política. Por

isso é necessário reposicionar a pessoa idosa no conjunto de relações intergeracionais constituindo um imperativo democrático e um desafio também político que as sociedades envelhecidas enfrentam.

1.1 Delimitação do campo de estudo

Assim sendo, e com o objetivo de responder à questão de investigação: Qual é o contributo da Educação Intergeracional face ao Idadismo presente na sociedade? A investigação centra-se num público-alvo residente numa IPSS, de carácter intergeracional, sem fins lucrativos e de utilidade pública. A instituição encontra-se localizada na zona oeste RAM, proporcionando um contexto específico para explorar as dinâmicas intergeracionais e o impacto dessas práticas na redução do Idadismo dentro da comunidade local.

1.2 Questão de investigação

Surgiu a questão “Qual é o contributo da Educação Intergeracional face ao Idadismo presente na sociedade?” visto que, a par deste cenário e, sobretudo, muito exigente no que respeita à necessidade de minimizar a presença do Idadismo erguem-se esteios no sentido de proporcionar novos espaços de participação e de intercâmbio geracional. E, não obstante, oportunidades alternativas para fazer brotar percursos de vida edificadas na vontade do indivíduo, enquanto “fazedor” do seu trajeto de vida e onde o sentido deve seguir o traçado desenhado pela educação, enquanto meio capaz de gerar lugares de densidade antropológica e, naturalmente, um rumo em prol de uma maior dignidade e valorização humana (Augé, 2005).

Todavia, no processo de recolha de informação sobre este assunto ressaltam características e preconceitos herdados ainda do passado onde as pessoas idosas são caracterizadas como “vagarosos”; “rabugentos” e “frágeis”. No entanto, também vão surgindo novas visões dos jovens onde traçam um novo perfil da pessoa idosa como sendo menos dependente, mais positiva e comunicativa e sobretudo mais dinâmica.

1.3 Objetivos

1.3.1. Objetivo Geral

- Compreender a relevância que a Educação Intergeracional pode ter para minimizar o Idadismo.

1.3.2. Objetivos Específicos

- Identificar estratégias que a Educação Intergeracional utiliza para minimizar o Idadismo.
- Caracterizar os programas associados à Educação Intergeracional mobilizados para minimizar o Idadismo.
- Analisar o poder das histórias de vida na aproximação das diferentes gerações.
- Interpretar o papel das artes plásticas para fortalecer laços comunitários.

Parte II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Capítulo 1 - O Idoso na sociedade portuguesa atual

A maioria dos autores define “idoso” como todo o indivíduo com 65 ou mais anos de idade (Almeida & Souza, 2018). Acordou-se também que a definição institucional do idoso coincide com a “idade da reforma”, a qual ocorre em média, na maior parte dos países europeus, aos 65 anos de idade.

O envelhecimento é assim um fenómeno demográfico global observado com mais incidência nos países desenvolvidos nos últimos anos, com a diminuição das taxas de mortalidade e natalidade (Vieira, 2019).

O desenvolvimento exponencial da ciência e da medicina é responsável pelo aumento da esperança média de vida e, consequentemente, pelo envelhecimento da população portuguesa. A percentagem desta com 65 e/ou mais anos, no total da população residente é de 21,3%, sendo que na União Europeia é de 19,6% (Pordata, 2019), o que apresenta uma inquietação crescente a nível da sociedade no que diz respeito aos seus sistemas de suporte.

As estimativas mostram que o processo de envelhecimento demográfico aumentará nos próximos anos, quer pela diminuição da percentagem de jovens na população total quer pelo aumento da percentagem da população com 65 e/ou mais anos. Esta realidade é merecedora de atenção por parte dos organismos sociais, económicos e políticos (Vieira, 2019).

Os dados dos Censos de 2021 em Portugal, publicados pelo INE, I.P., mostram um aumento significativo na faixa etária mais velha e uma redução entre os mais jovens. Em território português, a cada 100 pessoas jovens, há agora 182 indivíduos idosos.

Com base nas informações da OMS, o número de crianças está projetado para cair até o término deste século. Estima-se que, até 2050, a quantidade de pessoas acima de 60 anos aumente três vezes, saltando de 400 milhões para mais de dois bilhões.

Embora esse aumento indique uma melhoria nas condições de vida e nas políticas de saúde na maior parte das nações desenvolvidas, ele também traz um desafio para a sociedade atual, que deve se adaptar para "maximizar a capacidade funcional e o bem-estar" dos mais velhos, além de incentivar sua inclusão e envolvimento social.

1.1 O idoso e a velhice

O conceito de idoso tem sido alvo de imensas transmutações ao longo dos tempos. Se há autores que descrevem a velhice como um período do ciclo vital conotado negativamente, há outros que a apresentam numa perspetiva mais otimista e enriquecedora.

Confrontam-se, assim, duas visões distintas na definição de idoso: uma primeira representação que descreve de uma forma negativa o idoso e a velhice, em que o idoso é considerado como um ser humano frágil e em situação de “pobreza, isolamento social, solidão, doença e dependência” e a velhice como sinónimo de exclusão e de sofrimento (Mauratti, 2004).

Por outro lado, uma segunda representação em que o idoso é considerado como um potencial “segmento específico de consumo” e a velhice é vista como uma época de reflexão, ócio, de dedicação às atividades de autoaperfeiçoamento e que constituem elementos para o conceito de envelhecimento ativo.

Segundo Fonseca (2005) torna-se vantajoso o recurso às categorias de idade debatidas por Birren e Cunningham, as quais se destacam:

- A idade biológica (o funcionamento dos sistemas vitais do organismo humano diminui com o tempo, afetando a saúde dos indivíduos);
- A idade psicológica (as capacidades de natureza psicológica das pessoas para se adaptarem às mudanças de natureza ambiental determinam as suas competências fundamentais para o controlo pessoal e a autoestima);
- A idade sociocultural (refere-se ao conjunto específico de papéis sociais que os indivíduos adotam numa sociedade e que influenciam os comportamentos, hábitos, estilos de relacionamento interpessoal, etc.).

Importa referir que em algumas regiões, o tempo cronológico não é considerado como algo de fundamental para a velhice. A noção de idade funcional proposta por Fernández-Ballesteros (2000) tem em conta que algumas funções diminuem inevitavelmente de eficácia sobretudo as de natureza física e biológica, outras estabilizam com o tempo como a personalidade. E por fim, outras que, na ausência de doença, passam

por um crescimento ao longo do ciclo de vida como a experiência e sabedoria adquirida (Fonseca, 2004).

1.2. Envelhecimento Saudável

Com o aumento da população idosa em Portugal, surge a necessidade de incentivar o envelhecimento saudável, que permite que as pessoas mantenham a saúde física e mental, desfrutem de qualidade de vida e participem ativamente na sociedade.

A OMS define o envelhecimento saudável como “o processo de desenvolver e manter a capacidade funcional que permite o bem-estar em idade mais avançada” (DGS, 2017, p. 9).

A OMS (2015) discute ainda a capacidade funcional no contexto do envelhecimento saudável, que é o processo de promoção e manutenção da capacidade funcional para garantir o bem-estar na velhice.

“A capacidade funcional compreende os atributos relacionados à saúde que permitem que uma pessoa seja e faça o que é importante para ela. É constituído pela capacidade intrínseca da pessoa, pelas características do ambiente que afetam essa capacidade e pelas interações entre a pessoa e essas características” (p.30).

No que diz respeito ao ambiente:

“compreende todos os fatores do mundo exterior que formam o contexto de vida de uma pessoa (...) No meio ambiente, há uma série de fatores que incluem o meio ambiente construído, as pessoas e as suas relações, atitudes e valores, políticas sociais e de saúde, os sistemas que as apoiam e os serviços que prestam.” (pp.30- 31).

O envelhecimento saudável tem início no nascimento, com a herança genética. A expressão desses genes pode ser alterada durante a vida intrauterina, bem como por fatores ambientais e hábitos adotados posteriormente. Contudo, também se nasce em um contexto social, onde as características pessoais incluem aspetos fixos, como género e etnia, e outros que possuem certa flexibilidade ou que refletem padrões sociais, como a profissão, o nível de escolaridade e/ou económico.

Com o envelhecimento, ocorre uma acumulação gradual de danos moleculares e celulares, resultando na redução das reservas fisiológicas. Embora o grau varie entre

peessoas da mesma faixa etária, as mudanças fisiológicas são, em sua maioria, inevitáveis. Além dessas mudanças essenciais, a exposição a uma série de influências ambientais, tanto positivas quanto negativas, ao longo da vida pode afetar o desenvolvimento de outras características de saúde, como fatores de risco fisiológico, doenças, lesões geriátricas mais complexas e síndromes. A relação entre os aspectos de saúde define a habilidade intrínseca do indivíduo, ou seja, a combinação de todas as capacidades físicas e cognitivas que ele possui (OMS, 2015).

Segundo a mesma fonte, a habilidade dos idosos realizarem atividades que apreciam depende não apenas dessa capacidade, mas também das interações com o ambiente em que vivem num determinado momento de suas vidas. Um exemplo prático disso é um idoso com condicionantes e limitações físicas pode preservar a sua mobilidade usando um dispositivo auxiliar e residindo próximo a um transporte público acessível. Contudo, para outro idoso com as mesmas limitações físicas, mas vivendo em um ambiente com condições menos favoráveis, isso pode ser mais complicado.

A capacidade funcional de um indivíduo é definida pela interação e combinação final entre ele e o meio ambiente. Em diversas ocasiões, uma pessoa pode ter reservas de capacidade funcional que não utiliza, essas reservas ajudam a aumentar a resiliência dos adultos mais velhos. O quadro de referência de Envelhecimento Saudável idealiza a resiliência como a aptidão para manter ou aprimorar o grau de capacidade funcional. Essa aptidão abrange as características intrínsecas de cada pessoa e as características do meio ambiente que podem atenuar falhas (OMS, 2015).

Mudanças na longevidade e na capacidade intrínseca em adultos mais velhos podem ser evidenciadas pelas interações com o ambiente em que vivem. Por exemplo, o acesso a serviços pode facilitar o diagnóstico e o tratamento da hipertensão e, se uma pessoa sofrer um derrame, a restauração da capacidade intrínseca depende do acesso a serviços de reabilitação. O ambiente é mais importante para a capacidade funcional porque determina um certo grau de capacidade intrínseca. A interação entre indivíduos e o ambiente pode ser avaliada por meio do conceito de adaptabilidade entre indivíduos e ambiente, retratando assim a relação dinâmica e recíproca entre as pessoas e o ambiente.

Quanto maior o grau dessa adequação, maior a probabilidade de o indivíduo aprimorar e manter as suas habilidades e funcionamento intrínsecos. O conceito de adaptação entre a pessoa e o ambiente leva em consideração fatores como: as

características do indivíduo, a sua saúde e as suas habilidades; as solicitações e os recursos sociais; a dinâmica da relação entre idosos e o ambiente; e as mudanças na pessoa e no ambiente ao longo do tempo.

No entanto, como as características individuais determinam a sua posição social, o mesmo ambiente pode afetar cada pessoa de uma forma diferente, alterando não apenas o tipo de ambiente, mas também a maneira como os indivíduos interagem. Quando as interações são inadequadas, isso pode levar a desigualdades na saúde.

A concentração das diferenças ao longo da vida impacta o Envelhecimento Saudável. Portanto, um indivíduo com menos recursos apresenta níveis inferiores de funcionalidade e resiliência (OMS, 2015).

Logo, é possível afirmar que a participação ativa na vida social e comunitária, especialmente por meio de projetos públicos voltados à comunidade, pode atenuar os impactos adversos do envelhecimento.

1.2.1. Envelhecimento ativo

O tema do envelhecimento está evidentemente inscrito na agenda internacional desde a ONU, através OMS, até à CE, passando pela OCDE. Estas promovem iniciativas que têm como objetivo alertar as sociedades para os problemas do envelhecimento e definir medidas suscetíveis de dar corpo às políticas públicas vocacionadas para a resolução destes mesmos problemas.

Atualmente está a decorrer nos países membros da UE, a celebração do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações. O quadro dos princípios e orientações elaborado por estas organizações constitui um paradigma necessário para entender as questões que este coloca às sociedades e as soluções que devem ser desenvolvidas pelas mesmas. No entanto, perante este paradigma é espetável que todas as organizações internacionais, tenham diferentes abordagem, refletindo sobre as preocupações e, conseqüentemente, sobre as soluções distintas, que resultam, em parte pelo menos, dos objetivos e do âmbito de intervenção que caracterizam essas mesmas organizações.

A definição da OCDE mostra que o envelhecimento ativo deve ser entendido como “a capacidade de as pessoas que avançam em idade levarem uma vida produtiva na sociedade e na economia. Isto significa que as mesmas podem determinar a forma como

repartem o tempo de vida entre as atividades de aprendizagem, de trabalho, de lazer e de cuidados aos outros” (OCDE, 1998, p.92). Esta definição realça ainda a necessidade de prolongar a condição de ser ativo, desde que as condições de exercício profissional possam acompanhar os condicionalismos resultantes do processo de envelhecimento.

Todavia, a definição apresentada pela OMS coloca em destaque outros aspetos, isto é: O envelhecimento ativo refere-se ao processo de “otimização das possibilidades de saúde, de participação e de segurança, a fim de aumentar a qualidade de vida durante a velhice” (OMS, 2002, p.12).

A promoção do envelhecimento ativo (**Figura 1**), preconizado pela OMS, é um dos princípios estratégicos seguidos pela ONU e UE para uma nova perspectiva de desenvolvimento social. Seguindo esta linha de orientação e, considerando que as tradicionais políticas sociais de apoio à população idosa, desenvolvidas pelo EC, não têm respondido integralmente às necessidades deste grupo, a prioridade de atuação dos municípios tem sido de definir, em parceria com entidades/ serviços públicos e privados, medidas e políticas locais no sentido de proporcionar o envelhecimento ativo através de:

1. Melhoria das acessibilidades, quer no espaço público quer no espaço habitacional; transportes adequados e de espaços ao ar livre,
2. A existência de suporte comunitário e serviços de saúde - aposta na diversificação da tipologia de equipamentos para responder às novas necessidades no campo da Saúde e da Ação Social, sobretudo as que decorrem do envelhecimento das sociedades;
3. Melhoria das taxas de cobertura em equipamentos, de uma forma mais ampla e generalizada;
4. Promoção da participação social, do respeito e da inclusão social;
5. Requalificação do espaço público, de forma a torná-lo espaço de estabelecimento de inter-relações e de usufruto privilegiado de todos.

O conceito contempla ainda os determinantes e os aspetos que envolvem indivíduos, famílias e nações. A OMS propõe um modelo de “envelhecimento ativo” que abrange seis grupos de determinantes distintos, cada um incluindo vários elementos. Estes determinantes são:

1- Serviços sociais e de saúde- promoção da saúde e prevenção de doenças; serviços de saúde; atendimento contínuo; atendimento em saúde mental;

2- Comportamental- tabagismo, atividade física, ingestão de alimentos, saúde bucal; álcool; medicamentos;

3- Pessoal- biologia e genética e fatores psicológicos;

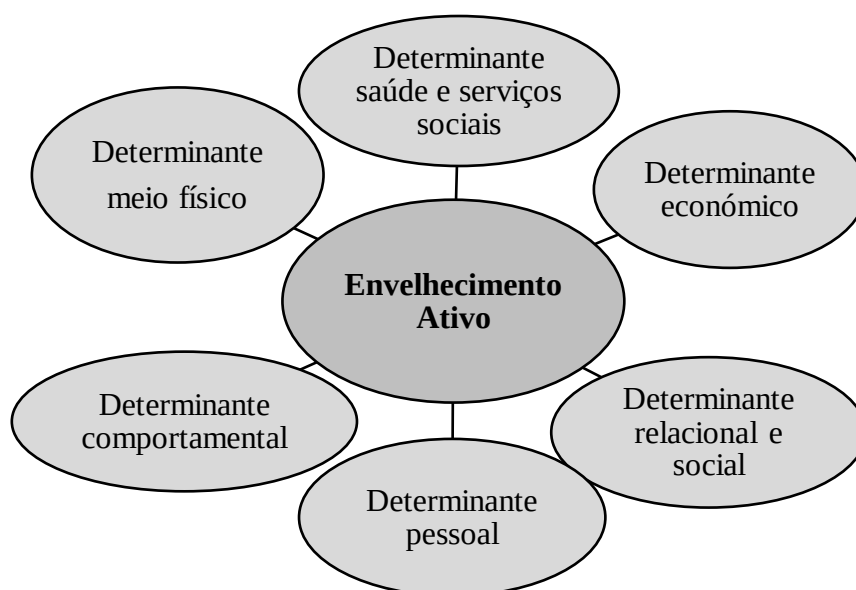
4- Ambiente físico- ambiente amigável; abrigos de segurança; quedas; ausência de poluição;

5- Social- apoio social, violência e abuso, educação;

6- Económico- salário, previdência social, trabalho.

Figura 1

Determinantes do envelhecimento ativo



Nota. Autoria Própria.

Uma vez que a investigação passa por perceber o real impacto que a educação intergeracional pode ter sobre a presença de Idadismo na sociedade, importa realçar e aprofundar dados concretos sobre dois determinantes específicos do envelhecimento ativo.

1.2.1.1. Determinante Relacional e Social

A OMS descreve a saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e, não apenas perante a ausência de doença. Por isso, a integração e o apoio social

são essenciais para as pessoas idosas, pois oferecem recursos emocionais e práticos, participação ativa e maior autoestima. Isto é, a promoção das relações sociais e da saúde mental é igualmente importante quanto a promoção da saúde física para um envelhecimento ativo (World Health Organization, 1999).

As pessoas são por natureza, seres sociais, que vivem em interação uns com os outros e ao longo da vida vamos pertencendo a vários grupos, nomeadamente, ao grupo familiar, ao grupo de amigos e de colegas. E, é estando inseridos nestes grupos que vivenciamos as melhores experiências de vida e vamos construindo os traços que nos caracterizam. Em muitos níveis, as nossas relações são como âncoras em que estruturamos as nossas prioridades, e uma convivência harmoniosa com os outros faz-nos sentir seguros, apoiados e compreendidos, contribuindo para a definição da nossa identidade, pois aquilo que pensamos de nós contribui para a imagem que vamos construindo de nós próprios. Esse apoio que recebemos dessas ligações tem diversos benefícios tais como:

- A nível afetivo, ser aceite e estimulado pelos outros (independentemente dos erros e defeitos) possibilita reforçar a própria autoestima;
- A nível emocional, permite receber sentimentos de apoio e segurança, ajudando-o a ultrapassar problemas;
- A nível da perceção, que a pessoa tem de si própria e do meio envolvente, pois ao receber as reações dos outros, reequaciona-se enquanto pessoa e reavalia a sua vida, dando-lhe um significado e objetivo(s) mais realistas;
- A nível informativo, o apoio social permite a aquisição de informações e conselhos que ajudam as pessoas a compreender melhor as situações do dia a dia;
- A nível social, tem, ainda, uma função instrumental, através da disponibilização de bens e serviços que ajudam a pessoa na realização de tarefas e na resolução de problemas;
- A nível de convivência, que ajuda a aliviar tensões, diminuindo o isolamento e aumentando a participação social.

Esta abordagem assenta no reconhecimento dos direitos das pessoas idosas e nos Princípios das Nações Unidas para as mesmas desde a: independência, participação, dignidade, cuidados e autorrealização (World Health Organization, 2002).

Para permitir que as pessoas idosas mantenham o seu desenvolvimento pessoal e o seu papel ativo nas sociedades, é fundamental maximizar as suas capacidades funcionais em diversas áreas como as de saciar as suas necessidades básicas; de aprendizagem, desenvolvimento e tomada de decisão informada; na capacidade de se movimentar; na capacitação de fazer e manter relacionamentos e ainda na aptidão de contribuir para as suas famílias e comunidades (World Health Organization, 2015).

Existem muitas e excelentes práticas que ajudam as pessoas idosas a se integrar e participar da sociedade, sendo a cooperação e a integração intergeracional muito importantes neste sentido (World Health Organization, 2015).

Pelo que, se o envelhecimento for acompanhado por um investimento e um interesse em relação com os outros, promover-se-á um sentimento de plenitude e de preenchimento do dia a dia. Na realidade, a capacidade de interagir socialmente é fundamental para o idoso conquistar e manter as redes de apoio social e garantir uma maior satisfação com a sua vida.

Neste sentido, a literatura sobre o apoio social e rede de relações sociais das pessoas mais velhas propõe:

- A manutenção de relações sociais com o marido ou com a esposa, com os familiares e principalmente, com amigos da mesma geração que favorece o bem-estar psicológico e social dos idosos;
- Os relacionamentos entre amigos mais velhos são particularmente benéficos, porque são de livre escolha e, assim, mais funcionais ao atendimento das necessidades afetivas dos envolvidos;
- A qualidade dos relacionamentos que se tem é mais importante do que a quantidade de relacionamentos, quer para as relações sociais quer para a saúde física e mental;

É muito comum que, à medida que se envelhece, e em particular, com a entrada na reforma, se verifique uma diminuição das redes sociais, o que está relacionado com uma série de acontecimentos de vida características deste período. Estes dizem respeito a perdas significativas, que vão desde a alteração do papel profissional à perda de parente e de amigos próximos. Nomeadamente, a entrada na reforma pode contribuir para a diminuição das relações dos colegas de trabalho, mas também para a alteração de estatuto na sociedade e, nalguns casos, uma diminuição do respeito e consideração por parte dos

conhecidos. Face a estas transformações, a necessidade que o ser humano sente em conviver com os outros não diminui com a idade, antes pelo contrário.

Por isso, manter a vida ativa, antes e após a reforma, criar interesse por determinados passatempos ou atividades, participar na vida cívica (de modo voluntário ou não) são algumas opções que ajudam a que os idosos permaneçam integrados na sociedade.

Segundo a OMS, o conceito de envelhecimento ativo implica a promoção de quatro aspetos nomeadamente:

- A autonomia que diz respeito à capacidade de tomar decisões consoantes os seus interesses;
- A independência, que se refere à capacidade de o indivíduo desenvolver as atividades de vida diárias;
- A qualidade de vida que corresponde à perceção que o indivíduo tem da sua vida em nível do seu bem-estar físico, psicológico, relacional e social no meio em que se insere;
- A esperança de vida saudável que está relacionado com o prolongamento do tempo de vida com saúde.

Nesta linha de intervenção é importante implementar políticas e práticas a favor de um envelhecimento ativo. As principais práticas nesta matéria incluem a aprendizagem ao longo da vida e o prolongamento do período de vida ativa, assim como o adiamento da idade de reforma, a introdução de um sistema de reforma mais gradual e o desenvolvimento de atividades que permitam otimizar as capacidades individuais e manter um bom estado de saúde de cada pessoa.

O envelhecimento ativo descarta assim, a visão tradicional do idoso acomodado, passivo, e sujeito a padrões de conduta restritivos, que adota comportamentos coincidentes que a imagem estereotipada do idoso conformado com o que “a vida lhe tira”. Deste modo, combate-se a exclusão social, fomenta-se a participação ativa na sociedade, sensibilizando a opinião pública para o valor do envelhecimento ativo, a fim de destacar o contributo útil das pessoas idosas para a sociedade e a economia. Também é explorado o potencial deste grupo etário, gerando o debate, desenvolvendo a aprendizagem mútua, a propósito de promover a política do envelhecimento ativo,

identificando e divulgando as boas práticas, assim como, promovendo a cooperação intergeracional.

É urgente mudar atitudes no domínio da intervenção social, ou seja, é importante reconhecer a singularidade das histórias de vida e a diversidade de interesses e de gostos (ouvir e reconhecer as pessoas), evitar (a todo o custo a infantilização) a ridicularização e a massificação na forma como se intervém, desenvolver atividades estimulantes (intelectual e fisicamente) que apelem à criatividade e à imaginação, reforçar os laços sociais e promover a participação em atividades da comunidade e em grupos diversos (estimular a saída de instituições e evitar a segregação espacial e social) (Pimentel, 2006).

1.2.1.2. Determinante Meio Físico

O ambiente continua a apresentar uma infinidade de obstáculos, o que restringe a capacidade funcional das pessoas idosas e a sua participação na sociedade, alguns deles são físicos, como edifícios inadequados ou transporte inacessível. No entanto, a forma como pensamos sobre o envelhecimento e como o vemos e tratamos podem potenciar a criação de muitas mais barreiras e dificuldades (World Health Organization, 2015).

Isto porque o verdadeiro significado do envelhecimento depende do contexto social e histórico por se tratar mais do que um processo biológico. E esta construção errónea afeta como as pessoas veem a população idosa onde os recursos, prioridades e valores que são atribuídos a diferentes grupos etários acaba por ter impacto nas decisões tomadas. Por isso, a abordagem ao envelhecimento deve ser o ponto de partida para incentivar o envelhecimento saudável e ativo.

Neste seguimento, em 2010, fundada pela OMS a Rede Global de Cidades e Comunidades Amigas das Pessoas Idosas foi criada com o objetivo de conectar cidades, comunidades e organizações em todo o mundo com desejo comum de fazer destas um excelente lugar para se envelhecer.

Numa cidade amiga das pessoas idosas as políticas, serviços, configurações e estruturas valorizam os idosos e permitem o seu envelhecimento ativo, pois reconhecem as capacidades e recursos mesmos e antecipam e respondem com flexibilidade às necessidades e preferências relacionadas ao envelhecimento. Respeitando também as suas escolhas de estilo de vida, protegendo as pessoas mais vulneráveis e incentivando a sua participação e inclusão em todos os aspetos da vida da comunidade.

Esta adesão vista como um compromisso pode servir de excelente como um ponto de partida com sentido de promover o envelhecimento ativo e saudável em todas as políticas.

A proximidade da família e da comunidade facilita a criação de ambientes intergeracionais, baseados no princípio fundamental de que todos os seus componentes são cidadãos de pleno direito, independentemente da idade ou grau de dependência.

A inclusão das pessoas mais velhas na vida quotidiana e a transmissão de conhecimentos e saberes, estímulos, valores e tradições são benefícios para as gerações mais novas e também enriquecem as relações intergeracionais.

Capítulo 2 - O Idadismo

2.1. Na cultura ocidental

Nas culturas ocidentais, a apreciação de qualidades como juventude, beleza estética e produtividade é clara e elevada produzindo resultados notáveis. Por um lado, a estética infiltra-se no campo de ação dos cuidados médicos, ao que se pode designar de estetização da saúde (Mariuzzo, 2012). Por outro, é notório e sabido que existem trabalhos com altos níveis de stress e exigências que podem resultar em doenças para quem labora gerando prejuízos até às indicadas atividades laborais (Macedo, 2007). Esta conduta acarreta consequências prejudiciais e desagradáveis sobre toda a comunidade, mas de forma particular sob um grupo específico nomeadamente àquele que é considerado como fora do padrão de beleza ideal, ou seja, a população idosa.

A desvalorização das qualidades físicas de pessoas idosas e a ligação delas a categorias com menor prestígio, como falta de capacidade e ineficiência, é um fenómeno claro que resulta em desdém pela faixa etária e redução da sua posição social. Esses aspetos constituem a fundação ao que chamamos de Idadismo, que diz respeito a atitudes discriminatórias e preconceituosas contra aqueles que estão em idade avançada.

O preconceito é uma ideia essencial para compreender as interações entre certos grupos sociais, especialmente aqueles que possuem conexões definidas por hierarquias evidentes. A sua definição clássica retrata-o como uma postura desfavorável, marcada pela aversão a pessoas ou coletivos sociais. Além disso, pode ser visto como um organizador mental, já que organiza o ambiente psicológico das pessoas, guiando-as em relação às pessoas ao seu redor (Dovidio, Hewstone, Glick & Esses, 2010).

A discriminação é um ponto de partida para entender o Idadismo, que pode ser descrito de diferentes formas. Este pode ser visto como um fenómeno organizado de estereótipos e exclusão em relação aos mais velhos por conta de sua idade (Butler, 2009). Há, contudo, uma explicação mais direta na qual se menciona como discriminação fundada na idade das pessoas, concentrando-se especialmente nos idosos.

Acredita-se que ele seja parte de um dos “ismos”, assim como o sexismo ou o racismo, pois pode ser visto como um fenómeno sistemático, uma sequência de processos que envolvem estereótipos, atitudes desfavoráveis e discriminação que prejudicam os

mais velhos em diversas situações tais como (Palmore, Branch & Harris, 2005; Butler, 2009):

- Na esfera pessoal, manifesta-se pela evitação de pessoas idosas, pela rejeição da idade avançada e por posturas e preconceitos desfavoráveis.
- No contexto institucional, inclui abusos em lares ou unidades de saúde, discriminação no ambiente de trabalho, preconceitos em políticas públicas, entre outros.
- No nível social, pode ser percebido por meio da linguagem, de normas culturais e da separação por faixa etária.

Um dos elementos mais enganosos do Idadismo é que este pode operar sem que haja consciência, intenção ou controle para causar dano ao outro (Levy & Banaji, 2002). Este pode manifestar-se em dois aspetos: o primeiro, como já mencionado, é o desejo das pessoas de permanecerem jovens, o que faz com que a valorização da juventude transforme a aversão ao envelhecimento em algo aceite socialmente. Já numa segunda perspetiva, nota-se que, diferentemente do que se vê em assuntos relacionados a religião ou raça, não há organizações hostis ou contrárias aos idosos.

Os autores ressaltam que a discriminação está presente e é ocultada como uma questão, uma vez que não parecem existir penalizações sociais significativas para a manifestação de crenças ou posturas desfavoráveis em relação aos mais velhos. Consequentemente, comentários depreciativos sobre a idade avançada e a passagem para a velhice são frequentes, seja de maneira exagerada, como em humor, ou por meio de ideias que implicam: jovem é positivo, idoso é negativo (Nelson, 2015).

A aceitação do Idadismo também pode surgir sob formas discretas de se apresentar, como nas situações em que ele pode ser considerado positivo ou “pseudopositivo”. Isso é, manifesta-se em cuidados excessivamente adaptados para os mais velhos, como o uso de uma linguagem mais simples ao se comunicar com eles ou a limitação de atividades diárias para protegê-los de maneira exagerada - situações que podem, de forma indireta, vinculá-los a imagens de pessoas infantilizadas e sem poder. (Cherry & Palmore, 2008).

Com base em situações como estas, deduz-se que o Idadismo é um fenómeno intrincado, tanto porque a sociedade não tem o hábito de considerar os idosos como vítimas de preconceito e discriminação, tanto porque algumas atitudes em relação a eles são vistas

como forma de cortesia na nossa cultura, e não parece, por isso, ser fácil determinar quais seriam os padrões adequados para esse tipo de comportamento.

2.2. A disparidade presente na velhice e a instituição do Idadismo

É importante, primeiramente, reconhecer que os mais velhos constituem um grupo bastante diverso. Mudanças nas expectativas de vida levaram a que essa variação se tornasse frequente. Além disso, mesmo que todos os indivíduos que apresentem uma idade avançada sejam classificados como idosos, há uma diferença de idade significativa que lhes permite fazer parte da mesma família, como pais e filhos, mães e filhas, entre outros. Portanto, pode-se concluir que, no dia a dia, eles são vistos através de perfis variados e que lidam com desafios distintos nas interações sociais.

Além da referência exclusivamente etária, que será discutida de forma mais detalhada a seguir, é possível empregar critérios como condição social ou estado mental para classificar os idosos (Schneider & Irigaray, 2008). Desigualdades aparecem até mesmo por causa de critérios específicos empregados por quem integra o grupo, já que a presença de figuras maternas, semelhantes ao que se relaciona a uma avó, deve originar crenças bastante diferentes daquelas ligadas a personagens menos afetuosas, sejam elas vistas como severas ou em queda.

Além disso, ao refletir sobre o aumento da população idosa e sua expectativa de vida, o preconceito contra os mais velhos também pode surgir a partir de situações sociais. Na verdade, a maior interação entre pessoas de diversas idades pode levar a conflitos em diferentes contextos, seja por diferenças percebidas de comportamentos ou por concorrências por status social e recursos materiais.

Em síntese, a discriminação etária pode emergir de possíveis rivalidades, notadas principalmente pelos indivíduos mais novos, no que se refere ao acesso e à utilização de recursos tanto concretos quanto simbólicos (North & Fiske, 2012).

A institucionalização do Idadismo é vista sob duas perspectivas: a primeira sugere de visões profundamente enraizadas no que diz respeito às interações institucionais que existem para com os idosos. A título de exemplo no setor de saúde, onde são aplicados tratamentos menos intensivos para doenças comuns, uma vez que são consideradas normais para a faixa etária avançada (Bowling, 2007). Além disso, há uma tendência de ignorar sintomas de certas condições como o Alzheimer, dado que as manifestações,

como perda de memória e desinteresse, são frequentemente associadas ao processo de envelhecimento esperado (Luders & Storani, 2002).

Deve-se a Robert Butler a criação, um ano antes da publicação do livro de Beauvoir do neologismo *ageism*, traduzido em geral para português, por Idadismo, conceito que veio facilitar o debate sobre a discriminação dos idosos. O Idadismo é definido como uma combinação de atitudes prejudiciais para as pessoas mais idosas, ou para a idade idosa e para o processo de envelhecimento e por práticas institucionais e políticas que sobre eles perpetuam estereótipos.

O Idadismo é assim composto por três elementos: estereótipos, preconceitos e discriminação em relação a grupos ou indivíduos com base na sua idade (**Figura 2**). Em Portugal, por cada 100 jovens existem 182 idosos, por isso, o Idadismo é considerado a terceira forma de discriminação que causa mais vítimas, isto é, depois do racismo e do sexismo, este caso é refletido como o terceiro grande “ismo” da sociedade (Vergueiro & Lima, 2010).

Conforme destaca Nelson (2015), pode-se também afirmar que o Idadismo está presente de maneira institucional, pois representa uma forma de preconceito que se tornou amplamente aprovada nas interações diárias. Na cultura ocidental, é comum valorizar a juventude e a busca por aparência jovem a qualquer preço, assim como fazer piadas e comentários depreciativos sobre pessoas idosas ou o processo de envelhecimento, sem que haja qualquer tipo de punição ou desaprovação em relação a isso.

Embora o foco nas análises individuais seja amplamente reconhecido, visões em outros contextos também são essenciais para entender o Idadismo como um fenómeno social, já que atuam como fatores anteriores ou adicionais.

No âmbito interpessoal, a imagem do idoso é considerada fundamental para a formação de percepções desfavoráveis. Elementos físicos que, culturalmente, estão ligados a aspetos desfavoráveis promovem a criação de generalizações exageradas que geram aversão. Por exemplo, a partir de uma aparência considerada não atrativa, é possível deduzir traços negativos de carácter; olheiras ou uma postura encurvada podem sugerir solidão ou desânimo, enquanto ter rugas ou adotar uma marcha lenta poderia levar à ideia de que a pessoa é tímida ou desinteressada (Palmore, 2003).

De maneira geral, sugere-se que o fato de alguém ter certos atributos físicos, que muitas vezes é incontrollável, resulta em respostas desfavoráveis chamados de estigmas

(Bugental & Hehman, 2007). No âmbito sociocultural, é indicado que mudanças ao longo da história contribuíram para a queda do prestígio social dos mais velhos, que deixaram de ser referências importantes para se tornarem membros secundários nas dinâmicas familiares.

A reforma é outro ponto relevante na maneira como a sociedade enxerga os mais velhos, ou até mesmo na forma como se considera alguém idoso: deixar o emprego frequentemente leva à interpretação de que os reformados são indivíduos sem utilidade ou inativos, algo que diminui seu valor social (Vieira & Lima, 2015).

A esse respeito, é importante mencionar que, em um estudo que contou com a participação de mais de 45000 indivíduos em 25 países da Europa, a situação social dos indivíduos mais velhos foi vista como superior nas áreas que apresentavam níveis mais avançados de modernização e onde havia uma maior quantidade de idosos no mercado de trabalho. De maneira geral, a noção de que uma velhice ativa traz efeitos benéficos nas percepções acerca do coletivo parece ser correta conforme ressalta Silva (2008), a reforma, em certa medida, provoca uma interação entre a velhice e outras formas de incapacitação que afetam os trabalhadores, tornando-se um símbolo para aqueles que, ao fim de vida, ficam sem condições de contribuir.

Mudanças sociais desse tipo, junto com aspetos mais específicos, contribuem para que as convicções acerca dos idosos adotem uma percepção geral de desvalorização, permitindo que estereótipos sejam resumidos em um padrão abrangente.

O modelo relacionado ao conteúdo dos estereótipos destaca que, nos dias de hoje, as características de competência e sociabilidade são fundamentais na percepção dos grupos, gerando reações emocionais e comportamentais específicas em relação a eles. Embora os endogrups sejam geralmente percebidos como habilidosos e amigáveis, gerando um sentimento de orgulho, as perspectivas a respeito dos exogrups frequentemente mostram diferenças em relação a essas qualidades, o que pode levar a várias atitudes em relação a eles (Cuddy & Fiske, 2005).

A ideia de que pessoas idosas carecem de competência está ligada a percepções que as vinculam à vulnerabilidade, à incapacidade ou à falta de valor, refletindo perspectivas socio evolucionárias sobre a origem do preconceito etário. Nesta abordagem, a evolução dos seres humanos deu-se para que estes formassem grupos interdependentes, buscando aumentar a eficácia e o êxito, tanto individualmente como em grupo.

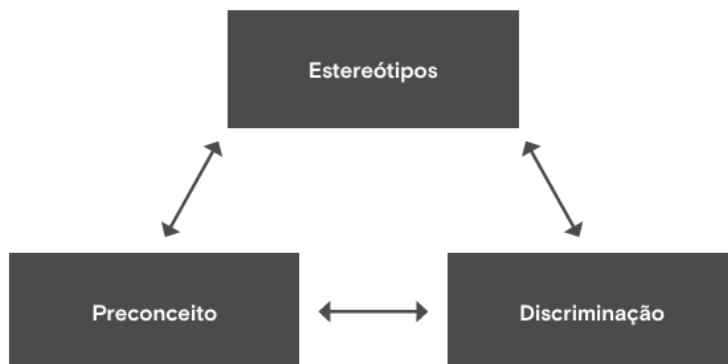
Consequentemente, quando alguns integrantes se mostram incapazes de oferecer feedback ao coletivo, frequentemente são percebidos como irrelevantes ou como uma ameaça, o que provoca atitudes protetoras de cuidado, mas também como respostas de irritação (Cottrell & Neuberg, 2005).

Importa referir que a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) reconhece que todas as pessoas são iguais em direitos, liberdades e garantias assim como a Constituição da República Portuguesa (CRP), no seu artigo 13.º, n.º 1, circunscreve que todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei. No entanto, nenhum destes proíbe explicitamente a discriminação com base na idade.

Por outro lado, a idade é um dos motivos que torna ilegítima a diferenciação de tratamento segundo a Carta dos Direitos Fundamentais da UE (cf. artigo 21.º). Os direitos humanos são permanentes ao longo da vida de qualquer cidadão, mas a verdade é que as pessoas idosas enfrentam diversos obstáculos na concretização desses mesmos direitos, devido à presença constante de barreiras criadas tendo origem num pressuposto comum: o Idadismo.

Figura 2

Idadismo



Nota. Autoria própria.

Este também pode ter uma origem pluridimensional onde a sociedade atual valoriza a beleza e a juventude, exaltando a individualidade, a independência e a competição socioeconómica segundo Vergueiro e Lima (2010) e as pessoas idosas como sendo maioritariamente inativas e apresentando níveis consideráveis de incapacidade ou dependência, não se enquadram nestes valores.

As publicações de Butler foram, de algum modo, preparadas por um estudo de 1963 que, abandonando o campo estrito das doenças na velhice, se orientou para a análise da situação de pessoas idosas saudáveis, perfeitamente integradas e residentes nas comunidades. Até então, os trabalhos anteriores tinham-se centrado principalmente nas pessoas idosas doentes e institucionalizadas. A investigação descobriu que muitos dos sintomas anteriormente atribuídos ao envelhecimento não se deviam, de todo, ao envelhecimento, mas à doença, que pode ocorrer em qualquer fase de vida.

Um dos aspetos mais relevantes do trabalho de Butler foi ter posto em evidência que o Idadismo não é um problema dos idosos, mas da sociedade no seu conjunto. Esta construção iniciada por Butler teve consequências muito significativas, com relevo para o trabalho de Paltrow que se empenhou no estudo do Idadismo a que muitos chamam ao preconceito final, a última discriminação, a rejeição mais cruel, que a todos atinge.

Surge assim, a necessidade de categorizar as pessoas por idades, isto é, classificar os cidadãos de forma a enquadrá-los num grupo. Todavia, esta categorização tende a traduzir-se na homogeneização do grupo (**Figura 3**) e no afastamento evidente dos diversos grupos, o que leva precisamente à não precisão das especificidades de cada indivíduo que compõe o conjunto para olhar somente para as características desse mesmo grupo.

Figura 3

Homogeneização do grupo



Nota. Idadismo.

Essa categorização é extremamente manipulada pelo meio ambiente (social) envolvente, de tal modo que se a sociedade apresentar visões negativas acerca das pessoas idosas, tenderemos a projetar essas mesmas visões nas pessoas idosas que encontrarmos (Marques, 2011).

Perante uma sociedade idadista torna-se visível o círculo vicioso que se manifesta em vários contextos: A infantilização da pessoa idosa que acontece quer na linguagem quer no trato, bem como, no tom e volume de voz. O menosprezo da opinião da mesma nos assuntos que lhe dizem respeito e lhe são importantes é uma manifestação também de Idadismo, bem como, uma forma de violência, neste caso, psíquica.

Uma outra metodologia de análise é seguida pela NCEA que estrutura os problemas dos idosos em torno da ideia de abuso, distinguindo:

- O abuso físico, que se traduz na força, resultando em danos físicos ou psicológicos ou desconforto. Inclui golpear, empurrar, sacudir, bater, restringir, administrar alimentação forçada e administrar fármacos contra a vontade. Pode incluir a violência sexual;
- O abuso psicológico, constituído pelo uso de palavras, atos ou outros meios para causar stress emocional ou angústia. Inclui ameaças (p.ex., de institucionalização), insultos, ordens difíceis, bem assim como permanecer em silêncio e ignorar a pessoa. E também inclui infantilização o que o incentiva a tornar-se dependente do agressor;
- A negligência, consiste na falta ou recusa de oferecer alimentos, remédios, cuidados pessoais ou outras necessidades;
- O abuso financeiro, consiste na exploração ou desatenção aos bens fundos da pessoa. Este inclui burlar, pressionar alguém para atribuir os seus bens e administrar de modo irresponsável o dinheiro do idoso.

O Idadismo não só influencia a presença de qualquer tipo de violência contra as pessoas idosas, como impede a sociedade de lidar com este fenómeno convenientemente, isto é, reconhecendo que se trata de uma violação dos direitos humanos (AGE Platform Europe).

2.3. O Idadismo em Portugal

O século XX trouxe, com a evolução das condições de vida, principalmente na saúde e na nutrição, uma mudança notável na estrutura etária no ocidente, devido ao crescimento da expectativa de vida, resultando em um aumento da população idosa e na melhoria de suas condições de vida.

Conforme os dados do Censo de 2011, Portugal revela um cenário de envelhecimento demográfico duplo bastante significativo. Além disso, segundo as previsões do Instituto Nacional de Estatística de 2011, até 2050, um em cada três cidadãos portugueses (37,7%) será maior de 65 anos, e metade da população do país terá mais de 50 anos.

Nos anos de 2010 e 2011, foram publicados dois documentos resultantes de uma pesquisa sobre o preconceito etário em Portugal, intitulada “Idadismo na Europa, uma abordagem psicossociológica com foco no contexto português” (Lima, 2011), dentro do escopo do *European Social Survey*. Os investigadores destacam entre os propósitos da pesquisa o intuito de preencher a falta de informação existente no nosso país acerca da extensão do Idadismo.

Portugal, neste trabalho, ocupa a quarta posição na Europa ao considerar a discriminação etária como uma questão séria ou extremamente séria. Outro dado curioso revela que tal discriminação “é a forma predominante de discriminação percebida pelos portugueses (17%), superando a discriminação de género (13%) ou étnica (11%)”.

A conclusão ressalta que, no âmbito europeu, Portugal apresenta um nível moderado de Idadismo, mas, ao contrário da tendência geral, o Idadismo é mais comum em relação aos idosos do que aos jovens.” (Lima, 2011). De acordo com a pesquisa, 20,8% das pessoas com idades entre 65 e 79 anos e 36% das que têm mais de 80 anos relataram já ter sentido discriminação.

As informações sugerem que "existe uma forma de preconceito mais gentil e protetora em relação aos mais velhos, pois (...) eles aparentam associar essa faixa etária a características comuns a grupos com menor status social: menor habilidade, ligada a uma alta percepção de afeto" (Lima, 2011), tornando esse grupo-alvo de admiração e compaixão.

“Apesar dos portugueses não verem os idosos como um grande risco para as despesas de saúde, nem para a cultura atual, eles são vistos como um fator económico importante, já que se acredita que esses indivíduos têm pouco a oferecer economicamente ao país” (Lima, 2011).

A inquietação, ou mais precisamente, o risco percebido entre grupos sobre os jovens diz respeito à delinquência (acima de 50%) e à questão do trabalho – a crença de

que os empregadores optam por contratar jovens de 20 anos em vez de indivíduos com 40 anos.

Em contrapartida, parece haver um contato limitado entre indivíduos de diferentes faixas etárias e os idosos, com um maior nível de interação com os jovens. Quanto à percepção de semelhança, os dados indicam que as pessoas na faixa dos 20 anos e aquelas com mais de 70 anos são vistas como dois grupos distintos, que pertencem a uma mesma sociedade. “Todavia, há uma percentagem significativa de portugueses que considera indivíduos nas mencionadas idades não como grupos, mas sim como pessoas únicas” (Lima, 2011).

Em Portugal, o combate ao Idadismo também encontra respaldo em organizações da sociedade civil. A Associação Cabelos Brancos, fundada em 2015, assume como slogan e causa maior “A vida sem prazos de Validade”. Os protagonistas são pessoas de todas as idades, que entendem que o envelhecimento é um assunto que diz respeito a todos e que se empenham para a sociedade, no seu conjunto, adote um papel ativo na construção de uma velhice mais digna e feliz.

Em 2021 foi criada a associação denominado de: “#STOPIDADISMO” dirigida por José Carreira com apoio de diversas parcerias cujo objetivo central é produzir e difundir informações, reflexões, dados atualizados e outros elementos que colaborem para ações organizadas para combater a presença do Idadismo. As mensagens e informações produzidas e partilhadas pelos parceiros da campanha são disseminadas pelas redes sociais e pelos veículos próprios das organizações associadas.

Em parceria com a associação mencionada anteriormente, realizou-se um projeto chamado "Amigos de todas as idades - vencendo o Idadismo" em Viseu no corrente ano. Foi parte de um projeto integrado no Programa das Atividades de Enriquecimento Curricular, que é dinamizado pelas Obras Sociais no Agrupamento de Escolas Infante Dom Henrique. As crianças devem ser educadas sobre a influência do Idadismo na sociedade e sobre o valor do respeito por todos.

Posto isto, é essencial investigar o que motiva o Idadismo em todas as suas componentes e desmistificar o processo de envelhecimento desde muito cedo, isto é, junto dos jovens. Embora, já se caminhe para a minimização do Idadismo ainda há muito a ser feito.

Capítulo 3 - A Educação Intergeracional

3.1. O contexto tradicional versus o contexto de pós-modernidade

Ao longo do desenvolvimento da história da humanidade, a aprendizagem intergeracional tem sido o maior e mais importante veículo informal de transmissão de conhecimento, competências e valores (Newman, 2008).

Assumindo os condicionalismos inerentes à pós-modernidade como válidos e inquestionáveis, as relações intergeracionais familiares podem ser analisadas em três perspetivas: a afetividade familiar, que é crucial para a manutenção de ambientes socializantes ideais, conforme Erikson (1950), e que deve ser oferecida aos indivíduos desde o nascimento até o leito de morte. O plano normativo, que define o conjunto de regras, tradições, convicções e princípios compartilhados pelos membros da família; e o plano operacional, que pode englobar, entre outros, auxílio financeiro, assistência a crianças ou idosos, execução de tarefas domésticas, e permuta de bens materiais não monetários.

Contudo, enfrentamos contingências sociais que se entrelaçam com as relações entre gerações. A primeira notável transformação observada nas sociedades ocidentais e em Portugal se manifesta nos elevados níveis de urbanidade. Atualmente, a maior parte da população portuguesa reside em áreas urbanas, principalmente no litoral e nas cidades de pequenas e médias dimensões do interior do país.

A urbanidade relaciona-se com a predominância da família nuclear, ou seja, famílias formadas por duas gerações, pais e filhos. Este modelo de estrutura familiar certamente complica a preservação de relações intergeracionais intensas e contínuas, como entre avós e netos, mesmo que essas relações ainda permaneçam em diversas situações. O que falta é o ambiente de família extensa como um ambiente de socialização, um ambiente que pode ser parcialmente explicado pela dupla função da casa de moradia como moradia e local de trabalho, principalmente na agricultura, na pequena indústria artesanal e nas pequenas empresas de comércio e serviços. Nesses cenários, as interações entre gerações estavam intrinsecamente ligadas ao modo de vida das famílias. Na família nuclear, as relações intergeracionais já não são tão inatas e devem ser pensadas e estruturadas como apenas mais uma das várias tarefas a serem cumpridas pelos integrantes do grupo familiar.

Devido a essas mudanças, frequentemente são os avós que compartilham sua sabedoria e conhecimento com os mais jovens, perpetuando a história, os valores e a cultura da sociedade de onde vêm e de sua família, estabelecendo a ligação desta com o passado (Newman, 2008).

A segunda mudança essencial é a verticalidade nas relações entre gerações. O crescimento progressivo da expectativa de vida observado nas últimas décadas permite a convivência de três gerações por períodos mais extensos e até mesmo a ocorrência já frequente de quatro gerações. Esta verticalização de gerações favorece o crescimento das relações entre avós/netos e bisavós/bisnetos, enquanto intensifica e centraliza as relações intergeracionais. Em outras palavras, passamos de uma época em que existiam muitos netos para poucos avós para uma época em que existem muitos avós para poucos netos.

A terceira mudança está na maior divisão dos papéis de gênero na família contemporânea, o que provoca mudanças na dinâmica das relações intergeracionais, buscando um equilíbrio maior na distribuição de tarefas (tempos e locais para compartilhar sentimentos e valores) entre as gerações matrilinear e patrilinear.

A quarta mudança envolve a diversificação e a reciprocidade dos processos de socialização. Historicamente, especialmente no âmbito normativo (valores, conhecimentos, crenças, tradições...), o conhecimento era transmitido de forma descendente. Os mais velhos detinham mais experiência e conhecimento, que eram naturalmente transferidos para as gerações mais novas. Em algumas sociedades, a idade confere um estatuto e um papel social de destaque. Os mais velhos possuíam conhecimento sobre as coisas da natureza, as artes e ofícios, o imaginário, além das relações entre indivíduos conhecidos apenas pelo nome e condição. A pós-modernidade transformou completamente essa circunstância. As gerações em idade produtiva possuem o maior capital social, tanto real quanto simbólico.

Tanto idosos quanto jovens, ambos em idade não produtiva, possuem um estatuto social inferior. Há políticas voltadas para a terceira idade e a juventude, que podem ser mais ou menos elaboradas, mas são frequentemente vulneráveis, sendo as primeiras a serem abandonadas em tempos de crise, como o atual. Atualmente, o saber que move o "mundo" encontra-se nos chamados sistemas abstratos, fundamentados no saber científico e tecnológico. A família e a comunidade, como meios de socialização, competem atualmente com os meios de comunicação e a internet. O conhecimento deixou

de ser exclusivamente transmitido dos mais velhos para os mais novos, tornando-se multidirecional. Em particular, o ideal é que se transite de uma era onde os avós ensinavam os netos para uma época onde todos se beneficiam mutuamente, sem negligenciar a geração dos pais.

Esta última enfrenta desafios adicionais devido à geração dos pais, também chamada de geração "sandwich" na literatura. Os pais têm a difícil tarefa de assumir as funções de família orientadora (com seus pais) e família procriadora (com seus filhos); eles têm a função de mediar no âmbito dos sentimentos, normas e suportes materiais. Estão cada vez mais dependentes do suporte dos avós na educação dos filhos, porém, muitas vezes, enfrentam desafios em harmonizar expectativas e métodos de ensino diferentes. Em contrapartida, a geração dos pais é a mais impactada por fenômenos de desestruturação familiar, tais como o desemprego, o divórcio, a monoparentalidade, a parentalidade tardia e a autonomização do divórcio, onde a custódia dos filhos é atribuída a um dos pais, enfraquecendo a ligação das crianças com a família do progenitor que não detém a custódia dos filhos (**Tabela 3**).

Tabela 3

A Evolução das relações intergeracionais familiares

No contexto tradicional	No contexto da pós-modernidade
Horizontalidade, menor diferenciação dos contextos socializantes e das expectativas.	Verticalidade, maior diferenciação dos contextos socializantes e das expectativas.
Maior número de relações, menor intensidade das mesmas.	Menor número de relações, maior intensidade das mesmas.
Sentido de ação socializadora predominantemente descendente.	Efeito de “nuvem socializadora envolvendo todas as gerações.

Afetos e valores partilhados espontaneamente no âmbito do apoio instrumental.	Afetos, valores e apoio instrumental partilhado de forma independente.
---	--

Nota. Teoria e Prática da Gerontologia.

Portanto, torna-se evidente que o relacionamento e a convivência entre as crianças e os mais idosos oferecem múltiplos benefícios. Assim sendo, as crianças ganham apoio, consciência, sabedoria, conhecimento dos mais idosos enquanto estes recebem ideias novas, conhecimento sociais e muitas vezes através de meios tecnológicos, o que contribui para o desenvolvimento de uma sociedade cada vez mais integrada e harmoniosa.

Entender melhor as características das histórias partilhadas entre crianças e idosos pode enriquecer e fomentar o debate sobre o desenvolvimento cognitivo num ambiente cultural e fomentar iniciativas educacionais que promovam a interação entre esses dois grupos etários.

As propostas educacionais não se baseiam somente numa visão de caridade, onde um lado oferece paciência e atenção, mas sim numa visão de amplos benefícios mútuos que favorecem o desenvolvimento de habilidades específicas para cada faixa etária. A forma como a sociedade se comunica com os idosos tem um impacto significativo no uso da linguagem (Pratt & Norris, 1994).

Para além das repercussões cognitivas das representações sociais do envelhecimento, os efeitos sociais e emocionais também são fundamentais. Se a imagem da velhice é baseada na ideia de declínio e diminuição de capacidades, isso traz consequências negativas tanto para os idosos em relação ao envelhecimento (Velo, Nascimento & Camargo, 1999).

3.2. Modelos para a prática da intergeracionalidade

O idoso é frequentemente percebido como uma pessoa doente, sem habilidades, não produtiva, tornando-se dependente de seus familiares e, de maneira mais ampla, da sociedade como um todo. Conforme Barros (2008), o Idadismo e/ou a gerontofobia é visto como um processo de diminuição, no qual predominam características desfavoráveis. O mesmo autor menciona que os estereótipos relacionados ao

envelhecimento e à velhice são mais estigmatizados em sociedades ocidentais e consideradas desenvolvidas, observando que, de modo geral, as culturas africanas e orientais valorizam mais os seus idosos.

Existem, contudo, pesquisas que não apresentam essas percepções desfavoráveis acerca do envelhecimento. Esse foi o resultado das investigações realizadas por Molina em 2000, que, ao analisar um grupo de jovens e adultos, verificou que ambas as faixas etárias possuíam uma opinião favorável sobre os mais velhos.

Um elemento que foi considerado relevante é que as opiniões favoráveis tendem a aumentar com o passar dos anos, o que implica que os jovens possuem visões menos otimistas do que os adultos em relação aos mais velhos. Dessa maneira, Barros (2008) aponta que tem havido escassez de esforços para melhorar a percepção dos jovens em relação aos idosos. A pesquisa realizada por Bales, Eklund e Siffin (2000) indica que a interação entre crianças e pessoas mais velhas aprimora a visão que os jovens têm dos mais velhos.

Com base nestes dados, Barros (2008) aponta a importância de implementar programas educacionais como uma estratégia de ação nesse campo, ressaltando ainda que esse envolvimento deve começar o quanto antes. A visão que os jovens têm sobre os mais velhos pode ser diferente em cada cultura, devido a fatores como: costumes, a organização familiar e o nível de interação próxima com os idosos. No entanto, o autor também ressalta que, não importa a sociedade, essas perspectivas podem ter impactos futuros caso os jovens precisem tomar a responsabilidade de cuidar dos idosos.

Dessa forma, é evidente que as visões que os jovens têm sobre os mais velhos serão cruciais na forma como a sociedade decide cuidar deles. O autor também menciona que muitos desses jovens se tornarão idosos no futuro, e, por isso, suas opiniões sobre a idade avançada podem impactar seu crescimento pessoal na fase adulta, assim como seu próprio envelhecimento.

De acordo com França, Silva e Barreto (2010), o trabalho intergeracional é um processo educativo voltado para a melhoria de uma comunidade. Ele envolve a troca de informações, percepções e saberes, tudo isso de maneira criativa, ultrapassando conceitos pertinentes. Estes destacam as habilidades, competências e saberes individuais para a realização de atividades onde todos se beneficiam. Esses tipos de atividades ou programas podem ser implementados em diversos cenários e com todos, sem distinção de idade,

sempre levando em consideração a disponibilidade pessoal para a participação voluntária neste processo.

Camilo (2014) enfatiza este plano como promotor de diálogo, facilitador de aprendizagens relevantes e incentivador de experiências de colaboração. Assim, observam-se inúmeras vantagens na promoção das relações intergeracionais para ambas as partes. As práticas intergeracionais têm mostrado que é viável alterar a mentalidade da comunidade em relação ao idoso e resgatar a memória de uma nação por meio de seu patrimônio vivo. Essas conquistas podem e devem ser dispersas por outras entidades, tanto públicas quanto privadas (França, Silva & Barreto, 2010, p. 529).

Vários modelos e práticas intergeracionais podem ser criados e até mesmo incorporada ao cotidiano das pessoas e das próprias instituições. As ações intergeracionais podem ser realizadas em diversos cenários e com diversas gerações, sempre com o objetivo de promover a aprendizagem e o bem-estar de todos.

3.3. Uma Educação Intergeracional para o Desenvolvimento Comunitário

A intergeracionalidade pode ser vista como uma abordagem educacional, voltada para a educação de todos e para a educação ao longo da existência. Ainda é um processo em que todos aprendem e todos ensinam.

A educação desempenha um papel crucial para garantir que todos os cidadãos obtenham as habilidades fundamentais necessárias para se adaptarem com flexibilidade a essas mudanças. Entende-se por competências a combinação de conhecimentos, habilidades e atitudes apropriadas ao contexto, necessárias para o crescimento pessoal, para o exercício de uma cidadania ativa, para a inclusão social e para a obtenção de emprego (Patrício & Osório, 2013, p. 3603).

Os autores declaram que a educação desempenha um papel crucial no progresso da sociedade, incluindo a aprendizagem e a solidariedade entre gerações. Portanto, é imprescindível alocar recursos para implementar uma aprendizagem intergeracional, obtendo mais qualidade e acessibilidade. De acordo com Villas-Boas (2016) a educação é oferecida a todas as idades e durante toda a existência, enfatizando tópicos como o envelhecimento saudável, a educação e a solidariedade. Tudo isso resulta em mudanças

para um mundo mais justo. A educação contínua contribui para um desenvolvimento humano mais equilibrado, possibilitando uma maior integração desta nas sociedades.

A Educação Intergeracional engloba diversas aprendizagens e novos saberes para todos os envolvidos. Ela se apresenta como um processo, no qual todos aprendem e todos ensinam.

Portanto, a aprendizagem intergeracional para Ricardo (2016) é um tema relevante atualmente em termos de pesquisa, e a execução de novos estudos pode trazer contribuições significativas para a implementação de políticas públicas. Também servirá como um instrumento de apreciação e reconhecimento social pela participação dos idosos em atividades sociais, muitas delas conduzidas de forma voluntária, que trarão benefícios para toda a comunidade.

É essencial valorizar a dimensão relacional, adotando um modelo de educação focado na formação de vínculos, direcionando atividades para a educação familiar, estabelecendo assim relações democráticas (Leandro, 2001).

Segundo Forquin (2003), a educação e as gerações são conceitos diferentes. Contudo, o pensamento sobre a educação como um projeto ou processo leva à renovação das gerações. Há socialização, formação, ensino e aprendizagem nas transições entre gerações. Villas-Boas (2016) definem a educação intergeracional como um "conjunto de gerações executando atividades e tarefas que atendem às suas necessidades e interesses, em um ambiente de cooperação, interação, troca e diálogo intergeracional, construído em um ambiente de igualdade, tolerância e respeito recíproco" (p. 133).

Palmeirão e Menezes (2009) declaram que "o desafio da educação intergeracional é de grande relevância na sociedade contemporânea." Ainda mais, ao admitir a recriação de obrigações e a criação de laços de solidariedade opcionais às práticas comuns de convivência entre gerações" (p.23).

É imprescindível estabelecer nas instituições locais de convívio entre diferentes gerações, promovendo assim a Educação Intergeracional que, conforme observado, traz vantagens não apenas para os participantes, mas também para as comunidades e sociedades em que estão inseridas. Portanto, podemos dizer que este trabalho promove transformações em todos os envolvidos, resultando em maior responsabilidade, respeito, cooperação e solidariedade entre as diversas gerações.

A Educação Intergeracional auxilia na superação de estereótipos e preconceitos baseados na idade, incentiva o respeito, facilita a disseminação de valores e tradições, além de incentivar a colaboração e o crescimento pessoal. De acordo com Delors (1996), a Educação Intergeracional promove a diversidade, preserva tradições, promove a solidariedade e previne a violência e os desentendimentos.

3.3.1. Programas intergeracionais

Uma das abordagens promissoras para fomentar uma visão mais positiva do envelhecimento são os programas intergeracionais, desenvolvidos para facilitar a interação entre crianças e idosos. Uma grande parte dos estudos sobre a relação entre os dois grupos foca-se na experiência dos programas intergeracionais desenvolvidos nos Estados Unidos. De acordo com Maier (2004), os programas têm sido implementados nos Estados Unidos há cerca de cinco décadas. Haber e DeGraff (1990) oferecem uma perspectiva geral dos programas intergeracionais, que têm como objetivo primordial estabelecer uma conexão entre idosos e crianças, incluindo atividades planejadas para fomentar interações entre as diferentes faixas etárias.

A principal vantagem percebida é que os jovens contribuem para melhorar a qualidade de vida dos mais idosos, trazendo energia, afeto, naturalidade e leveza. Por outro lado, os mais velhos proporcionam orientação, confiança e partilham as suas histórias de vida. Chamberlain, Fetterman e Maher (1994) defendem que a educação sobre o envelhecimento deve ser uma das principais preocupações dos profissionais que trabalham com jovens, pois as percepções positivas sobre o envelhecimento e os idosos estão frequentemente ligadas a experiências intergeracionais proveitosas.

Powers et al. (1989) detalham as várias fases de um projeto intergeracional que teve como meta integrar idosos como narradores de histórias em escolas do ensino fundamental/secundário. Para tal, incentivaram 44 idosos a relatar mais de 60 histórias, escolhidas pelo seu potencial e valor educativo para as crianças, que posteriormente analisaram as narrativas, destacando o seu interesse e a riqueza de valores, bem como, as perspectivas históricas, apesar de algumas carecerem de elementos como uma definição mais clara sobre o tema, enredo e conclusão dos mesmos.

Segundo Powers et al., (1989), os resultados mostraram que os idosos possuíam habilidades de narração que poderiam ser aprimoradas. Com o objetivo de narrar histórias que captassem a atenção dos estudantes do ensino fundamental/secundário e destacassem

a importância da autodeterminação na velhice, os pesquisadores incentivaram discussões sobre os temas recorrentes nas histórias que podiam interessar às crianças e sugeriram maneiras de tornar as narrativas mais envolventes.

Os idosos participaram num programa desenhado para aprimorar as suas habilidades a contar histórias, culminando em apresentações finais. Os participantes demonstraram um progresso significativo na capacidade de estruturar e apresentar as suas histórias e ideais. Seis idosos foram escolhidos para narrar as suas histórias e vivências em diferentes escolas, tanto para grandes audiências quanto para grupos mais pequenos de acordo com Powers et al., (1989).

Os resultados mostram melhorias tanto no comportamento quanto na capacidade de escuta das gerações mais antigas, além da aquisição de habilidades de apresentação. Neste sentido, os professores obtiveram materiais adicionais para referências nas suas salas de aulas e tomaram consciência da importância das gerações mais velhas (Powers et al., 1989).

Consequentemente estes aumentaram as suas competências narrativas, ampliando-as para outros contextos e desenvolvendo um maior senso de orgulho pessoal e uma rede mais ampla de contatos humanos. Alguns deles continuaram a contar as suas histórias em outras escolas (Powers et al., 1989).

O texto termina destacando a rapidez com que os idosos desenvolveram as suas narrativas, tanto em termos de conteúdo quanto de forma, e como programas educacionais podem ajudar o idoso a ampliar sua experiência e torná-la útil para as novas gerações (Powers et al., 1989).

De salientar que na Inglaterra, foi criado um Centro de Reminiscências denominado *Age Exchange*, que tem como objetivo formar narradores orais idosos e profissionais interessados em promover a narração autobiográfica do idoso (*Age Exchange - Community Integrated Care*, 2023).

Em Portugal, a Universidade de Coimbra com objetivo de apoiar e promover o bem-estar dos jovens, dos idosos, e das suas famílias, tem vindo a desenvolver um programa, intitulado de “Lado a Lado”, em que jovens universitários vão viver nas residências de pessoas idosas. Esta iniciativa beneficia tanto o estudante, que tem disponível aconchego e uma pessoa de referência em que pode confiar numa cidade nova,

como o idoso, que tem uma nova companhia, o que contribui para a diminuição de sentimentos de solidão (Coimbra, 2025).

3.3.1.1. “Adote um Amigo”

Destacando a crescente necessidade de incentivar a aprendizagem e a prática entre diferentes gerações, frequentemente negligenciada ou ignorada, como forma de fomentar a solidariedade entre os povos, buscamos apresentar alguns exemplos construtivos da nossa atuação profissional. Um bom exemplo de prática positiva é a iniciativa que está sendo realizada atualmente na Junta de Freguesia de Campolide para enfrentar a solidão entre os idosos. Esta Junta de Freguesia, em colaboração com estudantes da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, implementou o projeto “Adote um Amigo”, que tem como objetivo reduzir a solidão entre os idosos da Freguesia (Grazina & Sousa, 2012).

A proposta nasceu de um acordo entre a autarquia e a Universidade, resultando na formação de um grupo de voluntários, compostos por alunos da Faculdade de Economia. Desde março de 2011, esses estudantes visitam semanalmente um idoso, e os resultados têm sido avaliados como benéficos.

De acordo com Paula Brito, que está à frente do programa, disse à Agência Lusa, “Sentimos um enorme contentamento, tanto entre os idosos quanto entre os voluntários. Laços afetivos muito interessantes estão se formando.” Esta Junta de Freguesia possui várias ações voltadas para a terceira idade, principalmente para aqueles que residem sozinhos e se encontram isolados em suas residências. A mesma aponta relativamente a estes idosos que: “devido ao fato de estarem mais avançados em idade ou por razões relacionadas à sua locomoção” tem gerado preocupação significativa.

A meta é atender às demandas dessas pessoas que, “frequentemente experienciam um grande isolamento emocional”, disse ainda: “É um tipo de voluntariado distinto, pois é semelhante a cuidar de um parente ou um amigo”, observando que “Os jovens os visitam como se fossem netos ou sobrinhos, passam tempo com eles, assistem televisão, vão a um café, os ajudam nas compras, escutam suas histórias”, embora, na verdade, não sejam membros da família.

A coordenadora mencionou também que, para os jovens, “isso representa uma vantagem significativa, pois lhes ajudará a cultivar características como empatia, disposição para compartilhar, aceitação e uma melhor compreensão da geração anterior”.

Muitas vezes, os jovens que participam em atividades com os idosos em instituições se divertem ao interagir com as pessoas mais idosas, demonstrando entusiasmo por essas experiências.

De acordo com Andrade (2002), a interação social é extremamente relevante tanto para as pessoas idosas quanto para os jovens. Para os mais velhos, isso oferece a oportunidade de interação e conexão social, enquanto os jovens se beneficiam ao ter a chance de aprender e adquirir conhecimento através das vivências e sabedoria das pessoas mais velhas.

A interação entre jovens e idosos é essencial, podendo influenciar de maneira benéfica a forma como encaram a velhice dos seus familiares, além de impactar também a própria velhice. O contato entre essas duas faixas etárias pode, de certa forma, ajudar quando os jovens de hoje se tornarem idosos.

Entretanto, é certo que ao chegarem à terceira idade, precisarão da ajuda de terceiros. Uma das benesses da interação entre os mais novos e os mais velhos é que estes últimos passam a ter uma sensação de juventude, relevância e utilidade. O idoso necessita se relacionar com os jovens, pois por meio da interação com a juventude, especialmente ao compartilhar relatos de sua vida, revive e recorda épocas passadas, permitindo que o jovem o conheça melhor, estabelecendo um vínculo emocional entre eles, o que é fundamental na (re)formação da identidade tanto do idoso quanto do jovem.

Dessa forma, o idoso sente-se significativo para alguém que o aprecia, tendo assim a chance de conviver com os mais jovens, não apenas para relembrar, por meio de suas histórias, mas também para conhecer novas pessoas que o reconhecem, ou seja, para fazer novas amizades.

3.3.1.2. “O Centro Social da Sé”

Outro caso relevante de ações intergeracionais decorreu no Centro Social da Sé, uma instituição da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, que oferece serviços de Centro de Dia e Apoio Domiciliário para ajudar os idosos das paróquias em suas áreas de atuação (Grazina & Sousa, 2012). Desenvolve ações prazerosas, de lazer, artísticas, educativas e de informação, oferecendo aos idosos que visitam este local a alternativa de selecionar aquelas que mais os interessam, buscando atender suas necessidades e promover seu bem-estar pessoal.

Durante cerca de um ano, ocorreu uma troca quase diária, que iniciou como semanal, entre os jovens e os idosos do Centro, resultando na realização do Festival Alkantara 2010. A peça teatral *Dona Vlassova & Guests* (Centro de Dia) foi fruto de um projeto intergeracional desenvolvido ao longo de aproximadamente um ano, com encontros semanais entre jovens atores e frequentadores destes espaços (Grazina & Sousa, 2012).

É fundamental mencionar o papel significativo que esses jovens desempenharam na vida dos idosos, e o reconhecimento que os mais velhos experimentaram foi autêntico, no relacionamento sincero da troca de carinho e na contínua troca de afeto.

"A principal qualidade do Centro de Dia, além de nos permitir viver em uma temporalidade completamente distinta, contemplativa, coletiva e tranquila, é sua capacidade de se estabelecer sem necessidade de extensas elucidações ou complexas ideias. Isso se realiza através da clareza e da espontaneidade." (Pina Coelho, in: Público, 2010).

A interação entre estas duas faixas etárias (jovens e idosos) gerou uma colaboração incrível que trouxe fluidez e alegria para todos os envolvidos. Com um formato de show diversificado, os artistas extremamente autênticos (os idosos que se representam) cantam canções, individualmente e em grupo, que nos fazem reviver memórias, de uma identidade portuguesa que acreditamos estar desaparecida (e muitas vezes sem propósito). Uma força tão intensa que imediatamente me tocou. Não pela romantização da idade avançada, não pela compaixão, não pela transformação em algo curioso que poderia ocorrer, mas pela delicadeza, respeito e simplicidade que se mostravam diante de nós.

Para os idosos que durante aproximadamente um ano interagiram com esses jovens e desempenharam um papel ativo no evento, ou um papel mais passivo ao relatar suas histórias e dividir experiências de vida, o festival Alkantara carregou um valor especial: "Um raio de sol! Eles apareceram do nada, uma juventude, informada e interessada, foi a melhor coisa que poderia ter acontecido, em um mundo de silenciosos, que ficam o dia todo sentados, conversando (...)" (Germano Lopes, 84 anos).

Todo o esforço realizado e demonstrado revela que, de modo geral, a maioria das interações entre diferentes idades traz efeitos benéficos, visando como meta compartilhada a melhoria da qualidade de vida dos envolvidos.

Conforme observado por Ribeiro e Paúl em 2011, as interações entre indivíduos são a base que sustenta e forma nossa identidade:

“(...) nossas interações funcionam como âncoras que organizam nossas prioridades, e um ambiente de convivência pacífica com os demais nos proporciona um senso de segurança, apoio e compreensão, ajudando a moldar nossa identidade, já que a percepção que os outros têm de nós influencia a imagem que criamos de nós mesmos.” (p.141).

A evolução e a aprendizagem influenciam-se reciprocamente. A pessoa forma-se e aprimora-se à medida que realiza interações sociais, tomando posse e reinterpretando a cultura de gerações passadas.

De reforçar, no entanto, que Portugal apresenta algumas respostas, mas infelizmente dado ao índice de envelhecimento atual estas tornam-se escassas e cada vez mais de alto custo, pelo que, há muito a fazer.

Cabe às gerações mais novas promover a inclusão dos seus seniores, ao gerontólogos e a outros técnicos sociais o encaminhamento para respostas sociais, de modo a quebrar o isolamento, para que o relacionamento com os outros possa ser o início de um envelhecimento mais saudável e feliz. Os jovens, enquanto construtores das suas identidades, têm de se preparar para se tornarem indivíduos autónomos conscientes da sua maturidade e evolução pessoal: (...) Na juventude descobrimos o que desejamos fazer e quem desejamos ser (...) Enquanto jovens adultos aprendemos com quem desejamos estar (...) Na idade adulta, contudo, aprendemos de que e de quem podemos tomar conta (...) (Gleitman, 2009).

3.4. Benefícios de projetos intergeracionais para o Desenvolvimento Comunitário

Incentivar a intergeracionalidade pode trazer benefícios sociais, contribuindo para a formação de sociedades mais equitativas, com relações de cooperação e solidariedade, contribuindo para um ambiente social e cultural mais saudável. Isso também ajuda o idoso a evitar o isolamento e estabelecer novos vínculos, aprendendo a viver e a coexistir com todas as gerações de maneira equilibrada. França, Silva e Barreto (2010) sustentam que a solidariedade entre gerações auxilia na eliminação de preconceitos sociais e na elevação da qualidade de vida de jovens e idosos, trazendo benefícios recíprocos para as diversas

gerações. Os autores afirmam que este tipo de relações contribui para que as pessoas se sintam mais felizes consigo mesmas e com o mundo ao seu redor.

Ainda é possível obter um melhor entendimento da história familiar, formar novas amizades, resgatar valores e promover um desenvolvimento cognitivo e social mais aprimorado. Portanto, é possível dizer que a intergeracionalidade leva todos os participantes a adquirir novos conhecimentos e aprendizados. Este saber só pode ser efetivamente compartilhado quando há respeito e entendimento mútuos. Portanto, novos conhecimentos são compartilhados, permitindo que ambas as gerações adquiram novas habilidades. Portanto, resultando em um ensino intergeracional.

As interações já citadas promovem aprendizados contínuos ao longo da vida, ligados ao crescimento e à inclusão social, fortalecendo o respeito e a compreensão entre as pessoas envolvidas. Dessa forma, eles constituem uma sociedade mais condescendente e conectada.

Os programas intergeracionais proporcionam uma série de vantagens para os seus integrantes. De acordo com os autores referidos anteriormente, estes fomentam a partilha de saberes, afetividade, eliminação de preconceitos, formação de valores e lembranças, fortalecimento de comportamentos solidários e a aproximação entre gerações. Esta aproximação pode ser alcançada por meio de atividades recreativas de natureza social, levando em consideração os interesses dos envolvidos.

A educação intergeracional de acordo com Villas-Boas et. al. (2016) proporciona inúmeras vantagens para a educação de jovens e crianças:

Aumento da autoestima, autoconfiança; redução do sentimento de solidão e isolamento; acesso ao suporte de adultos nos momentos difíceis; fortalecimento do senso de responsabilidade social, cívica e responsabilidade em relação à comunidade; percepção mais positiva das pessoas idosas; aprimoramento de competências práticas e dos resultados escolares; diminuição da participação em atos violentos e uso de drogas; fortalecimento da esperança; suporte na construção da própria trajetória profissional; envolvimento em atividades voluntárias (p. 125).

Os autores ressaltam outros benefícios da transmissão intergeracional, como o incentivo à cultura de educação contínua, o enriquecimento do saber de todas as gerações e a valorização da diversidade cultural entre as diversas gerações, identificando-se assim

diferenças culturais entre as diversas gerações. Também promove comportamentos positivos entre gerações e promove a aprendizagem conjunta. Trata-se de uma educação multidimensional que conecta a escola à comunidade, possibilitando a exploração dos interesses e necessidades em diversas etapas da vida escolar, profissional ou de reforma sendo vantajosa para pessoas, comunidades e sociedades, ensinando a coexistir, conhecer, realizar e ser.

Demonstramos que a realização de atividades intergeracionais sob a perspectiva de uma educação intergeracional é vantajosa para todos, gerando benefícios sociais e pessoais. Ao fortalecer os vínculos entre as diversas gerações, independentemente das estruturas etárias e da relação entre as idades de escolaridade, trabalho e reforma, as sociedades tendem a se tornar mais harmoniosas e, possivelmente, mais aptas a intensificar a coesão social (Leandro, 2001, p.293).

PARTE III – ENQUANDRAMENTO METODOLÓGICO

Capítulo 4 – Metodologia

4.1. Tipo de Estudo

Esta investigação foi conduzida a partir de uma abordagem qualitativa com um olhar interpretativo que segundo Denzin e Lincoln (2006), envolve uma perspectiva interpretativa do mundo, o que significa que, os investigadores analisam fenómenos em ambientes naturais para compreender os significados que as pessoas atribuem. Esta pode ainda assumir várias formas, destacando-se a pesquisa etnográfica e o estudo de caso que têm angariado grande aceitação e credibilidade pela crescente utilização de abordagens de natureza qualitativa na investigação em educação (Ludke & André, 1986).

Os autores Ludke e André (1986) destacam sete características para este tipo de investigação qualitativa:

(1) visam a descoberta, na medida em que podem surgir, em qualquer altura, novos elementos e aspetos importantes para a investigação, além dos pressupostos do enquadramento teórico inicial; (2) enfatizam a interpretação em contexto, pois todo o estudo desta natureza tem que ter em conta as características da escola, o meio social em que está inserida, os recursos materiais e humanos, entre outros aspectos; (3) retratam a realidade de forma completa e profunda; (4) usam uma variedade de fontes de informação; (5) permitem generalizações naturalistas; (6) procuram representar as diferentes perspectivas presentes numa situação social; e (7) utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que outros métodos de investigação.

A investigação qualitativa, segundo Denzin e Lincoln (2006), é entendida como um conjunto de métodos que produzem uma interpretação do mundo. Isso é possibilitado pela combinação de significados, que dá ao pesquisador as ferramentas necessárias para reconhecer fenómenos. Para estes autores, a pesquisa qualitativa,

(...) Trata-se de uma atividade contextual que posiciona o observador em sua realidade. Compreende um conjunto de ações práticas e de interpretação que tornam o mundo visível. Essas ações convertem o mundo em uma variedade de representações, como anotações de campo, entrevistas, diálogos, imagens, gravações de áudio e lembretes. Nesse contexto, a pesquisa qualitativa adota uma

abordagem naturalista e interpretativa da realidade, o que implica que os pesquisadores analisam os fenómenos em seus ambientes naturais, buscando compreender ou interpretar os fenómenos com base nos significados que as pessoas atribuem a eles (p. 17).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), esta abordagem adotada surgiu no final do século XIX e início do século XX, atingindo o seu auge nas décadas de 1960 e 1970 através de novos estudos e posteriormente na sua divulgação. Nas duas últimas décadas, assistiu-se assim a uma aplicação gradual de abordagens essencialmente qualitativas na investigação, particularmente em Educação. Esta tem na sua essência, segundo estes autores cinco características:

(1) a fonte direta dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados; (2) os dados que o investigador recolhe são essencialmente de carácter descritivo; (3) os investigadores que utilizam metodologias qualitativas interessam-se mais pelo processo em si do que propriamente pelos resultados; (4) a análise dos dados é feita de forma indutiva; e (5) o investigador interessa-se, acima de tudo, por tentar compreender o significado que os participantes atribuem às suas experiências (p. 47-51).

O método qualitativo foca-se no estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das perceções e das opiniões, explorando as interpretações dos indivíduos sobre as suas vivências, os objetivos que os cercam e a si mesmos (Minayo, 2010).

Conforme Liebscher (1998), a abordagem qualitativa é adequada para estudar fenómenos sociais complexos e de difícil quantificação. O autor salienta que, para utilizar corretamente o método qualitativo, o investigador deve ser hábil em observar, analisar e documentar as interações entre as pessoas e entre as pessoas e o sistema. Esta abordagem envolve uma interação dinâmica entre a realidade objetiva e a subjetividade do indivíduo, um vínculo que não pode ser expresso numericamente (Silva & Menezes, 2005). Assim, o foco do investigador não está em quantificar os eventos, mas em basear-se na avaliação da qualidade das experiências observadas, (Minayo, 2017), ou seja, como as coisas acontecem.

Prodanov e Freitas (2013) afirmam que os estudos realizados utilizando uma perspectiva qualitativa, ao contrário daqueles que se concentram em uma abordagem quantitativa, não possuem os

(...) Dados estatísticos são considerados o núcleo do processo de exame de um problema, não sendo, portanto, a prioridade contar ou quantificar unidades. As informações reunidas nessas investigações têm um carácter descritivo, representando a maior quantidade possível de elementos que fazem parte da realidade analisada. O foco recai muito mais sobre o processo do que sobre o resultado. Na avaliação das informações coletadas, não há uma preocupação em validar hipóteses que foram previamente formuladas, mas isso não exclui a presença de um conjunto teórico que orienta a coleta, análise e interpretação dos dados (p. 70).

Dessa forma, a investigação qualitativa foca em obter uma compreensão aprofundada dos significados e das particularidades do objeto em análise, permitindo uma imersão na complexidade do fenómeno estudado. Portanto, segundo Paulilo (1999) reconhece-se a relevância do processo, que, ao contrário do produto final, fornece ao investigador, informações muito valiosas para o progresso da investigação.

“(...) opera com princípios, convicções, comportamentos, posturas, percepções, ideias e adapta-se para explorar a complexidade de eventos e processos que são exclusivos a pessoas e coletivos. Assim, a metodologia qualitativa é utilizada para entender fenómenos que possuem um elevado grau de complexidade interna” (p. 135).

Richardson (1999) define como objetivo principal da pesquisa qualitativa,

“(...) o problema não está na criação de opiniões representativas e quantificáveis de um grupo; está na ampliação do entendimento sobre um fenómeno social através de entrevistas detalhadas e análises qualitativas da consciência articulada dos participantes do fenómeno” (p. 102).

Quando nos referimos à área de pesquisa social, a pesquisa qualitativa possui uma abordagem distinta daquela sugerida pelas investigações quantitativas. Neste contexto, procura-se entender, interpretar e explicar um conjunto de elementos resultantes das interações entre pessoas, que denominamos fenómeno social.

4.2. Método

A investigação privilegiará o estudo de caso como metodologia destacando as suas vantagens em termos de aplicações prática em contextos humanos e situações reais do dia a dia. Segundo Yin (2001):

O estudo de caso é uma investigação empírica que analisa um fenómeno contemporâneo (o caso) em profundidade e em seu contexto de mundo real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes (p. 32).

Segundo esta linha de pensamento e na perspectiva de Dooley (2002):

Investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explicar uma situação, para estabelecer uma base de aplicação de soluções para situações, para explorar, ou para descrever um objeto ou fenómeno (pp. 343-344).

Este estudo debate a finalidade e a metodologia dos estudos de caso, que procuram reunir informações aprofundadas e sistemáticas sobre um fenómeno / episódio específico, conforme mencionado por Patton (2002).

Segundo Dooley (2002) o benefício do estudo de caso reside na sua capacidade de aplicação em situações humanas, em contextos atuais da vida real e que,

Investigadores de diversas áreas utilizam a técnica de estudo de caso para formular teorias, criar novas teorias, refutar ou desafiar teorias, esclarecer uma situação, estabelecer uma base para a aplicação de soluções para situações, investigar ou descrever um objeto ou fenómeno (p. 343-344).

O estudo de caso é descrito como um exame minucioso e detalhado, que se foca geralmente em poucos objetos de estudo para permitir uma compreensão profunda, conforme apontado por Gil (2007).

Além disso, é explicado que um estudo de caso pode ser a narrativa de um fenómeno histórico ou contemporâneo, construído a partir de várias fontes de evidência e informação, incluindo observação direta e entrevistas sistemáticas, bem como,

pesquisas em arquivos, tanto públicos como privados, como forme mencionado por (Voss et al., 2002).

O método tem de ser estruturado por um arcabouço teórico que direciona as questões de pesquisa e as hipóteses, compilando um conjunto diversificado de dados e evidências, como indicado por Martins (2008).

Para Llewellyn e Northcott (2007) essa abordagem é essencial para garantir a integridade e a riqueza das informações reunidas:

(...) o estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real” adequando quando “as circunstâncias são complexas e podem mudar, quando as condições que dizem respeito não foram encontradas antes, quando as situações são altamente politizadas e onde existem muitos interessados (p. 195).

4.3. Técnicas de Recolha de Dados

A recolha de dados irá se basear em entrevistas semiestruturas e através da observação participante tendo as notas de campo como instrumento que consiste numa técnica fundamental na pesquisa qualitativa empírica.

De acordo com Moreira (2002), a entrevista pode ser definida como “uma conversa entre duas ou mais pessoas com um propósito específico em mente” (p.54). Estas são um importante instrumento de trabalho em vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como o da sociologia, antropologia, psicologia social, política, serviço social, jornalismo, relações-públicas, pesquisa de mercado e outras (Marconi & Lakatos, 2007).

Existem diferentes tipos de entrevistas que variam de acordo com o propósito do investigador. As entrevistas semiestruturada segundo Dickey-Bloom e Crabtree (2006) afirmam que esta é comumente “organizada em torno de um conjunto de questões abertas pré-determinadas, com outras questões emergindo a partir do diálogo entre entrevistador e entrevistado” (p. 315).

Para Ludke e André (1986), a técnica de entrevista que mais se adapta aos estudos do ambiente educacional e social é a que apresenta um esquema mais livre, já que esse instrumento permite mais flexibilidade no momento de entrevistar.

A realização de entrevistas semiestruturadas parte de um guião no qual o entrevistador já estabeleceu um conjunto de temas/tópicos que pretende explorar. Apesar da existência do aconselhado guião, as questões são colocadas de forma flexível o que permite manter o fluxo da conversa sendo possível colocar questões não previstas, sempre que considerado necessário, não só para aprofundar determinado tópico, como também para clarificar alguma resposta que se tenha tornado ambígua. Este processo permite também a validação da própria entrevista, uma vez que, ajuda a transparecer mais o significado atribuído pelo entrevistado, do que a interpretação da resposta dada pelo entrevistador (Máximo, 2007).

As mesmas serão realizadas individualmente a cada idoso e a cada criança, pois nas entrevistas individuais segundo Barbour (2009) o investigador pode ter acesso às perceções individualmente, sem a imposição de terceiros. O que contrariamente acontece perante um grupo de participantes que reflete e depõem informações que podem não ser totalmente verdadeiras por influência uns dos outros. Assim, os significados que são construídos coletivamente não representam redes individuais de sentidos porque nem sempre o que falamos em grupo é o mesmo que falamos individualmente por diversas razões entre elas o medo ou vergonha.

Bogdan e Biklen (1994) referem também que as boas entrevistas se caracterizam pelo facto de os indivíduos estarem à vontade e falarem livremente dos seus pontos de vista, por isso, devem ser evitadas perguntas que possam ser respondidas com sim ou não.

Simultaneamente, a observação participante é uma das técnicas mais comuns da investigação para aceder à realidade educativa e social. A permanência do investigador no contexto com o objetivo de melhor compreendê-lo é a principal característica e virtude desta técnica. Constitui-se, portanto, como uma modalidade especial de observação, na qual o investigador assume uma variedade de funções, participando nos eventos que estão a ser estudados (Yin, 2005).

Segundo Malinowski (2005), destaca também a presença de conflitos, simpatias e antipatias entre indivíduos, assim como, as subtilezas das relações humanas, onde as vaidades e ambições pessoais manifestam-se e influenciam o comportamento dos indivíduos e as emoções daqueles ao seu redor. Ressaltando a importância de estar próximo das pessoas, ouvindo e observando diretamente para captar a profundidade e a complexidade das interações humanas. Para o autor, a verdadeira estrutura de uma

sociedade inclui aspetos muito mais profundos e intangíveis, como as emoções e as relações humanas, que são essenciais para uma compreensão completa do ser humano.

Segundo Spradley (1980), na metodologia de "Observação Participante", é importante enfatizar que os objetivos ultrapassam a simples descrição dos elementos de uma situação, possibilitando a percepção do significado, direção e dinâmica de cada instante. Diante da intersubjetividade inerente a cada instante, a observação situacional possibilita e simplifica a interpretação do real, uma vez que elementos fundamentais estão presentes no cenário. Bogdan e Taylor (1975) definiram a observação participante como uma pesquisa marcada por intensas interações sociais, tanto entre o investigador quanto os sujeitos, ocorrendo durante o processo de coleta de dados de maneira organizada.

De acordo com Lapassade (2001), a "Observação Participativa" é comumente usado para descrever todo o trabalho de campo, desde a chegada do pesquisador ao local de estudo, quando começa as negociações para obter acesso a ele, até uma visita prévia para reconhecimento do local ou campo de observação. É possível combinar o papel de investigador/observador, mesmo que seja conhecido apenas por uma parte do grupo, com a continuidade deste trabalho de campo em cada instante/"tempo".

A Observação Participante é uma técnica muito apropriada para o investigador deter, entender e agir nos variados contextos onde atua. A observação advém do ambiente onde as pessoas interagem.

Esta metodologia, por um lado, permite uma aproximação ao quotidiano das pessoas e suas representações sociais, à sua dimensão histórica, sociocultural e aos seus processos. Por outro lado, possibilita a intervenção nesse mesmo quotidiano, atuando nas representações sociais e promovendo o surgimento de novas necessidades para as pessoas que ali exercem suas atividades.

Segundo Ezpeleta e Rockwell (1986), o objetivo é "registrar a realidade não registrada" (p.15). Contudo,

A técnica de observação requer treino disciplinado, uma preparação meticulosa e combina características essenciais ao observador-investigador, como atenção, sensibilidade e paciência. Considera os objetivos, favorecendo uma abordagem indutiva, o que conseqüentemente diminui as "pré-concepções". A capacidade de esclarecer pontos observados e registrados em entrevistas

subsequentes e em observações mais detalhadas, representando uma vantagem notável em relação a outros métodos de pesquisa (Correia, 2009, p. 35).

É uma abordagem utilizada quando o investigador tem interesse na dinâmica de um grupo em seu ambiente natural, e não apenas na obtenção de respostas individuais às perguntas. Este método de pesquisa oferece uma visão holística e natural das matérias a serem investigadas, proporcionando aos pesquisadores uma boa rota de observação. Todavia, os investigadores não devem se limitar a esta, mesmo com toda a sua utilidade. Este tipo de pesquisa pode ser enriquecido com entrevistas ou grupos de controle. Essas interações mais focadas oferecem ao investigador a chance de confirmar a sua compreensão das coisas em relação à interpretação dos que estavam sendo observados, além de fornecer informações adicionais e pertinentes para a pesquisa (Smith & Denton, 2001).

Um investigador que ingressa numa comunidade específica para documentar o comportamento de um grupo específico pode registrar comportamentos e obter informações em tempo real, percebendo emoções e comportamentos de pessoas com uma identidade coletiva específica, de uma maneira que não seria possível captar através de um simples questionário (Mónico, 2010).

4.4. Técnicas de Análise e Interpretação de Dados

Relativamente às técnicas de análise e interpretação de dados estas irão se basear em análise de conteúdo ao material recolhido através das entrevistas e da observação participante.

A Análise de Conteúdo possui uma relevância particular na área de estudos sociais e "(...) vai além de ser apenas uma técnica de análise de dados, representando uma metodologia com características e possibilidades únicas", argumenta (Moraes, 1999, p. 2). Esta é uma técnica utilizada para detalhar e compreender o conteúdo de diversos tipos de comunicações. Esta avaliação, que leva a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, auxilia na reinterpretação das mensagens e na compreensão de seus significados em um nível que ultrapassa a simples leitura.

Como método de pesquisa, tem um papel crucial nas pesquisas na área de estudos sociais, pois explora detalhadamente a questão da subjetividade, reconhecendo a não neutralidade entre o pesquisador, o objeto de estudo e o contexto. O que não compromete

a sua validade e rigor científico, pois possui status de metodologia, com princípios e normas bem estruturados.

Moraes (1999) acrescenta que "(...) de certa forma, a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal do investigador sobre a sua percepção dos dados" (p. 3). Não é viável realizar uma leitura imparcial, clara e integral. A linguagem e os valores do objeto em análise e do investigador, juntamente com a linguagem cultural e seus significados, têm um impacto sobre os dados que o pesquisador não pode ignorar.

Conforme Moraes (1999), a questão dos múltiplos significados de uma mensagem e das diversas possibilidades de análise estão fortemente ligadas ao contexto. Na perspectiva de Franco (2008) as

(...) condições contextuais que abrangem a evolução histórica da humanidade, as circunstâncias econômicas e socioculturais em que os emissores se encontram, o acesso aos códigos linguísticos e a habilidade para interpretá-los, resultam em expressões verbais (ou mensagens) repletas de elementos cognitivos, subjetivos, emocionais, valorativos e historicamente mutáveis. Não se pode ignorar os elementos ideológicos presentes nas mensagens socialmente elaboradas (p. 20).

Para compreender os significados de um texto, além do conteúdo explícito, é necessário levar em conta o autor, o destinatário, os métodos de codificação e transmissão da mensagem, bem como o cenário onde a comunicação ocorre.

Em qualquer Análise de Conteúdo, o contexto em que os dados são analisados deve ser detalhado. Apesar dos dados serem apresentados diretamente no texto, o contexto deve ser reconstruído pelo investigador. Isso define alguns limites. Esta reconstrução não pode contemplar todas as condições que coexistem, antecedem ou seguem a mensagem, tanto no tempo quanto no espaço. Não há barreiras lógicas que delimitem o âmbito da análise. Isso varia de acordo com o pesquisador, a disciplina e os objetivos estabelecidos para a pesquisa, bem como a natureza dos materiais que estão sendo analisados (p. 3).

Segundo Bardin (2011) a análise de conteúdo apresenta diferentes fases de análise: a pré-análise (organização), a exploração do material (codificação, categorização) e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação), pois trata-se de uma construção social, que deve ser sempre regulada pelo referencial teórico da pesquisa em questão.

Através das entrevistas e das notas de campo como instrumento a ser utilizado através da observação participante “são adquiridos dados qualitativos, o que significa que são ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 16). Estes autores referem ainda que através dos relatos escritos “o que investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha e refletindo sobre os dados” (p.150). Assim, as anotações sobre a participação nas diversas atividades da instituição em estudo, bem como as anotações sobre as possíveis ocorrências de forma formal ou informal serão fundamentais para a interpretação dos factos, para o entendimento das causas, dos efeitos e das conexões entre as ações e os acontecimentos.

Importa destacar que não há soluções definitivas para evitar completamente erros em pesquisas qualitativas. Os procedimentos adotados podem, no entanto, aprimorar a validade e minimizar potenciais falhas, mas isso ainda depende muito do julgamento do autor e do leitor. Uma maneira de reduzir erros e validar interpretações é através da triangulação de métodos ou técnicas de pesquisa, que também visa reunir as ideias e compreender os resultados.

Nas Ciências Sociais, o conceito foi introduzido por Campbell e Fiske (1959) que, segundo Duarte (2009), propuseram-se “a completar ou testar empiricamente os resultados obtidos utilizando diferentes técnicas quantitativas” (p.10). Depois, foi desenvolvido por outros autores; dentre eles, Maxwell (1996), ao pontuar que a triangulação minimiza o risco no que concerne à possibilidade das conclusões serem limitadas quando expressas sob a ótica de um único método, ou seja, reforça a ideia de que a triangulação, seja ela metodológica, das teorias, dos investigadores ou dos dados, permite obter conclusões com maior rigor. Günther (2006) destaca que a triangulação permite a utilização de diferentes fontes de evidência nas abordagens do objeto empírico, com vistas a prevenir possíveis distorções tanto em relação à aplicação de um único método de produção de dados, quanto de uma única teoria ou de um único pesquisador.

Vergara (2006) destaca que a triangulação pode ser vista a partir de duas óticas: como estratégia que contribui para a validade de uma pesquisa; e como uma alternativa para a obtenção e ampliação do conhecimento por meio de vários ângulos ou perspetivas.

Flick (2013) define a técnica da triangulação simplesmente como estudar um problema de pesquisa baseado em perspetivas privilegiadas, o que significa apropriar-se

de diferentes visões acerca do problema de pesquisa que se busca desvelar, com vistas a produzir um conhecimento adicional ao que se teria se a questão fosse analisada sob uma única perspectiva.

Para Minayo (2014), “os fundamentos da triangulação destacam a complexidade das interações humanas e suas particularidades, a relação intrínseca entre ordem e desordem, a imprevisibilidade e o carácter inacabado dos projetos, o equilíbrio entre racionalidade e emoção, e a interação entre natureza e cultura. Essa abordagem enfatiza o papel do observador na captura da diversidade, do múltiplo e da interação entre ciência e senso comum” (p.366).

Autores como Samaja (1992) têm explorado detalhadamente a triangulação metodológica, evidenciando que os seus fundamentos se enraízam profundamente nas Ciências Sociais por razões tanto práticas quanto epistemológicas.

A triangulação não é apenas uma técnica, mas um processo crucial que não pode, sozinho, garantir a reunião completa dos elementos de uma pesquisa. Através desta existem múltiplas perspectivas que enriquece o debate, proporcionando uma compreensão mais profunda e interativa das questões estudadas.

4.5. Caracterização da instituição

O local da pesquisa será uma instituição sem fins lucrativos e de utilidade pública, uma IPSS localizada a oeste da RAM foi fundada no ano 2000 e concretiza a sua ação sócia caritativa, em cooperação com o Centro de Segurança Social da Madeira, através de duas valências: valência Sénior e valência de Juventude. A sua atividade visa garantir uma vida digna às crianças/jovens e aos idosos, através de uma estrutura global e de uma gama de serviços especializados e individualizados.

Esta IPSS desenvolve assim uma resposta intergeracional, numa Estrutura Residencial, possibilitando aos jovens conviverem com os mais velhos, acabando por criar um ambiente familiar. Esta Instituição tem como ambição tornar-se numa referência para a RAM pela sua missão contínua na procura de “fazer mais e melhor” em prol da dignidade humana, procurando respostas produtoras de qualidade de vida a todos os seus utentes.

A IPSS em causa tem como missão a construção de respostas sociais de forma sustentada e integrada nas valências mencionadas e está aberta a toda a população da

RAM. Nesta linha de pensamento e segundo Ornelas (2008) o desenvolvimento comunitário é definido como:

um processo que parte da participação ativa da comunidade e procura criar as condições económicas, sociais, políticas e ambientais satisfatórias para todos os seus membros, partindo da mobilização das capacidades e recursos da comunidade (p. 248).

Assim, esta metodologia segundo o autor referido anteriormente é reconhecida por mobilizar os indivíduos e as organizações duma comunidade no solucionamento dos seus problemas, aumentando, o conhecimento destes sobre a realidade em que estão inseridos, desenvolvendo a sua capacidade de intervenção sobre essa realidade.

Na persecução dos objetivos desta instituição está diariamente a procura de promoção no culto relativo aos afetos procurando proporcionar aos utentes bem-estar e conforto criando um ambiente familiar e acolhedor onde todos se desenvolvam de forma equilibrada e feliz. E acima de tudo valorizar os saberes tradicionais e as experiências de vida dos idosos para que os todos aprendam a aceitar, respeitar, partilhar e a amar todos e a cada um independentemente das suas particularidades.

É precisamente por apresentar todas estas mais valias que a investigação será realizada nesta IPSS, a fim de tentar promover uma educação intergeracional que contribua para o Desenvolvimento Comunitário.

Tendo conhecimento de todas estas características determinou-se assim por uma abordagem de natureza qualitativa e no estudo de caso, por ser o que melhor se ajustava aos objetivos de investigação, pela riqueza e possibilidade de descrição do contexto do estudo, bem como, pela compreensão dos comportamentos a partir da perspetiva dos próprios sujeitos de investigação.

4.6. Caracterização do público-alvo

Esta IPSS conta com cerca de 40/45 idosos e entre 15/20 crianças. A idade compreendida relativamente ao primeiro grupo etário mencionado abrange os 65 e 95 anos, e o segundo por sua vez os 10 e 18 anos.

Para a investigação serão indagados três idosos que não apresentem quadros demenciais e distribuídos pelos grandes grupos etários, isto é, um idoso com a idade

compreendida entre os 65 e 75 anos, um idoso entre os 75 e 85 anos e um idoso entre os 85 e 95 anos. Referentemente aos jovens também serão entrevistados três que apresentem estabilidade psicológica e emocional a fim de entender de que forma a Educação Intergeracional pode contribuir para fortalecer laços comunitários, para transmitir conhecimentos tradicionais e para promover um senso de identidade e de pertencimento evitando assim o preconceito e o Idadismo presente entre as diferentes gerações.

4.7. Questões Éticas

Este estudo cumpriu com as diretrizes presentes na Carta Ética da SPCE, sendo essencial para sustentar a clareza e a honestidade da pesquisa. As regras adotadas asseguraram a consideração pelos direitos dos envolvidos e garantiram que as entrevistas fossem conduzidas de forma ética, aumentando a confiança na investigação. De acordo com a mesma, “os participantes têm direito a ser plenamente informados e esclarecidos sobre todos os aspectos relativos à sua participação, bem como a mudar os termos da sua autorização, em qualquer altura da investigação”. (Baptista, 2014, p. 7)

Assim sendo, “os investigadores deverão informar previamente os participantes, ou os seus representantes legais, sobre a natureza e os objetivos da investigação, dispondo-se a prestar os esclarecimentos necessários ao longo de todo o processo de investigação” (Baptista, 2014, pp. 7-8).

Tendo consciência de que “os participantes da investigação têm direito à privacidade, à discrição e anonimato” (Baptista, 2014, p. 8).

Portanto, “os investigadores deverão assegurar que os dados fornecidos pelos participantes sejam totalmente anónimos e confidenciais, a não ser que os próprios participantes, ou os seus representantes legais, tenham voluntária e explicitamente renunciado a esse direito” (Baptista, 2014, p. 8). E, “para efeitos de armazenamento e utilização de dados pessoais, os investigadores deverão proceder de acordo com os requisitos legais em vigor sobre Proteção de Dados Pessoais” (Baptista, 2014, p. 8). Assim, “os participantes têm direito a ser informados sobre os resultados da investigação e sobre a forma como esses resultados vão ser usados e divulgados, em conformidade com o que for acordado no âmbito do consentimento informado” (Baptista, 2014, p. 9).

Deste modo, “os investigadores deverão assegurar que o acordo celebrado com os participantes seja salvaguardado em caso de publicação, incluindo a publicação na

Internet” (Baptista, 2014, p. 9). De igual modo, “os participantes têm sempre direito a manifestar dúvidas ou reservas relativamente à sua participação, com motivo ou sem motivo expresse”, sendo que “os investigadores deverão informar previamente os participantes que poderão, a qualquer momento, desistir da sua participação, sem qualquer inconveniente” (Baptista, 2014, p. 9).

Semelhantemente, “a relação dos investigadores com os participantes deverá, sempre, ser orientada pela intenção de benefício”, sendo que “os processos de investigação, bem como os seus resultados, deverão ser pensados e comunicados de forma a evitar qualquer situação que possa constituir ameaça para a integridade das pessoas e comunidades envolvidas” (Baptista, 2014, p. 10).

Efetivamente, “os processos de investigação deverão ainda ser conduzidos de forma a não sobrecarregar ou afetar os participantes para além do necessário, tendo em conta os objetivos da investigação” (Baptista, 2014, p. 10).

No entanto, “os investigadores têm obrigações científicas e profissionais para com as comunidades e com as sociedades onde vivem e trabalham”, sendo que “a inscrição pública do trabalho científico constitui um elemento crucial na vitalização dos processos de desenvolvimento e melhoria das práticas de investigação em Ciências da Educação” (Baptista, 2014, p. 14). Da mesma forma que, “os investigadores deverão atuar sempre segundo princípios de transparência e de responsabilidade social”, de modo “a assegurar que o conhecimento produzido no âmbito da sua área de especialidade possa ser usado em prol do bem comum e do benefício das pessoas” (Baptista, 2014, p. 15).

Portanto, é razão pela qual “os investigadores deverão informar, esclarecer e sensibilizar as comunidades e as sociedades sobre as questões de carácter ético associadas aos processos de investigação, alertando em particular para as dimensões humanas e sociais características das Ciências da Educação” (Baptista, 2014, p. 15).

Esta investigação assegurou a privacidade e a utilização exclusiva das informações coletadas, além de proteger a identidade dos envolvidos (sem registar dados que identificassem os participantes).

PARTE IV - ESTUDO EMPÍRICO

Capítulo 5- Apresentação, análise e discussão de resultados

Neste capítulo encontram-se os dados recolhidos no decorrer do presente estudo. É de salientar que, numa fase inicial, procedeu-se ao pedido de autorização para a recolha de dados na respetiva instituição (**Apêndice A**), sendo que, no momento da entrevista, todos os participantes assinaram um consentimento informado com os dados relativos a esta investigação (**Apêndice B**). No caso dos menores, o mesmo foi previamente assinado pela Representante Legal dos mesmos (**Apêndice C**).

Os dados analisados são referentes às entrevistas semiestruturadas realizadas a 3 idosos e 3 jovens desta IPSS. Em ambos foi utilizado a mesma planificação da entrevista semiestruturada (**Apêndice D**) e posteriormente foram adaptados os guiões de entrevista para cada público-alvo (**Apêndice E e F**).

5.1. Problema de investigação

A investigação foi organizada em três partes interligadas: a primeira abordou o impacto das relações intergeracionais na formação de vínculos e na transmissão de saberes; a segunda analisou o Idadismo e seus preconceitos sociais; e a terceira destacou as vantagens dessas interações para a comunidade, como a promoção da coesão social, valorização da diversidade etária e solidariedade entre gerações.

Tendo em conta ao que foi mencionado anteriormente, o problema que surgiu com esta investigação foi: “Qual é o contributo da Educação Intergeracional face ao Idadismo presente na sociedade?”

5.2. Questões de investigação

Como questões de investigação, foram identificadas as seguintes:

-Até que ponto a Educação Intergeracional pode promover a aproximação e o diálogo efetivo entre diferentes gerações, contribuindo para a superação de barreiras geracionais e para a construção de relações mais solidárias e inclusivas?

-De que forma o Idadismo está associado à falta de abertura para aprender com os mais velhos e à resistência em ouvir suas experiências e conhecimentos?

-De que maneira a convivência e a colaboração entre diferentes gerações podem favorecer o desenvolvimento e o fortalecimento da comunidade?

5.3. Caracterização dos utentes

Os utentes da IPSS apresentam uma diversidade significativa tanto em termos de idade quanto de tempo de permanência. Essa variação etária abrange diferentes gerações, o que proporciona um ambiente propício para a troca de experiências intergeracionais. Além disso, a duração variável da estadia de cada utente contribui para dinâmicas diversas dentro da instituição, enriquecendo as interações e possibilitando diferentes formas de envolvimento e aprendizagem ao longo do tempo.

Caracterizar os utentes mais jovens e mais velhos de uma IPSS é fundamental para compreender as suas necessidades, interesses e dinâmicas de convivência. Essa identificação permite adaptar melhor as atividades, promover o respeito pela diversidade etária e fomentar interações significativas entre gerações, contribuindo para um ambiente mais inclusivo e participativo.

Tabela 4

Caracterização dos utentes idosos e jovens

Participantes	Género		Intervalo de idades	Situação escolar/profissional	
Idosos (I) / Jovens (J)	Feminino	Masculino		Reformado	Estudante
I1	X		[65-95[	X	
I2	X			X	
I3	X			X	
J1		X	[13-16[		X
J2	X				X
J3	X				X

A investigadora recolheu os dados através de entrevistas semiestruturadas e da informação obtida através da observação participante realizadas a seis participantes. Na tabela 4, é possível verificar a caracterização dos mesmos em relação ao género, à idade,

à formação profissional. Estes dados revelam a diversidade de idades num mesmo espaço que favorece a convivência intergeracional, promovendo a troca de experiências, o respeito mútuo e o combate a estereótipos. Essa interação enriquece as relações e fortalece os laços comunitários.

5.4 Da educação intergeracional

A aprendizagem intergeracional constitui uma estratégia fundamental para promover a coesão social e impulsionar o desenvolvimento comunitário, ao criar oportunidades para a partilha de saberes, valores e experiências entre pessoas de diferentes idades. Esta investigação procura integrar diversas perspetivas sobre essa dinâmica, explorando tanto a sua importância no contexto contemporâneo quanto os desafios práticos que emergem da sua implementação.

As opiniões dos idosos refletem uma educação fortemente marcada pela experiência prática e pela necessidade de aprender como sublinha I1 "(...) com a força da minha cabeça.", e onde relatam a escassez dos recursos da época: "Eu na escola aprendi pouco, e fora dela aprendi com as coisas ruins da vida." (I2). Esta aprendizagem baseada na vivência direta e na transmissão oral pelos mais velhos aponta para um contexto histórico de limitações educacionais e de recursos, onde o saber era passado informalmente, muitas vezes como um mecanismo de sobrevivência. De acordo com Newman (2008), a educação em contextos não formais desempenha um papel essencial como meio de transmissão de competências e de significados culturais, possibilitando a circulação do conhecimento entre gerações por meio da experiência e da interação social, um fenómeno claramente refletido nos relatos dos participantes. Adicionalmente, Patrício e Osório (2013) ampliam esta perspetiva ao defenderem uma dimensão educativa da vida quotidiana, onde aprender não se limita à escola, mas emerge das relações, dos desafios e da participação ativa na comunidade exatamente como descrevem ao referirem-se à aprendizagem "(...) com as coisas ruins da vida".

Por outro lado, os jovens percebem uma distância crescente entre as gerações, refletida na afirmação de acordo com J2 "Eu acredito que eles queiram transmitir, mas esta geração não quer saber." Como observa Pratt (1994), "a forma como a sociedade se comunica com os idosos influencia a perceção que estes têm do seu próprio papel educativo", evidenciando que mudanças culturais e sociais podem afetar a receção do conhecimento transmitido pelos mais velhos. Esta fala evidencia não só uma possível

resistência ou falta de interesse dos jovens, mas também mudanças culturais e sociais, como a maior exposição a diferentes formas de conhecimento e a transformações nos laços familiares, que impactam a receptividade ao ensino dos mais velhos, algo que Newman (2008) descreve ao afirmar que “os veículos de transmissão de competências precisam de se adaptar ao contexto social e cultural para serem efetivos”. Além disso, o reconhecimento das dificuldades passadas “Antes eles passavam muitas dificuldades, não havia comer como há agora.” (J2) reforça a noção de que as condições materiais e sociais atuais são bastante diferentes, o que pode contribuir para o distanciamento entre as gerações no que se refere à valorização da experiência dos idosos, como defendem Patrício e Osório (2013) ao afirmar que “a educação quotidiana emerge das interações sociais e das experiências vividas ao longo da vida”.

Assim, a “marca” educacional atribuída aos jovens, tal como é percebida pelos idosos, parece rever-se num contexto em que o ensino formal assume um papel cada vez mais central, refletindo uma sociedade que valoriza de forma crescente as credenciais e os percursos académicos. No entanto, esta centralidade da educação institucionalizada nem sempre se converte em aprendizagens com utilidade prática no quotidiano, o que pode aumentar, entre os mais velhos, a perceção de um certo afastamento entre o conhecimento teórico e a sabedoria prática construída ao longo da vida.

Em paralelo, a perspetiva expressa pelos jovens revela uma dificuldade concreta na comunicação entre gerações, sugerindo que as trocas de saberes e experiências intergeracionais se encontram fragilizadas. Tal cenário parece decorrer não apenas das transformações estruturais do sistema educativo, que tende a privilegiar competências técnicas e formais, mas também das mudanças nas dinâmicas familiares e sociais contemporâneas, nas quais o tempo partilhado entre gerações se tornou mais escasso e fragmentado.

As perceções dos idosos evidenciam uma preocupação com a capacidade e a postura dos jovens face às oportunidades e aos desafios do presente. A afirmação “Não sei se os jovens têm essa capacidade, ou se se dão sequer a esse trabalho.” (I1) revela uma incerteza em relação ao empenho das gerações mais novas, sugerindo que, para as pessoas mais velhas, valores como o esforço e a disciplina continuam a ser fundamentais, embora percebam que estes se têm vindo a perder com o tempo. Como refere Barros (2008), “a escassez de esforços para melhorar a perceção dos jovens relativamente aos idosos

contribui para reforçar estereótipos e dificultar a valorização intergeracional”, uma ideia que se reflete claramente nas preocupações e sentimentos expressos pelos participantes. Além disso, ao afirmar que “(...) as coisas estão muito diferentes.” (I1) e que os jovens “(...) não querem saber de nada.” (I2), os idosos exprimem um sentimento de distanciamento geracional, possivelmente acentuado pelas transformações sociais e pelo avanço tecnológico, que modificaram de forma profunda as formas de aprendizagem e de relação dos jovens com o mundo que os rodeia.

Por outro lado, os jovens reconhecem que a tecnologia desempenha um papel essencial no acesso ao conhecimento, como ilustra a seguinte afirmação: “Hoje em dia, se eu quiser fazer uma pesquisa, uso o tablet, porque, lá está, vivemos na era da tecnologia.” (J3). De acordo com Marques (2011), “o meio ambiente, incluindo os recursos tecnológicos disponíveis, influencia significativamente a forma como os indivíduos acessam e processam o conhecimento”, o que ajuda a compreender por que razão as gerações mais novas atribuem tanta importância às ferramentas digitais no seu quotidiano e nos seus processos de aprendizagem. No entanto, os próprios participantes reconhecem uma certa ambivalência nesse uso, ao admitir que “(...) passamos muito tempo distraídos no telemóvel e nem sequer recorremos aos mais velhos.” (J1). Esta reflexão aproxima-se da perspectiva de Bales (2000) que sublinha “a importância da aproximação entre gerações para que o conhecimento seja efetivamente transmitido e assimilado”. Assim, embora a tecnologia amplie o acesso à informação, esta também pode contribuir para o enfraquecimento das interações intergeracionais, corroborando a percepção dos idosos quanto à crescente dificuldade de comunicação e partilha de saberes entre diferentes faixas etárias. Além disso, os jovens expressam uma certa nostalgia e valorização das relações mais próximas que existiam com os idosos no passado: “Antes a gente ia para a escola ou para a catequese com os nossos avós e conhecíamos os avós dos nossos colegas (...) não havia vergonha disso.” (J2). Esta recordação sugere que o convívio intergeracional e a aprendizagem partilhada eram práticas mais frequentes e naturalmente integradas na vida quotidiana, contrastando com a realidade atual, em que esses laços parecem enfraquecidos.

Por fim, a sugestão de J1 de “(...) retirar os telemóveis até pelo menos ao 10º ano” revela uma consciência crítica dos próprios jovens acerca dos impactos negativos da tecnologia na concentração e no processo de aprendizagem, acompanhada da observação de que “(...) antigamente também não havia e isso não prejudicou o ensino dos mais

velhos” (J1). Esta reflexão sugere uma percepção de desequilíbrio entre o uso das ferramentas digitais e a qualidade efetiva da aprendizagem, aproximando-se da posição de Camilo (2014), para quem “o diálogo entre gerações é fundamental para equilibrar novas tecnologias e métodos tradicionais de aprendizagem”. Neste sentido, a valorização de práticas educativas mais estruturadas e disciplinares parece coexistir com uma consciência dos riscos associados à dependência tecnológica. Tal visão assemelha-se com a dimensão relacional destacada por Leandro (2001), que sublinha a importância das interações e vínculos intergeracionais na construção partilhada do saber.

A análise global evidencia, assim, um contraste claro entre a percepção dos idosos e a experiência dos jovens relativamente aos processos de aprendizagem e à valorização do conhecimento. Para as gerações mais velhas, a educação é concebida como um processo assente na disciplina, na persistência e no esforço, princípios enraizados numa visão mais tradicional da formação, em que o mérito se conquista através da dedicação constante e da capacidade de ultrapassar desafios. Já entre os jovens, a facilidade de acesso à informação, mediada pelas tecnologias digitais e pelas plataformas *online*, reformula as formas de aprender e de se relacionar com o conhecimento. Todavia, esse acesso quase ilimitado não garante aprendizagens significativas, podendo antes favorecer a dispersão, o uso excessivo de dispositivos e a dificuldade em discernir conteúdos de qualidade.

Além disso, essa nova estrutura informacional tende a refletir-se nas dinâmicas intergeracionais, contribuindo para o enfraquecimento dos vínculos entre diferentes faixas etárias e para a redução dos espaços de partilha e diálogo que, em outros tempos, integravam de forma natural e significativa o processo educativo informal.

Relativamente à distância e falta de diálogo entre as gerações, os jovens revelam uma percepção marcada por desconfiança e resistência mútua. Como afirma J1 “(...) os idosos já nem querem falar, porque se disseram qualquer coisa aos mais jovens já pensam que vamos gozar do que eles estão a dizer.” indicando que, para os jovens, existe um receio de serem mal interpretados pelos mais velhos. Neste sentido, Chamberlain e Fettesman (1994) destacam que “a educação sobre o envelhecimento é fundamental para reduzir estereótipos e melhorar a comunicação intergeracional”, mostrando que a falta de conhecimento e sensibilização pode reforçar a desconfiança e dificultar o diálogo entre gerações.

De forma a complementar, J3 aponta que “(...) atualmente é muito mais fácil saber as coisas porque temos a tecnologia.” o que demonstra uma convivência marcada pelo distanciamento e pela evitação do confronto. J2 também destaca que “(...) hoje eles já não acompanham tanto à escola como antes.” e que muitos jovens “(...) recusam qualquer aproximação com os mais velhos.” sugerindo um enfraquecimento dos laços intergeracionais no ambiente educacional e comunitário. Conforme apontam North e Fiske (2012), “rivalidades e percepções de conflito entre gerações podem dificultar a colaboração e a transmissão de conhecimento”, o que ajuda a compreender a relutância observada entre jovens e idosos. Paralelamente, Villas-Boas (2016) enfatiza que “a educação intergeracional é um instrumento essencial para fortalecer vínculos e promover a aprendizagem mútua”, destacando a importância de iniciativas que aproximem jovens e idosos no contexto escolar e comunitário.

Por sua vez, os idosos expressam um sentimento de frustração pela falta de valorização e reconhecimento da sua experiência, como mostram as afirmações de I1 “Os jovens de hoje em dia querem é ganhar (...)” e “(...) não valorizam aquilo que a gente tenta ensinar.” A comparação com o passado, onde “antes aprendiam com o exemplo” (I2), esta impressão foi reforçada pelas minhas anotações de campo aquando da atividade denominada de Cabotagem. Esta expressão realça a mudança cultural na forma como o aprendizado e a transmissão de valores ocorrem. Como observa Silva (2008), “a velhice ativa traz múltiplos benefícios, incluindo a transmissão de conhecimento e experiência à comunidade”, evidenciando o valor que os idosos podem continuar a oferecer. No entanto, como destaca Lima (2011), “a sociedade tende a considerar os idosos como pessoas que têm pouco a oferecer”, o que reforça a frustração e o desânimo relatados. Esta mudança parece gerar um certo desânimo nos idosos, que confessam “Eu hoje já não sei ensinar nada, mas gostava que eles pelo menos ouvissem os nossos conselhos (...)” (I3), expressando um desejo de manter o diálogo e a influência, mesmo diante das dificuldades atuais.

Este enfraquecimento do diálogo entre as gerações, marcado por uma comunicação cada vez mais limitada entre jovens e idosos, espelha desafios que ultrapassam o campo educativo e se estendem às dinâmicas sociais contemporâneas. As distâncias intergeracionais, hoje mais visíveis, são intensificadas pela rápida transformação dos valores culturais, pelo avanço contínuo das tecnologias de informação e comunicação e pelas mudanças profundas nas formas de organização familiar e

comunitária. Estes processos têm vindo a gerar novas formas de socialização, muitas vezes mediadas por dispositivos digitais, que, embora ampliem o acesso à informação, tendem a reduzir o contacto direto e a troca genuína de experiências entre diferentes faixas etárias. A escassez de espaços e momentos de convivência e de diálogo intergeracional acaba por limitar o potencial educativo e humano presente nesses encontros. Quando esse potencial é reconhecido e estimulado, pode transformar-se num recurso pedagógico e social de grande relevância, capaz de fortalecer os laços comunitários, promover o desenvolvimento pessoal e fomentar um crescimento coletivo sustentado na partilha de conhecimentos, valores e vivências.

No que respeita à incerteza, e mesmo a um certo desalento, quanto ao papel dos jovens na preservação da herança cultural, os idosos manifestam diversas dúvidas. Declarações como “Não posso saber isso, pode até ser que tenha vantagens, mas as coisas hoje em dia estão muito diferentes.” (I1) e “Sinceramente, hoje não vejo diferença em lidar ou não com os jovens.” (I3) evidenciam uma perceção de distanciamento e um possível enfraquecimento dos vínculos entre gerações. Esta perceção vai ao encontro com as conclusões de Ricardo (2016), que identifica um sentimento crescente de descontinuidade geracional, associado às rápidas transformações socioculturais e tecnológicas. De modo complementar, Palmeirão e Menezes (2009) salientam que o afastamento entre jovens e idosos tende a fragilizar os processos de transmissão de saberes e tradições, comprometendo a continuidade das identidades culturais e comunitárias. A nostalgia pelo passado emerge, por sua vez, nas palavras de I2: “Era tão bom lidar quando eu era nova com as pessoas mais velhas, eu aprendia tanta coisa.”, em contraste com a realidade atual, marcada pela falta de interesse e pela menor convivência entre gerações “A minha filha não aprendeu nada comigo, porque não se interessa.” (I2).

Este cenário evidencia desafios relevantes para a continuidade das tradições e valores culturais no âmbito familiar e comunitário. Como defende Delors (1996), “a educação intergeracional é essencial para transmitir conhecimentos, valores e competências entre diferentes gerações”, reforçando a importância do diálogo e da aprendizagem mútua. Nesta mesma direção, França (2010) sublinha que iniciativas que promovem o encontro entre idades distintas contribuem para o fortalecimento das comunidades e para a valorização da experiência dos mais velhos, evidenciando a necessidade de políticas educativas que estimulem uma convivência mais integrada e cooperativa.

Desta forma, uma alternativa para o sistema educacional contemporâneo seria a criação de espaços e projetos que incentivem a interação entre pessoas de diferentes idades, reconhecendo a sabedoria acumulada pelos mais velhos e despertando, entre os jovens, o interesse por escutar e aprender com essas vivências. Esta proposta converge com a perspectiva de Bales (2000), que considera as relações intergeracionais fundamentais para a transmissão de valores e competências sociais, fortalecendo o sentido de pertença e a coesão comunitária. Por outro lado, é igualmente importante que os idosos se mostrem abertos a compreender os modos de vida e as perspectivas das gerações mais novas. Neste sentido, Haber e DeGraff (1990) salientam que o diálogo entre idades distintas não apenas promove a compreensão mútua, mas também estimula o desenvolvimento da empatia e do respeito, elementos essenciais para uma convivência social equilibrada. Essa troca contínua e dinâmica pode, assim, atenuar as distâncias referidas anteriormente e favorecer a construção de um ambiente social mais acolhedor, participativo e enriquecedor para todos.

Do ponto de vista dos jovens, a percepção é de que o interesse pela herança cultural varia muito, geralmente condicionado ao ambiente familiar: “Acho que depende muito e mais dos jovens, porque eu tenho um colega que dança no bailinho e ele adora, mas eu acho que ele só gosta porque a família dele já participava.” (J1). Esta afirmação sugere que o vínculo cultural é muitas vezes passado por meio da influência direta da família, o que pode ser um fator limitante para a sua continuidade. Esta constatação vai ao encontro do que defendem Palmeirão e Menezes (2009), ao sublinharem que a transmissão cultural tende a ocorrer predominantemente no seio familiar, o que pode restringir o alcance das tradições quando não há um envolvimento mais amplo da comunidade. A visão pessimista sobre o futuro cultural é expressa pelo J1 quando este afirma que “Provavelmente daqui a 100 anos não haverá praticamente referências sobre isso.”, evidenciando o receio de que muitas tradições possam desaparecer com o tempo. Além disso, os jovens reconhecem a diferença geracional e a diminuição do interesse coletivo, como aponta J2: “Esta geração é muito diferente. Devem ser poucos os jovens que dão valor (...)” e como acrescenta J3: “Participar já não gostamos muito, então é capaz que acabe por desaparecer muita coisa.” Há, no entanto, uma abertura para valorizar as tradições, ainda que a participação prática seja menor: “(...) acho que até é fixe ver as tradições.” (J3). Desta forma, tanto as pessoas mais velhas quanto as mais novas mostram uma percepção da vulnerabilidade da cultura transmitida, que pode ser causada pela desmotivação dos jovens, transformações sociais

ou pela diferença entre as gerações. Esta constatação está em consonância com Forquin (2003), que defende que a cultura escolar e social é continuamente moldada por processos de seleção, transmissão e transformação, podendo enfraquecer quando os mecanismos de transmissão entre gerações se tornam frágeis. A apreciação das tradições parece depender de ambientes familiares que incentivem essa conexão, e a falta desses laços pode resultar na diminuição das práticas culturais com o passar do tempo.

Em geral, as opiniões dos jovens revelam uma mistura de interesse e preocupação em relação à educação intergeracional. Estes reconhecem o valor das histórias e experiências dos idosos, como mostram as seguintes expressões: “Eu gosto tanto de ouvir as histórias que eles contam (...)” e “Gosto de saber as experiências deles porque (...) eles são tipo a nossa base.” (J2). O mesmo observei, após a entrevista com a participante J2 nas atividades realizadas depois do lanche sobre as diferentes temáticas apontadas no meu diário de bordo (ver apêndice I). Esta valorização das experiências dos mais velhos vai em consonância com as orientações da OMS (1999), que destaca a importância de promover espaços de interação intergeracional como forma de reforçar o sentido de pertença, respeito e continuidade cultural. Também demonstram uma vontade ativa de participar, sugerindo a realização de “(...) mais atividades com eles, como jogos de história (...)” (J3) o que indica uma motivação para fortalecer essa conexão. De acordo com Ricardo (2016), este tipo de envolvimento reflete uma tendência positiva entre os jovens que, quando expostos a contextos de partilha intergeracional, desenvolvem maior sensibilidade social e consciência do valor simbólico das tradições. No entanto, os jovens também percebem que muitos da sua geração “(...) já não se importam muito com isso (...)” (J1) sugerindo uma diminuição geral do interesse coletivo. Esta constatação está alinhada com a OMS (2002), que salienta que a desvalorização da experiência e do conhecimento dos idosos pelas gerações mais novas representa um desafio significativo para a preservação das práticas e saberes culturais. Esta percepção aponta para um desafio na manutenção dessas trocas, que dependem da valorização da experiência e da história dos idosos para se manterem vivas.

Por outro lado, os idosos manifestam um certo ceticismo quanto à disposição dos jovens em aprender. Comentários como “Se eles realmente quiserem aprender, é possível (...)” (I1) revelam que, para eles, o sucesso dessa interação depende da vontade dos jovens. Adicionalmente, testemunhos como de que “Às vezes a pessoa quer dar o bom conselho a eles, mas eles não ouvem (...)” (I2) e que “Eles não se importam a aprender,

porque não há respeito.” (I3) expõe uma percepção de falta de abertura e de respeito que dificulta o diálogo e a transmissão do conhecimento. Nesta perspectiva Palmore (2003) alerta que “são frequentemente criadas ideias erradas e estereótipos em relação aos idosos, subestimando suas capacidades e vontade de transmitir saberes”, mostrando que tais percepções negativas podem reforçar a dificuldade de comunicação intergeracional.

Esta diferença de percepções mostra que, embora exista um grande potencial de interação entre gerações, esse encontro é muitas vezes dificultado por barreiras de natureza comportamental, emocional e social, que afetam tanto os mais jovens como os mais velhos. Muitos jovens demonstram curiosidade genuína e vontade de aprender com as gerações anteriores, mas essa abertura nem sempre é correspondida. Alguns idosos tendem a interpretar as atitudes dos mais novos a partir das suas próprias referências e experiências, o que pode levar a uma visão mais crítica ou até subestimada. Essa distância de perspectivas acaba por alimentar mal-entendidos e preconceitos de parte a parte, reforçando estereótipos que dificultam o diálogo e a aproximação. Forma-se, assim, um ciclo de desconfiança e afastamento, em que a falta de comunicação só aprofunda as barreiras que a provocam. Como sublinha Dovidio (2010), as percepções negativas e os estereótipos entre grupos sociais funcionam como obstáculos sérios à comunicação e à cooperação, perpetuando dinâmicas de exclusão simbólica e de isolamento mútuo. Compreender e desconstruir essas percepções é, por isso, um passo essencial para promover relações mais empáticas, abertas e colaborativas entre as diferentes gerações.

Assim, para que a educação possa realmente integrar e valorizar diferentes gerações, é essencial criar espaços de aprendizagem e convivência que cultivem o respeito mútuo, a empatia e o reconhecimento das trajetórias de vida individuais e coletivas. Esses ambientes devem ir além da simples transmissão de saberes dos mais velhos para os mais jovens, promovendo também a escuta atenta e a abertura dos primeiros para compreender e acolher as novas formas de pensar, comunicar e interagir que marcam as gerações atuais. Dessa forma, o processo educativo torna-se verdadeiramente bidirecional: ambos os grupos se reconhecem como detentores de conhecimento e experiência, construindo um diálogo que ultrapassa os limites da educação formal. Neste seguimento, Silva (2008) destaca a importância dos contextos educativos intergeracionais como instrumentos de inclusão social e de coesão comunitária, salientando que o encontro entre diferentes idades favorece simultaneamente a valorização da experiência dos mais velhos e a disposição dos jovens para novas aprendizagens e formas de convivência. Promover esses

espaços é, portanto, apostar numa educação mais humana, colaborativa e atenta à diversidade temporal e cultural que molda o tecido social contemporâneo.

Referentemente às opiniões dos jovens, a receptividade dos idosos à partilha de conhecimentos intergeracionais varia bastante segundo a personalidade e disposição individual, como destacou J3. Nesse sentido, Veloz (1999) ressalta que “uma imagem negativa atribuída aos idosos pode ter consequências significativas, afetando a autoestima, a motivação e a participação deles na transmissão de saberes”, evidenciando que a disposição individual dos idosos está profundamente ligada à percepção social que recebem. Alguns idosos demonstram abertura, como quando “(...) têm telemóvel e às vezes pedem-nos ajuda.” como apontam J1 e J2 e recebem prontamente auxílio dos jovens, o que revela uma troca benéfica e colaborativa. Esta interação positiva está em consonância com a OMS (1999), que evidencia o envolvimento ativo dos idosos em atividades intergeracionais que, por sua vez, promove benefícios tanto para a aprendizagem dos jovens quanto para a autoestima e integração social dos mais velhos. Contudo, também é destacada a presença de idosos mais inflexíveis, “(...) que acabam por nem falar, apenas cumprimentar (...)” (J3) sinalizando uma resistência que pode limitar o diálogo entre gerações.

Do lado dos idosos, há uma consciência de que existem lacunas culturais significativas, embora algumas iniciativas pontuais procurem minimizar essas diferenças, como expressam: “Aqui houve uma atividade que procura não haver lacunas, mas fora eu não sei.” (I1). De acordo com o que foi registado no diário de bordo (ver apêndice I), a atividade em causa refere-se a todas aquelas em que há trocas de ideias durante as celebrações festivas ao longo dos meses. Esta preocupação está alinhada com os princípios defendidos pela ONU, que incentiva políticas e práticas que promovem a inclusão intergeracional e a redução das desigualdades culturais e sociais entre gerações. Além disso, os idosos apresentam uma certa rigidez com a postura dos jovens, que “(...) não puxam para saber nada das tradições” (I2) e “(...) só querem ter o seu carrinho e um telemóvel para passear.” (I3), indicando uma percepção de desinteresse nas questões culturais e históricas. Como assinala Barros (2008), “existem poucos esforços estruturados para melhorar a percepção dos jovens relativamente aos idosos e às suas experiências”, reforçando a impressão de desvalorização percebida pelos participantes e a necessidade de iniciativas educativas mais eficazes.

Perante esta circunstância, as diferenças culturais entre gerações não resultam apenas de uma eventual falta de atenção dos jovens face a determinadas tradições, mas também das dificuldades, ou mesmo da resistência, que algumas pessoas mais velhas sentem em adaptar-se às novas formas de convivência e de comunicação. Embora existam iniciativas educativas e sociais que procurem promover o encontro entre diferentes gerações, no quotidiano ainda revela uma distância visível, que reduz as oportunidades de contacto e enfraquece a partilha contínua de experiências, bem como o fortalecimento dos laços intergeracionais. Esta constatação está em sintonia com Vieira (2008), que destaca como as barreiras culturais e sociais entre gerações podem restringir de forma significativa a transmissão de saberes e vivências, sublinhando, por isso, a importância de desenvolver estratégias educativas que incentivem o diálogo e a aproximação entre pessoas de diferentes idades. De facto, Delors (1996) sublinha que “a educação intergeracional é essencial para transmitir conhecimentos, valores e competências entre diferentes gerações”, enquanto Villas-Boas (2016) reforça que “a educação intergeracional fortalece vínculos e promove a aprendizagem mútua”, evidenciando o seu papel central na construção de uma sociedade mais coesa e colaborativa.

5.4.1 Do Idadismo

Relativamente aos jovens, estes revelam uma consciência clara sobre o Idadismo presente na sociedade atual, onde relatam episódios de gozo e desrespeito, como mostra o seguinte comentário “(...) muitos jovens gozam dos mais velhos.” (J1) e a observação de situações concretas, por exemplo, estes sendo ignorados em transportes públicos mesmo quando claramente necessitados, como acrescenta J1. Nesse sentido, Butler (1980) alerta que a discriminação, baseada na idade, está enraizada em atitudes sociais e estereótipos negativos em relação aos idosos, refletindo-se em comportamentos de desrespeito e exclusão. Também fica explícito que parte desses comportamentos é motivada por um misto de medo e ironia, como quando J3 admite que “(...) já presenciei e já o fiz porque acho graça, é como uma partida.”, indicando uma atitude ambivalente entre o desrespeito e a tentativa de justificar essas ações como brincadeira. Esta realidade está alinhada com Mendes e Oliveira (2010), quando abordam o envelhecimento como um problema social, destacando de como perceções negativas sobre os idosos podem gerar marginalização e dificultar a integração intergeracional.

Por outro lado, os idosos entrevistados apresentam relatos mais positivos em relação à convivência com os jovens, afirmando que “(...) os jovens nunca me faltaram ao respeito, nunca fui gozada ou maltratada.” (I1). Contudo, eles reconhecem que situações de desrespeito acontecem, ainda que não tenham vivido essas experiências diretamente, como no comentário: “(...) eu já vi eles faltarem o respeito aos mais velhos, e é muito triste.” (I2). Essa discrepância pode indicar que o ambiente da amostra estudada é mais respeitoso, ou que os idosos tendem a minimizar ou não lembrar de episódios negativos, ou ainda que existem diferenças regionais e contextuais. Nesse sentido, Blanco e Pinazo (2016) destacam que “a realidade intergeracional pode apresentar tanto aspectos positivos quanto negativos, dependendo do contexto e das experiências individuais”, enquanto Palmore (2005) ressalta que o Idadismo a nível social ainda influencia atitudes e comportamentos, mesmo em ambientes mais respeitosos, evidenciando a complexidade da convivência entre gerações.

Esta diferença entre a forma como os jovens percebem o envelhecimento e as experiências relatadas pelos mais velhos evidencia a complexidade do Idadismo enquanto fenómeno social multifacetado, onde coexistem expressões claras de preconceito e formas mais subtis de discriminação, muitas vezes manifestadas através de microagressões, estereótipos ou comportamentos aparentemente inofensivos. A desvalorização das pessoas idosas, que pode surgir sob a forma de comentários “engraçados”, atitudes condescendentes, exclusão simbólica ou marginalização em espaços sociais e profissionais, revela não apenas a persistência de preconceitos associados à idade, mas também uma falta de empatia e de reconhecimento do contributo que os mais velhos continuam a oferecer à sociedade.

O cenário descrito revela uma assimetria nas dinâmicas de poder entre gerações, marcada por uma valorização social que privilegia a produtividade, a inovação e a rapidez, atributos frequentemente associados à juventude, em detrimento da sabedoria, da experiência e do capital cultural acumulado ao longo da vida. Essa hierarquização de valores traduz-se numa perceção social que tende a marginalizar o envelhecimento, desconsiderando o seu papel ativo e contributo das pessoas idosas como aponta Levy (2002). O autor reforça ainda que atitudes discriminatórias baseadas na idade, mesmo quando subtis ou involuntárias, produzem efeitos significativos no bem-estar psicológico, na autoestima e na participação social dos mais velhos, podendo comprometer a sua qualidade de vida (Levy, 2002). Desta forma, o Idadismo deve ser entendido não apenas

como uma manifestação individual de preconceito, mas como uma construção social e estrutural que se reproduz através das instituições, dos discursos e das práticas quotidianas. Enfrentar este fenómeno requer, portanto, uma abordagem educativa e relacional que fomente o encontro e o diálogo genuíno entre gerações. Criar espaços de convivência onde o conhecimento, a curiosidade e a experiência possam coexistir e complementar-se é um passo essencial para transformar perceções e promover vínculos mais igualitários (França, 2010). Mais do que reconhecer simbolicamente o valor dos mais velhos, é necessário traduzi-lo em ações concretas, através da escuta ativa, da partilha e da cooperação, que os afirmem como sujeitos de saber e de aprendizagem. Em paralelo, importa sensibilizar os mais jovens para a dimensão ética das suas interações, ajudando-os a compreender que certos comportamentos ou discursos, mesmo quando bem-intencionados, podem reforçar estereótipos e perpetuar formas subtis de exclusão. Só assim será possível construir uma cultura de respeito e solidariedade intergeracional verdadeiramente transformadora (Butler, 2009).

Também, Villas-Boas (2016) foca que a educação intergeracional transcende a simples transmissão de conhecimento formal, constituindo-se como um processo relacional e afetivo que favorece o fortalecimento dos laços comunitários, a empatia e o respeito mútuo entre gerações. Segundo o autor, iniciativas que aproximam jovens e idosos, por meio de projetos educativos, culturais ou comunitários têm um papel fundamental na desconstrução de preconceitos e na criação de ambientes inclusivos, nos quais os mais velhos são reconhecidos como agentes ativos de aprendizagem e socialização, e os jovens, por sua vez, aprendem a valorizar as experiências e as narrativas transmitidas (Villa-Boas, 2016). Assim, a promoção de uma cultura educativa intergeracional representa não apenas uma estratégia para combater o Idadismo, mas também um caminho para o fortalecimento da coesão social e do sentido de pertença comunitária.

Em geral, os idosos expressam uma visão equilibrada sobre os jovens, reconhecendo que “(...) os jovens deitam a mão, eles ajudam no que é preciso.” (I1) e que, apesar de existirem dias difíceis, “Tem dias (...)” (I2), não se sentem isolados em ambientes de interação com as gerações mais novas, como aponta I3: “Não, não me sinto isolada aqui.”. Esta visão indica que, para muitos idosos, a convivência com os jovens ainda é positiva e marcada por colaboração. Desta forma, Nelson (2015) ressalta que instituições e espaços comunitários estruturados desempenham um papel fundamental ao

promover a interação intergeracional, proporcionando contextos nos quais os idosos podem participar ativamente, colaborar e sentir-se valorizados, o que reforça a importância de criar ambientes que favoreçam essas trocas.

Por outro lado, os jovens percebem que alguns idosos têm uma visão distorcida sobre eles, baseando os seus julgamentos em estereótipos, como a ideia de que “(...) estamos sempre no telemóvel (...) pensam que só queremos ir para festas.” (J2). Estes reconhecem que estes estereótipos têm um fundo de verdade para alguns, mas reforçam que existe uma diversidade grande de comportamentos e interesses entre os jovens, incluindo dedicação aos estudos e outras atividades construtivas como apontou J1. Esta situação é consistente com o que North e Fiske (2012) sublinham, quando discutem como estereótipos intergeracionais podem gerar percepções distorcidas e limitar a compreensão mútua entre jovens e idosos, apesar da diversidade real de comportamentos dentro de cada grupo.

Ademais, os jovens mencionam uma sensação de que os idosos acreditam que “(...) não batemos bem da cabeça porque não fazemos o que eles faziam.” (J3), o que evidencia um choque geracional nas expectativas e valores, podendo contribuir para um distanciamento e até um sentimento de incompreensão por parte dos jovens, que sentem que são julgados de forma injusta. De facto, North e Fiske (2012) destacam que rivalidades intergeracionais e percepções de conflito entre gerações podem intensificar sentimentos de incompreensão e distanciamento, reforçando a necessidade de estratégias educativas e de diálogo que promovam a aproximação e a valorização mútua.

Mesmo quando as interações entre diferentes gerações decorrem de forma positiva e harmoniosa, é comum que permaneça uma certa distância na compreensão mútua entre os grupos etários. Muitos idosos ainda sustentam percepções marcadas por estereótipos ou referências culturais do seu tempo, enquanto os jovens, por sua vez, podem sentir-se pouco valorizados, incompreendidos ou sem espaço para se expressar plenamente. Essa falta de entendimento recíproco tende a fragilizar a comunicação e a dificultar a construção de relações de confiança e de partilha genuína (Haber & DeGraff, 1990). Para transformar essa realidade, é essencial criar ambientes que incentivem o diálogo aberto e empático, onde diferentes gerações possam trocar experiências, refletir sobre as suas vivências e expressar expectativas e preocupações de forma autêntica. Esses espaços de encontro não apenas favorecem a troca de saberes, mas também ajudam a diminuir

sentimentos de isolamento e a fortalecer o sentido de pertença, promovendo uma compreensão mais profunda das motivações e dos valores que orientam cada grupo. Esta perspectiva é sustentada por Haber e DeGraff (1990), que defendem que o diálogo intergeracional desempenha um papel decisivo na promoção da empatia, no reconhecimento da diversidade de experiências e na construção de relações sociais mais justas e inclusivas. Assim, incentivar encontros conscientes e respeitosos entre jovens e idosos constitui um passo essencial para desconstruir preconceitos, fortalecer os laços comunitários e consolidar uma cultura de aprendizagem mútua e de respeito entre gerações.

Sobre o processo de envelhecimento, os idosos destacam a importância de os jovens reconhecerem o mesmo como algo inevitável e que todos enfrentarão, apontando que “Os jovens deviam pensar que o envelhecimento vai chegar a todos.” (I2). Estes também ressaltam a necessidade do respeito e da escuta ativa, alertando para o erro de “(...) deitarem abaixo um idoso.” (I1), evidenciando uma preocupação com a falta de consideração que sentem das gerações mais novas. Por isso, Vieira e Lima (2015) destacam que os jovens frequentemente possuem ideias equivocadas sobre os mesmos, subestimando as suas capacidades e experiências, enquanto Chamberlain (1994) reforça a importância da educação sobre o envelhecimento como um processo inevitável, que deve ser compreendido desde cedo para reduzir preconceitos e promover o respeito intergeracional.

Por outro lado, os jovens reconhecem a importância da experiência dos idosos, especialmente em contextos locais ou comunitários, como afirma J1: “(...) a opinião de uma pessoa mais velha (...) porque eles acham que com a idade têm mais conhecimento.” Nesse sentido, autores como Newman (2008) ressaltam que a experiência de vida dos idosos constitui um valioso veículo de transmissão de competências e conhecimentos, enquanto Patrício e Osório (2013) destacam que a sabedoria acumulada ao longo da vida representa um recurso educativo essencial para a aprendizagem intergeracional e a construção de valores na comunidade. Contudo, há uma dualidade, pois também notam que em certas decisões, especialmente em escalas mais amplas, como evidenciou J2 “A opinião do jovem é a mais importante.”, o que sugere uma valorização crescente das novas gerações em alguns contextos.

Esta interação mostra que, embora o conhecimento acumulado e a experiência de vida das pessoas mais velhas sejam frequentemente reconhecidos e apreciados, há também uma valorização crescente das ideias inovadoras e das perspectivas mais atuais trazidas pelos jovens. Este reconhecimento mútuo revela um importante potencial para relações intergeracionais equilibradas, nas quais a tradição e a inovação se complementam e enriquecem mutuamente (Bales, 2000). Contudo, na prática do cotidiano, essa valorização nem sempre se traduz em atitudes concretas de respeito, atenção e escuta ativa. É certo que, muitos idosos acabam por sentir que o seu saber é reconhecido apenas de forma simbólica, sem que isso se reflita em gestos de verdadeira consideração, o que pode gerar sentimentos de frustração, desvalorização e até exclusão. Essa tensão evidencia a complexidade das relações entre gerações, nas quais o reconhecimento deve ir além do discurso e manifestar-se em comportamentos que expressem empatia e interesse genuíno (Haber & DeGraff, 1990). Assim, Bales (2000) e Haber e DeGraff (1990) sublinham que a valorização recíproca entre gerações deve ser baseada tanto no respeito pelas experiências passadas, quanto na abertura às novas ideias e modos de pensar, pelo que se torna fundamental para construir interações significativas, fortalecer os laços sociais e reduzir as percepções de desvalorização. Promover esse equilíbrio é, portanto, um caminho decisivo para o desenvolvimento de ambientes educativos e comunitários mais inclusivos, colaborativos e humanizados.

Para ultrapassar esses desafios e promover relações mais equilibradas entre gerações, é essencial criar ambientes baseados na consideração mútua, onde as perspectivas, experiências e contributos de todas as idades sejam genuinamente reconhecidos e valorizados. Nestes contextos, o conhecimento partilhado entre jovens e idosos não deve ser entendido apenas como uma transmissão de saber, mas como um processo dinâmico de aprendizagem conjunta, capaz de fortalecer o sentido de comunidade e de promover uma convivência mais inclusiva e colaborativa, na qual cada pessoa se sinta respeitada e encorajada a participar (França, 2010).

Relativamente às possíveis soluções para combater o Idadismo, as percepções de ambos os grupos etários focam a importância do papel da educação como motor de mudança, mas ainda assim insuficiente. Esta visão é apoiada por Levy (2002) e Silva (2008), que ressaltam que a educação, especialmente aquela que promove o diálogo e a interação intergeracional, é fundamental para desconstruir estereótipos relacionados à idade e fomentar o respeito e a empatia entre diferentes faixas etárias. Tanto os idosos

quanto os jovens sugerem que a escola poderia ser um espaço para trabalhar o respeito pelos mais velhos, como destaca I2: “Ações de sensibilização também poderiam ter impacto, fazer com que os jovens se questionem sobre o processo pelo qual todos vamos passar(...)” De facto, Delors (1996) defende que a educação intergeracional nas instituições educativas vai além da simples transmissão de conhecimento, envolvendo a promoção de valores, a compreensão das experiências de vida dos idosos e a construção de empatia entre gerações. Segundo o autor, integrar essas práticas no contexto escolar permite que os jovens reconheçam o envelhecimento como um processo natural e inevitável, enquanto valoriza o saber e a experiência dos mais velhos, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes, respeitosos e socialmente responsáveis.

Contudo, ao lado das propostas de promoção de interações e educação intergeracional, surgem vozes que expressam dúvida ou descrença quanto à eficácia dessas iniciativas. É o caso do participante J3 quando refere que “Não acredito que falar disso na escola vá ter impacto porque os jovens também não querem saber (...)”, evidenciando que nem todos percebem a escola como um espaço capaz de transformar mentalidades ou influenciar atitudes profundamente enraizadas. Esta observação destaca a importância de se considerar fatores contextuais e sociais mais amplos, revelando que mudanças significativas exigem intervenções integradas e participativas, que não se limitem ao ambiente escolar, mas envolvam simultaneamente a comunidade, as famílias e outras formas de socialização. Neste sentido, North e Fiske (2012) salientam que percepções de rivalidade, desconfiança e estereótipos intergeracionais podem gerar um certo ceticismo quanto à eficácia de ações educativas isoladas, enquanto Paltrow (2003) observa que preconceitos persistentes na sociedade reforçam a descrença sobre a capacidade de mudança das atitudes coletivas em relação aos idosos. Assim, para que iniciativas educativas tenham um impacto real e duradouro, é necessário articular estratégias que integrem múltiplos contextos sociais, promovam a reflexão crítica e incentivem a participação ativa de todas as partes envolvidas, criando uma cultura de respeito, compreensão e valorização mútua que transcenda os limites do espaço escolar.

A proposta de levar idosos à escola ou de os jovens visitarem centros de dia como destacou J2: “Podíamos levar um idoso à escola e fazer algumas atividades (...)” revela um potencial caminho intergeracional, que pode fortalecer os laços entre gerações, humanizar os mais velhos e desconstruir estereótipos negativos. Ao mesmo tempo, é importante reconhecer que as relações entre jovens e idosos não estão isentas de tensões,

como mostra a frase: “Os idosos são estranhos e conseguem ser também às vezes muito rudes.” (J3). Essa observação, embora possa ser lida como reforço de estereótipos, também expressa uma experiência vivida que precisa ser escutada e mediada com empatia. Esta perspectiva está alinhada com as recomendações da OMS (2002) e da ONU (2015), que destacam a importância de iniciativas intergeracionais para promover inclusão social, respeito mútuo e redução de preconceitos relacionados à idade.

Outro ponto relevante identificado na investigação refere-se ao papel central da família e da educação informal na formação de atitudes e valores em relação aos idosos, como salientado pelos participantes J1 e J2: “Acho que depende do ensino que adquirimos dos nossos pais.”. Esta percepção reforça a ideia de que o combate ao Idadismo não pode ser delegado exclusivamente à escola ou ao ensino formal, sendo necessário envolver toda a sociedade, incluindo o núcleo familiar, os media, as instituições públicas e os contextos comunitários mais amplos. A família, enquanto primeiro agente socializador, exerce uma influência significativa na construção de percepções sobre o envelhecimento, moldando comportamentos e atitudes desde os primeiros anos de vida. Patrício e Osório (2013) sublinham que, a educação informal, especialmente no seio familiar, desempenha um papel central na transmissão de valores sociais e culturais, sendo fundamental para o desenvolvimento de respeito pelos mais velhos e para a promoção de aprendizagens intergeracionais. Esta perspectiva evidencia que iniciativas educativas formais devem ser complementadas por práticas informais que reforcem o reconhecimento da experiência acumulada pelos idosos, fomentando a empatia, a valorização das diferenças etárias e a construção de relações mais harmoniosas entre gerações. A integração de estratégias educativas formais e informais contribui, assim, para a consolidação de uma cultura social que reconhece e valoriza o papel ativo e significativo dos idosos na vida familiar e comunitária (Patrício & Osório, 2013).

Paralelamente, a proposta de desenvolver campanhas de sensibilização e comunicação pública surge como uma estratégia eficaz e de maior alcance, capaz de envolver diferentes grupos da sociedade como apontou J2 ao referir que: “(...) bastava a gente fazer publicidade, para chegar a mais pessoas.”. Esta sugestão aproxima-se de práticas já consolidadas em campanhas contra outras formas de discriminação social, como o racismo ou a homofobia, podendo ser adaptada de modo a promover o respeito entre gerações e a valorização do envelhecimento. Vieira (2019) destaca que campanhas educativas e de sensibilização têm um papel fundamental na transformação de

mentalidades, na ampliação da consciência social e na redução de preconceitos enraizados, o que as torna ferramentas particularmente relevantes para a diminuição do Idadismo. Além disso, esse tipo de intervenção favorece a presença da temática do envelhecimento nos meios de comunicação, sejam eles tradicionais, como televisão e rádio, ou digitais, como redes sociais e plataformas online. Ao tornar o envelhecimento mais visível e representado de forma positiva, estas ações contribuem para a construção de uma consciência coletiva mais empática, informada e respeitosa em relação às pessoas idosas e ao processo de envelhecer (Vieira, 2019). A utilização de campanhas de sensibilização não apenas reforça mensagens educativas transmitidas na escola ou na família, mas também amplia o impacto social ao promover debates públicos, estimular a reflexão crítica e criar oportunidades para o envolvimento ativo de múltiplos “agentes” sociais, desde indivíduos a instituições governamentais e organizações não governamentais. Desta forma, a combinação de educação formal, educação informal e estratégias de comunicação social configura-se como uma abordagem abrangente e integrada, essencial para a construção de uma cultura de respeito intergeracional e de valorização do potencial social, cultural e educativo dos idosos (Forquin, 2003).

O impacto do Idadismo nas políticas públicas, conforme apresentado nas opiniões dos participantes, tem consequências práticas na forma como a sociedade estrutura os seus serviços e políticas. Os jovens demonstram alguma consciência dessas implicações, particularmente no que diz respeito à falta de recursos para os idosos e ao sentimento de abandono: “Eles ficam abandonados.” (J1). A ausência de políticas eficazes de cuidado e convivência revela o quanto o envelhecimento ainda é tratado com negligência. Assim, Mendes e Oliveira (2010) destacam que o envelhecimento é frequentemente encarado como um problema social, evidenciando lacunas nas políticas públicas e na atenção às necessidades dos idosos, enquanto Silva (2008) ressalta que a velhice ativa só é possível quando há recursos e oportunidades adequadas, reforçando a importância de estratégias governamentais e comunitárias para garantir o bem-estar e a inclusão dos mais velhos.

O ceticismo demonstrado por alguns idosos em relação à possibilidade de mudança social e política, como se evidencia na expressão de I3: “Agora não há salvação (...)” reflete não apenas experiências pessoais de desilusão, mas também o resultado de longos anos de invisibilidade e marginalização no plano político e social. Este sentimento de impotência vai além do impacto individual, afetando o bem-estar emocional e psicológico e enfraquecendo a confiança nas instituições, no sistema democrático e nos

serviços públicos. O resultado é uma sensação coletiva de desamparo e exclusão, que distancia ainda mais os idosos da vida pública e comunitária. Mendes e Oliveira (2010) sublinham que a falta de representação política, a escassez de políticas públicas eficazes e a marginalização persistente das pessoas idosas contribuem para sentimentos de abandono, desconfiança e desalento, dificultando a sua participação ativa nas decisões que moldam a sociedade e afetam diretamente os seus interesses. Esta exclusão, para além de perpetuar desigualdades estruturais, fragiliza a coesão social e compromete a perceção de justiça e pertença. Desta forma, torna-se urgente repensar as formas de inclusão e representação política e social das pessoas idosas, criando espaços de escuta e participação que as reconheçam como agentes de mudança, com voz, experiência e legitimidade para contribuir na construção de uma sociedade mais justa, solidária e democrática (Mendes & Oliveira, 2010).

Os testemunhos mostram, assim, que enfrentar o Idadismo requer uma abordagem ampla, com ações articuladas em diferentes níveis, educativo, comunitário, institucional e legislativo. No campo educativo, torna-se essencial integrar a perspetiva intergeracional nas escolas e em programas de formação, promovendo uma maior consciência sobre o processo de envelhecimento e incentivando o reconhecimento do valor da experiência acumulada pelos mais velhos. Silva (2008) e Levy (2002) reforçam esta ideia ao salientar que a educação intergeracional é uma ferramenta poderosa para desconstruir estereótipos e cultivar o respeito e a empatia entre diferentes idades.

No âmbito comunitário, o desenvolvimento de projetos e espaços de convivência intergeracionais assume um papel igualmente relevante, ao criar oportunidades de encontro e partilha entre jovens e idosos. Estes espaços favorecem a troca de saberes, o fortalecimento dos laços sociais e o *belonging*, contribuindo para comunidades mais solidárias, inclusivas e conscientes da riqueza que a diversidade etária pode oferecer. Haber e DeGraff (1990) enfatizam que iniciativas comunitárias são fundamentais para criar laços significativos, contribuindo para coesão social e valorização mútua. No plano institucional e legislativo, políticas públicas eficazes devem garantir recursos, proteção social e inclusão ativa dos idosos, prevenindo marginalização e abandono. Ao mesmo tempo, a mudança cultural necessária depende de um trabalho intergeracional contínuo, que vá além de campanhas pontuais ou ações simbólicas, promovendo o respeito mútuo, valorização da experiência e combate a estereótipos enraizados. A literatura sugere que apenas estratégias integradas, educativas, comunitárias e institucionais, podem

efetivamente fomentar uma cultura de inclusão intergeracional (Silva, 2008; Haber & DeGraff, 1990; Levy, 2002). E é neste sentido que Butler (1980) destaca que o Idadismo é um fenómeno estrutural que requer intervenções amplas e articuladas, enquanto Chamberlain (1994) ressalta que a educação sobre o envelhecimento é central para transformar atitudes, reduzir preconceitos e construir uma sociedade mais inclusiva e consciente das contribuições dos idosos.

5.4.2 Da Educação Intergeracional para o Desenvolvimento Comunitário

Tanto os jovens quanto os mais velhos reconhecem que a interação entre diferentes gerações enfrenta desafios significativos, sobretudo no que diz respeito à valorização e ao reconhecimento mútuo. No entanto, ambos os grupos etários reconhecem o respeito como um valor essencial para a construção de uma comunidade mais justa, coesa e harmoniosa. Esta ideia é expressa de forma clara por I1: “A pessoa tem que falar com eles para perceberem que merecemos respeito (...)”, revelando a percepção, por parte dos mais velhos, de que o reconhecimento e a consideração são fundamentais para relações interpessoais saudáveis e para a valorização da sabedoria adquirida ao longo da vida.

Por outro lado, a perspectiva dos jovens mostra que o respeito é uma via de mão dupla, nem sempre surge de forma imediata, dependendo muitas vezes da abertura e da disposição de cada indivíduo, como relata J1: “Também acho que depende da pessoa que temos à frente, já cheguei a oferecer ajuda e de ela recusar de uma forma rude.”. Este contraste evidencia que o respeito, embora amplamente valorizado, continua a ser um processo relacional e dinâmico, que requer empatia, diálogo e uma escuta genuína entre as gerações para se consolidar de forma autêntica. Tal constatação indica que, apesar do consenso sobre a importância do respeito, a sua aplicação prática ainda enfrenta desafios relacionados à comunicação, à empatia e à abertura de ambos os grupos para a compreensão mútua.

Villas-Boas (2016), destaca que o respeito mútuo e a valorização das experiências de vida são pilares fundamentais para fortalecer os laços entre gerações, permitindo que jovens e idosos participem de forma ativa, colaborativa e significativa na construção de uma comunidade mais inclusiva e solidária. Dessa forma, a promoção do respeito e da comunicação aberta deixa de ser apenas um ideal abstrato e torna-se um caminho concreto para reduzir preconceitos, superar estereótipos e construir relações intergeracionais mais equilibradas, humanas e enriquecedoras para todos (Villas-Boas, 2016).

Todavia, tanto jovens quanto idosos expressam preocupações significativas relacionadas à mudança de valores e à crescente distância entre as gerações, onde I2 reforça que “(...) os jovens de hoje em dia não têm os mesmos valores que a gente.”, refletindo a percepção dos mais velhos sobre o enfraquecimento de normas e tradições que outrora orientavam a vida comunitária. Por sua vez, J2 reconhece que “Não valorizamos o suficiente porque a gente não pára para olhar para os nossos avós.”, evidenciando que os jovens também percebem lacunas na atenção e no reconhecimento das experiências dos mais velhos. Esta reflexão mútua de perda cultural e de desconexão intergeracional evidencia um desafio central: a transmissão de conhecimentos, valores e tradições não ocorre de forma orgânica ou sistemática, comprometendo a qualidade da convivência comunitária e a continuidade de referências culturais que fortalecem a identidade social (Delors, 1996). Segundo o autor, a Educação Intergeracional tem um papel essencial na preservação e na partilha dos valores culturais e sociais que dão continuidade à vida em comunidade. Mais do que um simples processo de transmissão de saberes, esta representa um espaço de encontro, onde conhecimentos, tradições e experiências de vida são redescobertos, reinterpretados e valorizados pelas novas gerações (Delors, 1996). Ao favorecer esse diálogo entre idades, a Educação Intergeracional fortalece a coesão social, promove laços de afeto e de confiança, e assegura que a sabedoria acumulada ao longo do tempo continue a inspirar e orientar o presente. Desta forma, investir na valorização da troca cultural e educativa entre gerações é, acima de tudo, um compromisso com a continuidade e com a vitalidade da comunidade. Trata-se de uma forma de reduzir distâncias, não apenas sociais, mas também emocionais, e de garantir que os legados históricos, éticos e culturais permaneçam vivos, sendo constantemente renovados e apropriados por quem chega depois (Delors, 1996).

Além disso, a tendência dos jovens é procurar apoio principalmente aos colegas e amigos, como refere I3 “Os novos não procuram os conselhos dos mais velhos, eles procuram é dos mais jovens.”. Esta expressão é reconhecida pelos próprios idosos, que interpretam esta mudança com certa resignação como “Acredito que não há nada a fazer.” (I3). Esta situação indica um desafio significativo de que a diminuição das interações entre diferentes gerações pode reduzir o valor cultural e social das comunidades locais. Esta situação vai ao encontro com Cherry (2008), que argumenta que a redução das interações intergeracionais pode enfraquecer a transmissão de saberes culturais e sociais, diminuindo o sentimento de pertença e a coesão das comunidades locais.

Por outro lado, os jovens revelam uma crescente vontade de assumir um papel ativo na construção e no fortalecimento dos laços entre gerações, propondo ações concretas que estimulem o contacto e a colaboração direta com os mais velhos. Um exemplo disso é a sugestão de J3 “Poderíamos reunir um grupo para ir a casa dos idosos (...)”, que demonstra não apenas disponibilidade para agir, mas também uma consciência clara do valor humano e educativo dessas iniciativas. Esta atitude reflete um reconhecimento de que a convivência intergeracional é uma via de mão dupla, um espaço de partilha, escuta e aprendizagem mútua. Por sua vez, ainda que alguns idosos manifestem um certo ceticismo quanto à eficácia destas propostas, é possível perceber um reconhecimento genuíno da importância de cultivar uma comunidade sustentada no respeito, na empatia e na solidariedade. Esta visão reforça, uma vez mais, a ideia de que a coesão social não se constrói de forma isolada, mas através do compromisso coletivo de diferentes gerações em participar ativamente na criação de uma sociedade mais humana e coesa.

Bales (2000), também sublinha que a importância de ações concretas de interação entre gerações, como visitas, projetos colaborativos e atividades educativas e culturais, no fortalecimento dos laços sociais e na promoção de uma convivência mais empática e significativa. Estas iniciativas vão além do simples encontro entre idades: estas criam espaços de partilha genuína, nos quais jovens e idosos podem aprender uns com os outros, reconhecer o valor das suas experiências e desenvolver o *belonging* e de respeito mútuo. Ao promover esse tipo de envolvimento, contribui-se não apenas para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, mas também para a valorização da diversidade geracional como um recurso essencial à coesão comunitária (Bales, 2000). A análise das perspetivas partilhadas, mostra que, apesar das dificuldades que ainda marcam a comunicação entre gerações e da distância que muitas vezes se instala no quotidiano, existe um ponto de encontro possível, um espaço comum que pode ser cultivado para fortalecer e revitalizar as relações intergeracionais (Bales, 2000).

No que concerne ao papel das relações intergeracionais na manutenção da história, das tradições e da identidade cultural, as perceções dos idosos e dos jovens revelam uma tensão significativa, marcada por preocupações mútuas e expectativas diferenciadas. Os idosos, expressam uma apreensão clara quanto à falta de interesse ou de abertura dos jovens para a aprendizagem e continuidade dos saberes tradicionais, enfatizando que muitos deles “(...) não estão abertos para saber aquilo que temos a ensinar (...) tudo vai

acabar por se perder.” (I2). Esta declaração evidencia não apenas um sentimento de urgência, mas também a percepção de que a perda de conhecimento e práticas culturais e tradicionais representa uma ameaça à identidade coletiva e à memória histórica da comunidade (Leandro, 2001).

Por outro lado, os jovens, ainda que muitas vezes menos conscientes da dimensão cultural que envolve os saberes transmitidos pelos mais velhos, podem retirar benefícios profundos da participação ativa em projetos intergeracionais. Mais do que simples oportunidades de aprendizagem, essas práticas desempenham um papel essencial na preservação da memória coletiva, das tradições e da identidade cultural das comunidades, possibilitando que as novas gerações compreendam o seu lugar na continuidade da história e reconheçam o valor dos legados que as antecedem (Leandro, 2001).

Por outro lado, os jovens reconhecem que a convivência intergeracional dentro das instituições é muitas vezes induzida e limitada a atividades específicas, como jogos e convívios, e que a efetividade dessas relações depende muito da disposição pessoal: “Isso depende da personalidade de cada um, se algum está disposto para conhecer mais um jovem e vice-versa.” (J3). Eles, também, sugerem que deveria haver mais momentos frequentes e diversificados, como passeios e encontros em espaços abertos, pois poderiam favorecer uma maior troca cultural e social, como acrescenta J2. Isto vai ao encontro com o que Luders e Starani (2002) enfatizam, em que a efetividade dessas relações depende da frequência, diversidade das atividades e da disposição pessoal, mostrando que projetos mais dinâmicos e participativos aumentam e fortalecem vínculos entre jovens e idosos.

Os jovens, segundo a percepção partilhada por muitos dos participantes mais velhos, parecem, por vezes, menos dispostos a valorizar ou a participar ativamente em momentos de troca intergeracional, como expressa I1 ao afirmar que “os mais jovens não querem aprender, porque eles têm logo as coisas feitas”. Esta diferença de percepções revela um desafio importante para a comunicação e a construção de pontes entre gerações, evidenciando que o reconhecimento do valor do saber e da experiência dos mais velhos nem sempre surge de forma espontânea entre os mais novos. Mais do que uma questão de atitudes individuais, esta realidade reflete transformações culturais e sociais mais amplas, que influenciam a forma como os jovens se relacionam com o conhecimento e com o tempo. O ritmo acelerado da vida contemporânea, o fácil acesso à informação e a predominância das tecnologias digitais contribuem para um afastamento simbólico e

emocional em relação às formas de aprendizagem baseadas na escuta, na convivência e na experiência (Luders & Starani, 2002). Neste contexto, o desafio não é apenas despertar o interesse dos jovens pelo diálogo com os mais velhos, mas também criar oportunidades significativas de encontro e partilha, onde ambas as gerações possam reconhecer e valorizar mutuamente os seus contributos.

Pratt (1994) destaca que as transformações culturais, tecnológicas e sociais exercem uma influência significativa sobre a forma como os jovens se dispõem a interagir com as gerações mais velhas. A aparente falta de interesse ou de envolvimento não deve ser interpretada unicamente como desrespeito ou desvalorização, muitas vezes, ela resulta da maneira como a própria sociedade estrutura e comunica essas interações, tornando-as pouco significativas ou distantes das realidades e motivações juvenis (Pratt, 1994). Compreender essas barreiras contextuais é, portanto, essencial para repensar as estratégias educativas e comunitárias que visam aproximar diferentes idades. Ao reconhecer que a participação dos jovens depende também da relevância e da autenticidade das experiências propostas, torna-se possível criar espaços mais dinâmicos, dialogantes e emocionalmente significativos, nos quais o saber dos mais velhos é valorizado e a curiosidade dos mais novos encontra espaço para florescer. Só assim se poderá construir um diálogo intergeracional mais equilibrado, empático e produtivo, capaz de fortalecer tanto a aprendizagem mútua quanto a coesão social (Pratt, 1994).

No que diz respeito à convivência intergeracional enquanto estratégia para combater o Idadismo e promover uma sociedade mais inclusiva, as perceções partilhadas por jovens e idosos revelam uma complementaridade rica e promissora. Ambas as gerações reconhecem que têm algo valioso a oferecer e a aprender, o que evidencia o potencial transformador do encontro entre diferentes idades (Silva, 2008). De um lado, os jovens demonstram apreço pelas experiências, pelos saberes e pelas tradições transmitidas pelos mais velhos, reconhecendo neles uma fonte de aprendizagem e de inspiração. Do outro, os idosos valorizam as competências tecnológicas, a criatividade e a energia que os mais novos trazem para as relações sociais, vendo nessas qualidades uma oportunidade de renovação e adaptação ao mundo contemporâneo. Esta troca mútua, quando estimulada de forma intencional e respeitosa, torna-se um espaço fértil de crescimento coletivo, em que o diálogo entre gerações contribui para uma convivência mais empática, solidária e equilibrada (Silva, 2008).

Adicionalmente, os idosos manifestam frequentemente um sentimento de nostalgia pelos tempos passados, quando as relações sociais eram mais próximas, informais e frequentes, como expressa I2: “(...) antes a gente ia à casa uns dos outros”. Esta recordação mostra como, em tempos, a convivência espontânea e quotidiana entre vizinhos, familiares e membros da comunidade desempenhava um papel essencial na partilha de experiências, valores culturais e práticas sociais. Era através dessas interações simples e genuínas que o conhecimento se transmitia naturalmente, passando de geração em geração sem necessidade de mediações formais (Vergueiro & Lima, 2010).

No entanto, os relatos dos participantes também evidenciam um certo grau de ceticismo quanto ao interesse e à motivação dos jovens na atualidade, como sugere I3: “Não acredito que mesmo que houvesse esses espaços eles se iam importar.”. Esta perceção aponta para uma visão de desconexão entre as gerações e levanta questões sobre a eficácia de espaços ou iniciativas destinadas à promoção de interação intergeracional. O ceticismo manifestado por muitos idosos reflete não apenas as mudanças nos hábitos de socialização e nos estilos de vida contemporâneos, mas também experiências passadas de desvalorização, falta de atenção ou ausência de reconhecimento por parte das gerações mais jovens. Este cenário evidencia que a simples criação de espaços intergeracionais, embora necessária, não garante automaticamente uma inclusão efetiva. É fundamental, portanto, desenvolver estratégias que tornem esses ambientes atrativos, significativos e capazes de aliciar verdadeiramente todas as faixas etárias (ONU, 2015).

Estas estratégias devem ir além da disponibilização de locais de encontro, incorporando atividades estruturadas que promovam a comunicação, a colaboração e o respeito mútuo. O objetivo é superar barreiras de interesse, preconceitos e estereótipos relacionados à idade, criando condições para que jovens e idosos se reconheçam como parceiros ativos na partilha de saberes e experiências. Quando combinadas com infraestruturas adequadas, metodologias participativas e conteúdos relevantes, essas iniciativas transformam os espaços intergeracionais em verdadeiras ferramentas de inclusão social, preservação do conhecimento acumulado e fortalecimento da coesão comunitária (OMS, 2002).

Em contrapartida, os jovens reconhecem o valor pedagógico e social de iniciativas que aproximem as gerações desde cedo, defendendo a ideia de que “Se as crianças/jovens saíssem das escolas para vir ter com idosos ao lar, ou a espaços verdes aprendiam desde

muito cedo a lidar com pessoas mais velhas.” (J1). Esta experiência direta é vista como fundamental para desmistificar preconceitos, como o medo associado a condições como o Alzheimer, e para desenvolver empatia e respeito, como acrescenta J1. Neste sentido, Nunes (2009) destaca que a interação precoce entre jovens e idosos favorece a aprendizagem de atitudes positivas e a redução de estereótipos, enquanto Fernandez-Bullesteros (2000) reforça que programas intergeracionais nas escolas e comunidades promovem empatia, compreensão das diferenças geracionais e valorização da experiência de vida dos mais velhos, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e socialmente responsáveis.

Além disso, os jovens refletem sobre as limitações da convivência com idosos debilitados ou diferentes, reconhecendo que muitos jovens evitam o contato por falta de compreensão e valorização, mas também apontam que o esforço do idoso para se aproximar pode influenciar positivamente essa relação: “Se eles vissem com atenção o idoso poderia se esforçar para falar com eles.” (J2). Schwartzman (2003) destaca que a percepção e atitude dos jovens em relação aos idosos são fortemente influenciadas pela familiaridade e pelo contato direto, enquanto Birren (2005) enfatiza que a interação ativa e o esforço por parte dos idosos podem facilitar a aproximação, melhorar a comunicação e reduzir estereótipos, contribuindo para relações intergeracionais mais positivas e empáticas.

Tanto jovens quanto idosos concordam que a convivência próxima e o contacto regular são fundamentais para transformar percepções e atitudes sobre o envelhecimento, promovendo uma visão mais equilibrada, realista e respeitosa. O convívio contínuo permite que estereótipos e preconceitos internalizados por ambas as gerações sejam questionadas, pois a partilha de experiências favorece a compreensão mútua, a empatia e o reconhecimento do valor social, cultural e cognitivo de cada faixa etária (Palmeirão & Menezes, 2009). A participação ativa passa a ser, assim, um elemento central para que a simples presença física se transforme em experiências significativas, aprendizagem mútua e mudanças sociais reais. Essa ideia é reforçada pelas recomendações da OMS (2002), que destaca a importância de programas intergeracionais bem estruturados para reduzir preconceitos ligados à idade, promover a inclusão social, fortalecer o sentido de pertença à comunidade e consolidar laços de solidariedade entre gerações.

Os jovens demonstram uma visão otimista e proativa quanto ao papel da educação na redução do Idadismo e na promoção do respeito entre gerações. Propostas destacadas por J1, J2 e J3 como a criação de projetos escolares que aproximem crianças e idosos, bem como a inclusão de disciplinas ou debates focados no envelhecimento e na convivência intergeracional, são vistas como estratégias essenciais para formar uma nova geração mais consciente e respeitadora. Contudo, reconhecem que o impacto dessas medidas pode ser limitado pela falta de interesse geral, sugerindo a necessidade de focar em grupos motivados e usar abordagens mais dinâmicas. Haber e DeGraff (1990), defendem que programas intergeracionais devem ser planejados de forma a ter participantes motivados e utilizar estratégias inovadoras, garantindo maior eficácia na promoção do diálogo, da empatia e da valorização mútua entre gerações.

Por seu turno, os idosos expressam um certo pessimismo, expressando que os jovens estão mais centrados em suas próprias vidas e, por isso, pouco interessados em valores intergeracionais. Esta percepção é consistente com Ricardo (2016), que sugere que transformações sociais, culturais e tecnológicas podem levar os jovens a priorizar interesses individuais, reduzindo seu envolvimento em atividades que promovam a transmissão e valorização de saberes intergeracionais. Comentários como “Não posso dizer porque isso depende do que cada um carrega no seu coração.” (I1) e “Eles querem tudo, mas é como eles entendem.” (I3) sugerem uma dúvida acerca da chance de os jovens se envolverem de maneira genuína e significativa em assuntos que tratam da importância dos mais experientes e do cuidado coletivo.

Esta disparidade evidencia um desafio importante e recente nos nossos dias pois apesar da abertura e das propostas dos jovens para ações educativas, os idosos sentem que o interesse e o compromisso podem não ser suficientes para promover mudanças significativas. Levy (2002) argumenta que, mesmo quando existe motivação inicial, barreiras relacionadas a estereótipos de idade e percepções negativas podem limitar a eficácia das interações intergeracionais. Isso evidencia a necessidade de estratégias estruturadas que não apenas envolvam os jovens, mas também assegurem que os idosos se sintam valorizados e que seu papel na transmissão de saberes e valores seja reconhecido e respeitado. Para Bales (2000) a colaboração entre gerações funcione de forma efetiva na resolução de problemas locais e na melhoria do bem-estar da comunidade, é fundamental criar espaços e iniciativas que vão além do simples encontro entre idades. Estes contextos devem incentivar um envolvimento genuíno, em que os

jovens se sintam responsáveis e envolvidos, reconhecendo o valor das contribuições dos mais velhos.

Há de facto um desejo de maior interação e aprendizagem mútua dos idosos com os mais jovens. A título de exemplo como sugere I2 “Deveria de haver mais atividades com os jovens para aprendermos todas coisas novas.” evidencia uma valorização das trocas intergeracionais como meio para fortalecer laços comunitários e promover desenvolvimento. A experiência partilhada de atividades coletivas, mesmo que não tenham resultados competitivos, como no caso da atividade onde “(...) fomos almoçar juntos.” (I1) esta atividade fez parte do prémio resultante da vitória de um Workshop realizado denominado de “Concurso de criação artística e palestra sobre: A Europa e o cruzamento de gerações” como registado no diário de bordo (ver apêndice I). Mostra que o valor está mais na convivência e na construção de relações do que nos resultados imediatos. Contudo, também há um sentimento de que os tempos mudaram, expresso em “Já é tarde demais.” (I3), que pode traduzir um certo esmorecimento sobre a efetividade dessas iniciativas na sociedade atual.

Do lado dos jovens, observa-se um reconhecimento de que os valores entre gerações divergem em vários aspetos. Esta visão pode advir de que as gerações mais novas não valorizam tanto o esforço e a gratidão, como expressa J1 “(...) a gente já não cresce naquela coisa de se esforçar para ter as coisas como antes.”. Além disso, os jovens percebem uma diminuição das práticas tradicionais de solidariedade comunitária “Antigamente eles iam à casa da vizinha pedir açúcar ou um ovo e eles davam, hoje em dia não.” (J2) o que indica uma mudança cultural significativa. Por outro lado, há também um entendimento de que certos valores essenciais, como a empatia e a preocupação com o próximo, permanecem presentes em ambas as gerações, ainda que manifestados de formas diferentes: “Acho que acabam por ser os mesmos porque toda a gente pensa em si pelo melhor, ou seja, são empáticos.” (J3).

Os jovens reconhecem o potencial dos projetos intergeracionais para gerar impacto não apenas imediato, mas também a longo prazo, ao estimular a curiosidade e o interesse dentro das famílias e comunidades “(...) quando chegassem a casa iam contar os pais, e os pais iam querer saber mais.” (J1). Embora haja alguma descrença sobre o impacto rápido destas iniciativas, eles reconhecem o valor político e social da cooperação entre gerações, ressaltando que “(...) idosos também decidem sobre o país porque ouvem

os jovens e vice-versa.” (J3). Também expressam uma visão prática quanto às limitações atuais, destacando que os idosos precisam descansar e os jovens trabalhar, mas acreditam na capacidade conjunta para contribuir como apontou J2.

Por outro lado, os idosos valorizam as experiências concretas que tiveram em atividades conjuntas, como jogos e dinâmicas, que consideram marcantes e capazes de promover mudanças “Acredito que conseguimos fazer a diferença, porque duas cabeças pensam melhor que uma.” (I2). Apesar do desejo de que essas iniciativas fossem mais frequentes, lamentam a escassez delas “(...) os que se fazem são pouco.” (I3) o que pode restringir a extensão de possíveis vantagens. Esta convergência evidencia que tanto jovens quanto idosos veem valor nas trocas intergeracionais para enfrentar desafios comunitários, especialmente nas áreas da saúde e educação. No entanto, é necessário ampliar e sistematizar esses projetos para garantir maior impacto e envolvimento contínuo (ONU, 2015). Além disso, a compreensão das restrições práticas e da disponibilidade das várias gerações indica que os projetos precisam ser elaborados de maneira flexível, tendo em conta as habilidades e exigências particulares de cada grupo.

Conclusão

O aumento da esperança média de vida, associado à diminuição da natalidade, tem alterado significativamente a estrutura etária das sociedades contemporâneas, impondo novos desafios sociais, culturais e educativos. Este fenómeno demográfico evidencia a necessidade de repensar a forma como a velhice é conceptualizada, valorizada e integrada na vida comunitária. No contexto atual, a terceira idade é frequentemente associada a estereótipos negativos, centrados exclusivamente na produtividade económica, marginalizando as contribuições sociais, culturais e educativas dos idosos. Tal visão restritiva conduz muitos idosos a sentimentos de desvalorização, inutilidade e isolamento, fenómenos extensivamente documentados na literatura sobre Idadismo e envelhecimento

social (Levy, 2002; Forquin, 2003). Este quadro evidencia a urgência de políticas, práticas sociais e educativas que promovam o reconhecimento dos idosos, valorizem as suas contribuições e incentivem a participação ativa desta faixa etária na vida comunitária e na preservação do património cultural e social.

A desconstrução de estereótipos negativos sobre a velhice emerge como um objetivo central para a promoção de uma sociedade mais equitativa. A idade superior a 65 anos não deve ser entendida como sinónimo de incapacidade, mas como uma etapa de vida marcada por experiência acumulada, sabedoria e competências sociais desenvolvidas ao longo do ciclo vital. Levy (2002) e Forquin (2003) destacam que a internalização de representações negativas pelos próprios idosos contribui para a perpetuação de ciclos de inutilidade, limitação da participação social e exclusão, comprometendo não apenas o bem-estar individual, mas também a coesão social. Assim, estratégias educativas, políticas públicas e intervenções comunitárias devem enfatizar o reconhecimento das contribuições contínuas dos idosos, promovendo respeito, empatia e valorização da diversidade etária em todos os contextos sociais.

A promoção de relações intergeracionais surge como uma estratégia central para combater o Idadismo e fortalecer a coesão social. A interação entre jovens e idosos permite não apenas a transmissão de saberes culturais, históricos e sociais, mas também o desenvolvimento de capacidades cognitivas, fortalecimento da autoestima e promoção de um sentido de propósito na vida dos idosos. Simultaneamente, os jovens beneficiam de aprendizagem experiencial, adquirindo valores, práticas culturais e competências que dificilmente seriam transmitidos em contextos formais de educação (Haber & DeGraff, 1990; Bales, 2000; Carvalho, 2007). Esta troca de saberes e experiências contribui para a valorização das contribuições de todas as faixas etárias, promovendo empatia, respeito e solidariedade intergeracional e fortalecendo a coesão comunitária.

A investigação realizada neste estudo evidencia discrepâncias significativas entre as perceções das diferentes gerações quanto aos métodos de aprendizagem, à valorização das tradições culturais e ao uso de tecnologias digitais. Os participantes mais experientes valorizam profundamente dedicação, esforço e persistência na aquisição de conhecimento, refletindo a importância da preservação de saberes acumulados e da continuidade das tradições culturais como pilares da coesão social (Forquin, 2003; Palemeirão & Menezes, 2009). Em contraste, os jovens inserem-se em contextos

caracterizados pelo acesso imediato à informação e pela rápida evolução tecnológica, o que favorece aprendizagens ágeis, mas também levanta desafios quanto ao uso responsável e à compreensão aprofundada dos contextos culturais e históricos. Estas diferenças naturais entre gerações evidenciam a necessidade de criar espaços colaborativos de aprendizagem que promovam diálogo, partilha de experiências, valorização mútua e fortalecimento de vínculos sociais intergeracionais.

As disparidades observadas funcionam como barreiras simbólicas e estruturais à comunicação e à transmissão de saberes. A ausência de contextos que incentivem o diálogo impede que o potencial educativo e social da convivência entre gerações seja plenamente explorado. Forquin (2003) e Palemeirão e Menezes (2009) salientam que tais lacunas podem comprometer a preservação de conhecimentos culturais, práticas sociais e valores essenciais à identidade coletiva. Nesse sentido, programas educativos e projetos intergeracionais estruturados desempenham um papel crucial ao estimular diálogo, colaboração, valorização mútua e reconhecimento das contribuições de todas as faixas etárias.

Recomendações e limitações

A análise realizada reforça a necessidade de políticas públicas que promovam o envelhecimento ativo e combatam o Idadismo estrutural. Medidas governamentais devem incentivar a criação de espaços comunitários intergeracionais, apoiar programas educativos colaborativos e desenvolver campanhas de sensibilização que valorizem a terceira idade. A OMS (2002) e a ONU (2015) destacam que políticas intergeracionais estruturadas contribuem para saúde mental, o envolvimento social, redução do isolamento e valorização das contribuições culturais dos idosos. Além disso, políticas inclusivas devem assegurar que estes participem ativamente nas decisões comunitárias e na definição de estratégias educativas, reconhecendo-os como agentes ativos de transformação social, e não apenas como recetores de cuidados ou transmissão passiva de conhecimento.

No contexto educativo, é essencial desenvolver programas intergeracionais que integrem jovens e idosos em atividades colaborativas, culturais e educativas. Tais programas devem promover diálogo aberto, escuta ativa, aprendizagem experiencial e participação em projetos comunitários. As escolas e organizações comunitárias devem criar iniciativas que permitam aos jovens perceber o valor da experiência acumulada pelos

idosos, e ao mesmo tempo incentivar os mais velhos a integrar novas tecnologias, metodologias de ensino e práticas contemporâneas. Projetos intergeracionais, visitas comunitárias e oficinas colaborativas são exemplos de estratégias que fortalecem laços sociais, promovem empatia e facilitam a transmissão cultural entre gerações (Haber & DeGraff, 1990; Bales, 2000).

Embora o estudo evidencie os benefícios das relações intergeracionais, é importante reconhecer as limitações. A amostra de participantes pode não refletir a diversidade completa da população, e as percepções individuais podem variar significativamente consoante o contexto sociocultural, económico e geográfico. Além disso, a investigação foca-se principalmente na interação direta entre jovens e idosos, não explorando em profundidade outros fatores, como a influência das políticas públicas regionais ou da mediação tecnológica. Futuras pesquisas poderão ampliar a análise, incorporando amostras mais heterogêneas, avaliando programas intergeracionais em diferentes contextos e investigando o impacto de tecnologias digitais na transmissão de saberes e valores culturais entre gerações.

O estudo evidencia que a valorização da experiência e dos saberes dos idosos tem um papel preventivo na perpetuação do Idadismo. A promoção de oportunidades de participação ativa e aprendizagem colaborativa cria condições para que estereótipos negativos sejam desconstruídos, favorecendo mudanças culturais que reforçam o respeito e a dignidade da terceira idade. Políticas públicas, intervenções educativas e programas comunitários estruturados devem, portanto, focar não apenas na integração social, mas também na transformação das percepções sociais sobre envelhecimento, contribuindo para uma sociedade mais equitativa e inclusiva (Haber & DeGraff, 1990; Bales, 2000).

O Idadismo continua a ser um desafio relevante, afetando negativamente autoestima, participação social e preservação de saberes culturais dos idosos (Butler, 1969). Contudo, esta investigação demonstra que relações intergeracionais estruturadas, políticas públicas inclusivas e programas educativos integrados revelam-se estratégias essenciais para fomentar o envelhecimento ativo, a coesão social e a valorização de todas as faixas etárias (OMS, 2002).

Por conseguinte, esta investigação evidencia a importância de uma abordagem holística e integrada, capaz de enfrentar estereótipos, preservar saberes culturais e promover relações intergeracionais sustentáveis (OMS, 2002). Garantir que a terceira

idade seja vivida com dignidade, reconhecimento e participação ativa em todos os domínios da vida social, educativa e cultural não é apenas um imperativo ético, mas uma estratégia essencial para a construção de sociedades mais resilientes, equitativas e socialmente coesas (OMS, 2002). O futuro das comunidades depende, assim, da capacidade de valorizar, integrar e promover a contribuição de todas as gerações, transformando o envelhecimento em oportunidade de aprendizagem, diálogo e crescimento coletivo (ONU, 2015).

Referências

- Age Exchange - Cuidados Integrados na Comunidade*. (9 de março de 2023). Cuidados Integrados na Comunidade. <https://www.communityintegratedcare.co.uk/get-support/age-exchange/>
- Almeida, A., & Souza, N. (2018). O lugar do idoso na família portuguesa: Uma breve análise sociológica e jurídica. *Ata Científica. Ciências Humanas*, p., 51–57.
- Andrade, C. (2002). *Uma experiência de solidariedade entre gerações: Contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Instituto de Inovação Educacional.
- Augé, M. (2005). *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade* (2ª ed.).
- Bales, S., Eklund, S., & Siffin, C. (2000). Children's perceptions of elders before and after a school-based intergenerational program. *Educational Gerontology*, 26(7), 677–689. <https://doi.org/10.1080/036012700300001421>
- Barbour, R. (2009). *Grupos focais*. Artmed.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (Reimpressão da 1ª ed.). Edições 70.
- Barros, J. (2008). *Psicologia do envelhecimento e do idoso*. LivPsic.
- Blanco, M., & Pinazo, S. (2016). Información y exposición indirecta para reducir estereotipos hacia el envejecimiento. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2, 367–380.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*.
- Bogdan, R., & Taylor, J. (1975). *Introduction to qualitative research methods: A phenomenological approach to the social sciences*. Wiley.
- Bowling, A. (2007). Aspirations for older age in the 21st century: What is successful aging? *International Journal of Aging and Human Development*, 64(3), 263–297. <https://doi.org/10.2190/AG.64.3.c>
- Brandão, L. (1999). Narrativas intergeracionais. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 19(1), 98–105. <http://www.scielo.br/pdf/prc/v19n1/31298.pdf>

- Bugental, B., & Hehman, A. (2007). Ageism: A review of research and policy implications. *Social Issues and Policy Review*, 1(1), 173–216. <https://doi.org/10.1111/j.1751-2409.2007.00007.x>
- Butler, N. (1980). Ageism: A foreword. *Journal of Social Issues*, 36(2), 8–11. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1980.tb02018.x>
- Butler, N. (2009). Combating ageism: Guest editorial. *International Psychogeriatrics*, 21(4), 211. <https://doi.org/10.1017/S1041610209009004>
- Camilo, H. (2014). As possibilidades de atuação da educação física na educação de jovens e adultos para a relação intergeracional na educação em direitos humanos. *Motrivivência*, 26(43), 245–261.
- Campbell, D., & Fiske, W. (1959). Convergent and discriminant validation by the multitrait-multimethod matrix. *Psychological Bulletin*, 56(2), 81–105. <https://doi.org/10.1037/h0046016>
- Carvalho, M. (2007). *O diálogo intergeracional entre idosos e crianças: Projeto Era uma vez... Atividades intergeracionais* (Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro).
- Chamberlain, M., Fetterman, E., & Maher, M. (1994). Innovation in elder and child care: An intergenerational experience. *Educational Gerontology*, 20(2), 193–204. <https://doi.org/10.1080/0360127940200207>
- Cherry, E., & Palmore, E. (2008). Relating to older people evaluation (ROPE): A measure of self-reported ageism. *Educational Gerontology*, 34(10), 849–861. <https://doi.org/10.1080/03601270802257969>
- Coimbra, U. de. (2025). *Envelhecimento@Coimbra*. Uc.pt. <https://www.uc.pt/sustentabilidade/projetos-iniciativas/ageing-coimbra/>
- Correia, C. (1999). A observação participante enquanto técnica de investigação. *Pensar Enfermagem*, 13(2), 30–36.
- Cottrell, A., & Neuberg, L. (2005). Different emotional reactions to different groups: A sociofunctional threat-based approach to “prejudice”. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(5), 770–789. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.88.5.770>

- Cuddy, C., Norton, I., & Fiske, T. (2005). This old stereotype: The pervasiveness and persistence of the elderly stereotype. *Journal of Social Issues*, 61(2), 267–285. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2005.00405.x>
- Delors, J. (1996). *Learning: The treasure within. Report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century*. UNESCO.
- Denzin, N. K., & Lincoln, S. (2006). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In *Manual de pesquisa qualitativa* (pp. 15–41). Artmed.
- Denzin, N. K., & Lincoln, S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens* (2.^a ed.). Artmed, <http://bds.unb.br/handle/123456789/863>
- Dicicco-Bloom, B., & Crabtree, B. (2006). The qualitative research interview. *Medical Education*, 40(4), 314–332. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2929.2006.02418.x>
- Dooley, M. (2002). Case study research and theory building. *Advances in Developing Human Resources*, 4(4), 335–354. <https://doi.org/10.1177/1523422302044004>
- Dovidio, J., Hewstone, M., Glick, P., & Esses, V. (2010). Prejudice, stereotyping and discrimination: Theoretical and empirical overview. In J. Dovidio, M. Hewstone, P. Glick, & V. Esses (Eds.), *The SAGE handbook of prejudice, stereotyping and discrimination* (pp. 3–29). SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781446200919.n1>
- Duarte, T. (2009). *A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)*. CIES e-Working Paper, 60. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – ISCTE, https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20_Duarte.pdf
- Erikson, H. (1950). *Childhood and society*. W. Norton.
- Ezpeleta, J., & Rockwell, E. (1986). *Pesquisa participante*. Cortez.
- Fernandez-Ballesteros, R. (2000). *Gerontologia social*. Ediciones Pirámide.
- Flick, U. (2013). *Introdução à metodologia de pesquisa: Um guia para iniciantes* (3.^a ed.).
- Fonseca, M. (2005). O envelhecimento bem-sucedido. In M. C. Paúl & A. M. Fonseca (Coords.), *Envelhecer em Portugal* (pp. 281–311).
- Forquin, C. (2003, outubro). Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações. In *Congresso Internacional Co. educação de Gerações*.

- França, P., Silva, D., & Barreto, L. (2010). Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Geriátrica e Gerontológica*, 13(3), 519–532.
- Franco, B. (2008). *Análise de conteúdo*. Liber Livro.
- Gil, A. C. (2007). *Como elaborar projetos de pesquisa* (5ª ed.). Atlas.
- Grazina, M. C. & Sousa, A. P. (2012, junho, 19-22) *Intergeracionalidade: que futuro?* VII Congresso Português de Sociologia, Porto.
- Günter, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201–210.
- Haber, E. A., & Short-DeGraff, A. (1990). Intergenerational programming for an increasingly age-segregated society. *Activities, Adaptation & Aging*, 14(3), 35–49.
- Harwood, J. (2007). *Understanding communication and aging*. Sage Publications.
- Lapassade, G. (2001). L'observation participante. *Revista Europeia de Etnografia de Educação*, 1, 9–26.
- Leandro, M. (2001). *Sociologia da família nas sociedades contemporâneas*. Universidade Aberta.
- Levy, B., & Banaji, M. R. (2002). Implicit ageism. In T. Nelson (Ed.), *Ageism: Stereotyping and prejudice against older persons* (pp. 49–75).
- Liebscher, P. (1998). Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. *Library Trends*, 46(4), 668–680.
- Lima, M. L. (Coord.). (2011). *Idadismo na Europa: Uma abordagem psicossociológica com o foco no caso português (Relatório II)*. EURAGE – European Research Group on Attitudes to Age, http://www.ienvelhecimento.ul.pt/images/Relatorios/relatorioIdadismo_ii_iscte.pdf
- Llewellyn, S., & Northcott, D. (2007). The “singular view” in management case studies: Qualitative research in organizations and management. *An International Journal*, 2(3), 194–207.
- Luders, A., & Storani, B. (2002). Demência: Impacto para a família e a sociedade. *Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em Visão Globalizada*, 146–159.

- Ludke, M., & André, M. (1986). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*.
- Macedo, L. (2007). Estresse no trabalho e interrupção de atividades habituais, por problemas de saúde, no Estudo Pró-Saúde. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(10), 2327–2336.
- Maier, B. (2004). *Intergenerational programs: bridging the gap*, www.wcu.edu/crd/aging/Intergenerational.htm
- Malinowski, B. (2005). *The Argonauts of the Western Pacific*. Routledge.
- Marconi, M., & Lakatos, M. (2007). *Técnicas de pesquisa*. Atlas.
- Mariuzzo, P. (2012). Crescimento de cirurgias plásticas demonstra fusão dos conceitos de saúde e beleza. *Ciência e Cultura*, 64(3), 13-15.
- Marques, S. (2011). Discriminação da terceira idade (Ensaio da Fundação - População e Demografia - Questões Sociais n.º 12). Fundação Francisco Manuel dos Santos, <https://www.ffms.pt/FileDownload/bcd5b46f-7e1e-4263ae4c0b1d06c61bf8/discriminacao-da-terceira-idade>
- Martins, A. (2008). Estudo de caso: Uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 2(2), 9-18.
- Mauritti, Rosário (2004). *Padrões de vida na velhice*. *Análise Social*, 39(171), 339–363.
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*.
- Maxwell, A. (1996). Qualitative research design: an interactive approach. Applied social research methods series. *Thousand Oaks: Sage Publications*, 41, 153.
- Mendes, M., & Oliveira, A. (2010). A diferença de esperança de vida entre homens e mulheres, Portugal de 1940 a 2007. *Análise Social*, 45(194).
- Minayo, S. (2010). Los conceptos estructurantes de la investigación cualitativa. *Salud Colectiva*, 6(3), 251-261.
- Minayo, S. (2014). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*, 14, 332-336.
- Minayo, S. (2017). Limits and possibilities to combine quantitative and qualitative approaches. In S. Oflazoglu (Org.), *Qualitative versus quantitative research* (pp. 88-99).
- Mónico, L. S. M. (2010). *Religiosidade e optimismo: Crenças e modos de implicação comportamental* (Tese de doutoramento). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

- Moraes, R. (1999). Análise de conteúdo. *Revista Educação*, 22(37), 7-32.
- Moreira, A. (2002). *O método fenomenológico na pesquisa*. Pioneira Thomson.
- Nazareth, M. (2004). *Demografia - A ciência da população*. Editorial Presença.
- Nelson, T. D. (2015). Ageism. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (pp. 337–349). Psychology Press.
- Neuberg, S. L., & Cottrell, A. (2005). A sociofunctional threat-based approach to “prejudice”. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(5), 770–789. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.88.5.770>
- Newman, S., & Hatton-Yeo, A. (2008). Intergenerational learning and the contributions of older people. *Ageing Horizons*, 8, 31–39.
- North, S., & Fiske, T. (2012). An inconvenienced youth? Ageism and its potential intergenerational roots. *Psychological Bulletin*, 138(5), 982–997.
- Nunes, L. (2009). *Promoção do bem-estar subjetivo dos idosos através da intergeracionalidade* (Tese de mestrado). Universidade de Coimbra.
- OCDE. (1998). *Maintenir la prospérité dans une société vieillissante*. Organisation de coopération et de développement économiques. <http://www.oecd.org/dataoecd/22/6/2428637.pdf>
- OMS. (2002). *Vieillir en restant actif: Cadre d’orientation*. Genève: Organisation mondiale de la Santé. http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8_fre.pdf
- Ornelas, J. (2008). *Psicologia comunitária*. Fim de Século.
- Palmeirão, C., & Menezes, I. (2009). A interação geracional como estratégia educativa: Um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações. In *Animação sociocultural na terceira idade* (pp. 22–35). Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Palmore, B. (2003). Ageism comes of age. *The Gerontologist*, 43(3), 418–420. <https://doi.org/10.1093/geront/43.3.418>
- Patrício, R., & António, O. (2013). Educação e inclusão social em tempos de transição. In B. D. Silva, L. S. Almeida, A. Barca, M. Peralbo, A. Franco, & R. Monginho (Orgs.), *Atas do*

- XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 3603–3617). Universidade do Minho, Centro de Investigação em Educação.
- Patton, M. Q. (2002). *Pesquisa qualitativa e métodos de avaliação* (3ª ed., Trad. Nome do tradutor). Sage Publications.
- Paulilo, S. (1999). A pesquisa qualitativa e a história de vida. *Serviço Social em Revista*, 2(2), 135–148.
- PORDATA. (2025). Índice de envelhecimento e outros indicadores de envelhecimento. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Powers, G., Hughes, B., & Ranft, M. (1989). Senior citizens as educational resources. *Educational Gerontology*, 15(5), 481–487.
- Pratt, M., & Norris, J. (1994a). *The social psychology of aging*. Blackwell.
- Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*.
- Ribeiro, C. & Paúl, C. (Coord.). (2011). *Envelhecimento Ativo*. (2º ed.). Lidel.
- Ricardo, R. (2016). A educação e a terceira idade em Portugal: Estudo exploratório de uma universidade sénior. *Investigar em Educação*, 2(5), 99–116.
- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: Métodos e técnicas*.
- Samaja, J. (1992). La combinación de métodos: Pasos para una comprensión dialéctica del trabajo interdisciplinario. *Educación Médica y Salud*, 26(1), 4–34.
- Schneider, H., & Irigaray, Q. (2008). O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. *Estudos Psicológicos*, 25(4), 585–593.
- Schwartzmann, L. (2003). Calidad de vida relacionada con la salud: aspectos conceptuales. *Ciencia y Enfermería*, 9(2), 9–21. <https://doi.org/10.4067/S0717-95532003000200002>
- Silva, E., & Menezes, E. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação* (4ª ed., revisada). Laboratório de Ensino a Distância/UFSC.
- Silva, L. (2008). Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 15(1), 155–168.
- Spradley, J. P. (1980). *Participant observation*. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.

- Veloz, T., Schulze, M., & Camargo, V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 12(2), 479–501.
- Vergara, S. C. (2005). *Métodos de pesquisa em administração*.
- Vergueiro, M., & Lima, M. (2010). O ageismo e os maus-tratos contra a pessoa idosa. *Psychologica*. <https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1054>
- Vieira, C. K. (2019). *Envelhecimento no contexto funcional e social*. Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão, 7, 387–395.
- Vieira, S., & Lima, O. (2015). Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. *Temas em Psicologia*, 23(4), 947–958.
- Villas-Boas, S., Oliveira, A., & Ramos, N. (2016). The intergenerational learning programs: A new sphere of lifelong education. In *Local Change, Social Actions and Adult Learning: Challenges and Responses* (pp. 36–43).
- Voss, C., Tsikriktsis, N., & Frohlich, M. (2002). Case research in operations management. *International Journal of Operations & Production Management*, 22(2), 195–219.
- World Health Organization. (1999). *Draft 1: Global Strategy and Action Plan on Ageing and Health*.
- World Health Organization. (2002). *Active ageing: A policy framework*. Geneva: World Health Organization. <https://www.who.int/publications/i/item/9241562191>
- World Health Organization. (2015). *Draft 1: Global Strategy and Action Plan on Ageing and Health*.
- Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (2ª ed.) Bookman.
- Yin, R. K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (3ª ed.) Bookman.

Apêndices

Apêndice A

Pedido de autorização à Instituição



Assunto: Pedido de autorização para recolha de dados qualitativos no/a

Funchal, 11 de fevereiro de 2025

Exmo(a). Sr(a). Dr(a). ...,

O meu nome é Carolina Maria Gonçalves Pereira e sou estudante do 2.º ano do Mestrado em Educação e Desenvolvimento Comunitário, na Universidade da Madeira. Atualmente, estou a desenvolver a minha dissertação intitulada “Educação Intergeracional e Idadismo. Um estudo de caso no campo do desenvolvimento comunitário”, sob a orientação da Professora Doutora Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira.

No desenvolvimento das sociedades, a mulher e o homem têm vindo a conquistar uma maior longevidade e, apesar de a ritmos diferentes, a esperança média de vida continua a crescer (Nazareth, 2004). No entanto, a construção do significado da velhice é trespassada por crenças, mitos e preconceitos que, na sociedade manifesta-se por meio de representações depreciativas sobre o fenómeno do envelhecimento o que aviva a necessidade de refletir sobre a educação intergeracional para combater o Idadismo presente na sociedade. Esta investigação procura entender melhor a importância da educação intergeracional, que acentua a dimensão pedagógica no encontro de diferentes gerações que executam atividades e tarefas que respondem às suas necessidades e interesses. Numa dinâmica de cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo com base nas histórias de vida e nas artes plásticas fortalecendo laços comunitários, para transmitir conhecimentos tradicionais promove-se assim, um senso de identidade e pertencimento.

Dado que a presente investigação é assumida como um estudo de caso, gostaria de realizá-la na vossa instituição por ter ambas as valências cujos valores passam por criar um ambiente familiar e acolhedor onde crianças e jovens se desenvolvam de forma equilibrada e feliz que procura valorizar os saberes tradicionais e as experiências de vida dos idosos; e ainda aprender a aceitar, respeitar, partilhar e a amar todos e a cada um independentemente das suas especificidades, entre outros de interesse comum e pertinentes para o meu estudo. O principal objetivo deste estudo é compreender a relevância que a Educação Intergeracional pode ter para minimizar o Idadismo, bem como analisar as estratégias adotadas pela vossa instituição de modo a perceber se de facto este encontro entre gerações tem impacto na diminuição do Idadismo presente na sociedade. Para tal, pretendo recolher dados através de entrevistas semiestruturadas, direcionada aos idosos com 65 e mais anos, e aos jovens (entre os 13 e 17 anos), aos respetivos representantes de cada valência desta instituição.

Gostaria de salientar que todas as entrevistas serão gravadas em áudio com modificador de voz (com autorização prévia) sendo que os registos serão eliminados, no prazo máximo de um ano, após a defesa da Dissertação de Mestrado. A investigação assegurará a confidencialidade e o uso exclusivo de dados para o estudo em questão, garantindo igualmente o anonimato dos participantes. Face ao exposto, venho, por este meio, solicitar a sua autorização para realizar a recolha de dados referida. Se possível, agradecia que pudesse formalizar a sua concordância através de um documento escrito por V.^a Ex.^a, como resposta a esta carta.

Na expectativa de receber notícias de V.^a Ex.^a, agradeço a sua atenção com os melhores cumprimentos.

A investigadora

Carolina Maria Gonçalves Pereira (Universidade da Madeira)

Endereço eletrónico: 2018019@student.uma.pt

Apêndice B

Consentimento informado



Consentimento Informado, Esclarecido e Livre para Participação em estudos de Investigação

Identificação do Investigadora: Carolina Maria Gonçalves Pereira

Endereço eletrónico: 2018019@student.uma.pt

Título do estudo: Educação Intergeracional e Idadismo. Um estudo de caso no campo do desenvolvimento comunitário.

Enquadramento: No desenvolvimento das sociedades, a mulher e o homem têm vindo a conquistar uma maior longevidade e, apesar de a ritmos diferentes, a esperança média de vida continua a crescer (Nazareth, 2004). No entanto, a construção do significado da velhice é trespassada por crenças, mitos e preconceitos que, na sociedade manifesta-se por meio de representações depreciativas sobre o fenómeno do envelhecimento o que aviva a necessidade de refletir sobre a educação intergeracional para combater o Idadismo presente na sociedade.

Explicação do estudo: Esta investigação através de um estudo de caso procura entender melhor a importância da educação intergeracional, que acentua a dimensão pedagógica no encontro de diferentes gerações que executam atividades e tarefas que respondem às suas necessidades e interesses. Numa dinâmica de cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo com base nas histórias de vida e nas artes plásticas fortalecendo laços comunitários, para transmitir conhecimentos tradicionais promovendo assim um senso de identidade e pertencimento.

Anonimato e confidencialidade: Aquando das entrevistas é garantida a confidencialidade através de uma aplicação de modificação da voz durante a gravação

da mesma com o uso exclusivo dos dados recolhidos para o presente estudo; asseguramos igualmente o anonimato, não havendo registo de dados de identificação e/ ou partilhados com outrem.

Por favor, leia com atenção esta informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações.

Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Assinatura de quem pede consentimento:

(Carolina Maria Gonçalves Pereira)



Declaração de Consentimento do Participante

Eu, _____

declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que acima assina/m. Foi-me garantida a possibilidade de em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados, que de forma voluntária forneço, confiando em que apenas serão utilizados para fins científicos e publicações que delas decorram e com as garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador/a.

Assinatura legível e manuscrita:

Data: ____ / ____ / ____

Apêndice C

Consentimento Informado da Representante Legal dos menores



Consentimento Informado da Representante Legal dos menores

Identificação do Investigadora: Carolina Maria Gonçalves Pereira

Endereço eletrónico: 2018019@student.uma.pt

Título do estudo: Educação Intergeracional e Idadismo. Um estudo de caso no campo do desenvolvimento comunitário.

Enquadramento: No desenvolvimento das sociedades, a mulher e o homem têm vindo a conquistar uma maior longevidade e, apesar de a ritmos diferentes, a esperança média de vida continua a crescer (Nazareth, 2004). No entanto, a construção do significado da velhice é trespassada por crenças, mitos e preconceitos que, na sociedade manifesta-se por meio de representações depreciativas sobre o fenómeno do envelhecimento o que aviva a necessidade de refletir sobre a educação intergeracional para combater o Idadismo presente na sociedade.

Explicação do estudo: Esta investigação através de um estudo de caso procura entender melhor a importância da educação intergeracional, que acentua a dimensão pedagógica no encontro de diferentes gerações que executam atividades e tarefas que respondem às suas necessidades e interesses. Numa dinâmica de cooperação, interação, intercâmbio e de diálogo intergeracional desenvolvido numa relação igualitária, de tolerância e respeito mútuo com base nas histórias de vida e nas artes plásticas fortalecendo laços comunitários, para transmitir conhecimentos tradicionais promovendo assim um senso de identidade e pertencimento.

Anonimato e confidencialidade: Aquando das entrevistas é garantida a confidencialidade através de uma aplicação de modificação da voz durante a gravação

da mesma com o uso exclusivo dos dados recolhidos para o presente estudo; asseguramos igualmente o anonimato, não havendo registo de dados de identificação e/ ou partilhados com outrem.

Por favor, leia com atenção esta informação. Se achar que algo está incorreto ou que não está claro, não hesite em solicitar mais informações.

Se concorda com a proposta que lhe foi feita, queira assinar este documento.

Assinatura de quem pede consentimento:

Data:

20/03/2025



Declaração de

Consentimento para

Eu, _____,

declaro ter lido e compreendido este documento, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela(s) pessoa(s) que abaixo assina(m). Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar que o menor participe neste estudo sem qualquer tipo de consequências. Desta forma, aceito que o menor participe neste estudo e permito a utilização dos seus dados, que de forma voluntária são fornecidos, confiando em que apenas serão utilizados para fins científicos e publicações que delas decorram, com as garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo/a investigador(a).

Nome: _____

BI/CC N.º _____ Data ou validade ____/ ____

Grau de parentesco ou tipo de representação: _____

Assinaturas legíveis e manuscritas dos investigadores/responsáveis do estudo

_____ (Carolina Maria Gonçalves Pereira)

Apêndice D

Planificação da entrevista semiestruturada

	Passos necessários	Descrição
Decisão	Propósito	Problema de estudo: “Qual é o contributo da Educação Intergeracional face ao Idadismo presente na sociedade?” Objetivo- dar resposta à questão de investigação e: 1. Identificar estratégias que a Educação Intergeracional utiliza para minimizar o Idadismo. 2. Caracterizar os programas associados à Educação Intergeracional mobilizados para minimizar o Idadismo. 3. Analisar o poder das histórias de vida na aproximação das diferentes gerações. 4. Interpretar o papel das artes plásticas para fortalecer laços comunitários. Dimensão: Uma IPSS localizada a oeste da Ilha da Madeira.
	Entrevistados	3 jovens e 3 idosos residentes na IPSS com idades compreendidas entre os 13 e 17 anos e os 65 e 95 anos
	Meio de comunicação	Tipo- Oral (gravada, se com consentimento) Espaço- Espaço reservado (numa sala) da IPSS Momento- A definir com o entrevistado
	Tempo de entrevista	De 30 a 45 minutos.

	Entrevista	Variáveis a serem estudadas: -Conhecimento acerca da educação intergeracional. -Conhecimento acerca do Idadismo.
Elaboração		-Frequência e tempo de contacto intergeracional. -Tipo de atividades efetuadas em conjunto. Descrição dos itens: - Elaboração de questões agrupadas em categorias e em subcategorias. -Considerar expetativas do entrevistador. -Resumir o discurso oportunamente.
	Marcação da entrevista	Apresentar de forma breve o projeto. Decidir o espaço e o tempo com o entrevistado.
Realização	Critérios gerais a ter em conta	Embora seja apenas feita uma análise de conteúdo às palavras transcritas do entrevistado, deve-se ter em conta: O estado de espírito do entrevistado (confiança, confusão, constrangimento...). - Contradições do entrevistado. - Momentos em que o entrevistado manifesta as suas emoções. - Linguagem corporal. -Tonalidade e ritmo da linguagem do entrevistando. - Género de linguagem utilizada. - Ambiente onde a entrevista é realizada.

		Apresentação: - Criar um ambiente descontraído, mostrando gentileza e atenção para com o entrevistado. - Manter o profissionalismo, procurando levar o entrevistado a responder às questões e esclarecendo dúvidas que este possa ter.
	Aspetos formais a ter em conta	Descrição do projeto: -Referir o âmbito da entrevista
		Consentimento: -Solicitar a autorização do entrevistado. Decorrer da entrevista: - Ajudar o entrevistado a expressar-se claramente. - Focar o entrevistado nos tópicos principais. - Estimular o entrevistado a expor mais acerca dos tópicos mais importantes. Terminar a entrevista: - Atender ao limite de tempo da entrevista. - Fazer um apanhado das ideias principais. - Apresentar um agradecimento final. Tomar notas: - Anotar as disposições corporais e emocionais do entrevistado. - Eventualmente, apenas no caso da não autorização da gravação da entrevista, proceder à transcrição direta da entrevista.

Apêndice E

Guião da entrevista semiestruturada para os menores

Tema: “Qual é o contributo da Educação Intergeracional face ao Idadismo presente na sociedade?”

Objetivos da investigação:

1. Identificar estratégias que a Educação Intergeracional utiliza para minimizar o Idadismo.
2. Caracterizar os programas associados à Educação Intergeracional mobilizados para minimizar o Idadismo.
3. Analisar o poder das histórias de vida na aproximação das diferentes gerações.
4. Interpretar o papel das artes plásticas para fortalecer laços comunitários.

Categorias gerais a investigar:

- A) Educação intergeracional
- B) Idadismo
- C) A educação intergeracional como contributo para o desenvolvimento comunitário

Designação dos blocos	Objetivos Específicos	Formulário de questões
Categoria A- A Educação intergeracional	- Compreender as diferenças entre o ensino atual e o das gerações anteriores - Avaliar a perceção da eficácia do ensino atual em comparação com o do passado. - Identificar sugestões de melhoria para o sistema	- Considera que o ensino na sua geração é diferente do ensino das gerações mais velhas? -Acredita que a maneira como as aulas (ensino transmitido) são lecionadas hoje são mais eficazes do que no passado? -O que acha que poderia

	educacional atual com base na comparação com gerações anteriores. -Explorar as vantagens e desvantagens de interagir com pessoas mais velhas, com base em experiências vividas - Avaliar se é possível uma troca de aprendizagens entre gerações. -Investigar a existência e as causas da lacuna cultural entre gerações.	ser melhorado no sistema educacional atual, comparado ao que existia nas gerações anteriores? -Que tipo de experiências podem resultar como vantagens/ desvantagens ao lidar com pessoas mais velhas? -Considera que seja possível haver uma relação pedagógica bilateral, isto é, que é possível os mais velhos aprenderem com os mais jovens, e vice-versa? -Acha que há uma “lacuna” cultural entre as gerações? (O que provoca esse distanciamento?)
Categoria B- Idadismo	- Identificar preconceitos entre gerações, especificamente da geração atual em relação às mais velhas. - Investigar se as gerações mais velhas têm uma visão distorcida dos jovens e identificar os principais preconceitos. - Analisar se a sociedade valoriza mais as opiniões das gerações mais velhas e	-Já presenciou algum tipo de preconceito por parte das pessoas da sua geração relativamente às gerações mais velhas? -Acredita que as gerações mais velhas têm uma visão distorcida ou equivocada sobre os jovens? Se sim, quais são os principais preconceitos que identifica?

	se isso cria barreiras entre as gerações. -Avaliar se os jovens de hoje são mais ou menos propensos a combater o preconceito em comparação com as gerações anteriores e os motivos para isso. -Explorar o impacto do Idadismo em políticas públicas, como saúde, educação e relações sociais na visão do jovem. -Identificar medidas para reduzir o preconceito gerado pela diferença de idade entre as gerações.	-Acha que a sociedade valoriza mais as opiniões das gerações mais velhas em comparação com as dos jovens? Isso cria algum tipo de barreira entre as gerações? -Na sua opinião, os jovens de hoje são mais ou menos propensos a combater o preconceito em comparação com as gerações anteriores? Porquê? -Acredita que o Idadismo pode impactar políticas públicas, como saúde, educação ou até mesmo nas relações sociais? -O que você acha que pode ser feito para reduzir o preconceito gerado pela diferença de idade entre as gerações?
Categoria C- A educação intergeracional como contributo para o desenvolvimento comunitário	-Avaliar se a convivência entre gerações é devidamente valorizada na sociedade atual.	-Acha que a convivência entre diferentes gerações pode ser mais valorizada na sociedade atual?

	- Propor estratégias para melhorar a comunicação e o entendimento entre diferentes gerações. -Avaliar como a convivência intergeracional pode combater o Idadismo e promover inclusão. -Explorar como a educação pode reduzir o Idadismo e integrar discussões sobre respeito entre gerações nas escolas e universidades. - Comparar os valores das gerações mais jovens e mais velhas e avaliar seu impacto no desenvolvimento da comunidade. -Avaliar como as trocas intergeracionais podem gerar soluções inovadoras para problemas comunitários, como saúde e educação.	-Qual seria a sua sugestão para melhorar a comunicação e o entendimento entre as gerações? - Acredita que a convivência intergeracional pode ajudar a combater o Idadismo? Como podemos criar um ambiente mais inclusivo para todas as idades? -Acredita que a educação pode ajudar a reduzir o Idadismo? Como é que as escolas/ universidades podem incluir discussões sobre o respeito entre as gerações para o combate do mesmo? -Acha que os valores que estão presentes nas gerações mais jovens são os mesmos dos mais velhos? Em que medida esses valores podem ter impacto para o desenvolvimento da comunidade? -De que maneira as trocas intergeracionais podem contribuir para o desenvolvimento de
--	--	---

		soluções inovadoras para os problemas da comunidade (a nível de saúde, educação...)?
--	--	--

Apêndice F

Guião da entrevista semiestruturada para os idosos

Tema: “Qual é o contributo da Educação Intergeracional face ao Idadismo presente na sociedade?”

Objetivos da investigação:

- 1) Identificar estratégias que a Educação Intergeracional utiliza para minimizar o Idadismo.
- 2) Caracterizar os programas associados à Educação Intergeracional mobilizados para minimizar o Idadismo.
- 3) Analisar o poder das histórias de vida na aproximação das diferentes gerações.
- 4) Interpretar o papel das artes plásticas para fortalecer laços comunitários.

Categorias gerais a investigar:

- A) Educação intergeracional
- B) Idadismo
- C) A educação intergeracional como contributo para o desenvolvimento comunitário

Designação dos blocos	Objetivos Específicos	Formulário de questões
Categoria A Educação intergeracional	- Compreender quais as aprendizagens e experiências de vida que os idosos valorizam e consideram relevantes para transmitir às gerações mais novas. - Compreender a perceção dos idosos sobre o impacto das suas experiências nas aprendizagens dos jovens. - Analisar como os idosos interpretam o valor da interação entre gerações	-Quais são as lições mais importantes que aprendeu ao longo da sua vida e que considera que poderiam beneficiar as gerações mais jovens? -Já teve alguma experiência em que os mais jovens aprenderam algo consigo? Consegue dar-me alguns exemplos? -Como vê a importância da troca de experiências entre diferentes gerações?

	no seu dia a dia e no contexto comunitário. -Analisar de que forma os idosos acreditam que os jovens podem contribuir para manter viva a herança cultural das gerações anteriores. - Explorar os interesses e motivações dos idosos em participar ativamente em processos de educação intergeracional. - Compreender como os idosos avaliam a receptividade dos jovens face à partilha de conhecimentos entre gerações.	-Considera que os mais jovens podem ajudar a valorizar e a preservar a cultura e as tradições da sua geração? -Gostaria de compartilhar mais conhecimentos com os jovens da atualidade? Se sim, quais seriam os temas que gostaria de ensinar? -Acha que os jovens de hoje têm interesse em aprender como os mais velhos? Se não, o que poderia atrair mais esse interesse?
Categoria B Idadismo	-Investigar experiências de desvalorização ou desrespeito vividas pelos idosos em função da sua idade. - Perceber se os idosos se sentem isolados em contextos de interação com pessoas mais jovens e compreender as causas dessa percepção. - Compreender quais aspetos do envelhecimento os idosos consideram	-Já se sentiu desvalorizado ou desrespeitoso por ser mais velho? Se sim, em que situações isso aconteceu? -Já se sentiu isolado por causa da sua idade, especialmente em situações com pessoas mais jovens? -Na sua opinião, o que as gerações mais jovens precisam de entender

	fundamentais para serem compreendidos pelas gerações mais jovens. - Analisar a percepção dos idosos sobre a forma como as gerações mais jovens reconhecem (ou não) as suas capacidades, conhecimentos e contributos. -Explorar as sugestões dos idosos sobre como reduzir o Idadismo e melhorar as interações entre diferentes faixas etárias.	melhor sobre a experiência de envelhecer? -Acredita que as gerações mais jovens têm dificuldade em entender os idosos como pessoas capazes, com habilidades e conhecimentos valiosos? Se sim, o que poderia ser feito para mudar essa visão? -Na sua opinião, o que poderia ser feito para combater o Idadismo e promover mais respeito e compreensão entre as gerações?
Categoria C A educação intergeracional como contributo para o desenvolvimento comunitário	- Explorar como os idosos percebem o impacto das trocas de conhecimentos e valores entre gerações na melhoria da qualidade de vida nas comunidades locais. - Perceber como os idosos percebem o papel das relações intergeracionais na preservação da história, tradições e identidade cultural de uma comunidade.	-Na sua opinião, de que maneira as trocas de conhecimento/valores entre jovens e idosos podem melhorar a qualidade de vida nas comunidades locais? -Acha que as relações entre gerações podem contribuir para a preservação da história e das tradições de uma comunidade? -Acredita que a colaboração entre

	- Perceber qual é a opinião dos idosos sobre a importância de espaços físicos ou eventos comunitários - Compreender como os idosos acreditam que a cooperação intergeracional pode ajudar a enfrentar desafios locais e promover o bem-estar da comunidade. -Explorar as vantagens do envolvimento dos idosos em iniciativas educativas para o desenvolvimento e fortalecimento da comunidade local. -Analisar experiências e percepções dos idosos sobre projetos intergeracionais em que jovens e idosos trabalharam juntos para alcançar objetivos comuns.	gerações pode ajudar a resolver problemas locais, como questões de saúde, educação ou segurança? De que forma? -Vê alguma vantagem em criar espaços físicos ou eventos que incentivem o encontro entre diferentes gerações dentro da comunidade? Quais seriam esses espaços ou atividades ideais? -Acredita que o envolvimento de idosos em iniciativas de educação pode enriquecer a aprendizagem dos mais jovens e fortalecer o desenvolvimento da comunidade tornando-a mais coesa e solidária? -Já testemunhou algum projeto ou iniciativa onde jovens e idosos trabalharam juntos para alcançar um objetivo comum? Acredita que esse tipo de colaboração pode trazer algo de positivo para a comunidade?
--	---	--

Apêndice G

Análise de Conteúdo das entrevistas semiestruturadas dos jovens

Categoria A	Subcategorias	Unidades de Contexto	Participante
Educação Intergeracional	- Compreender quais as “marcas” a nível educacional que os jovens têm hoje em dia relativamente às experiências de vida dos idosos.	“Sinto que os jovens não estão muito abertos a ouvir; por exemplo os professores que se encontram já na idade da reforma. Recordo-me de me contarem que antigamente levavam reguadas, e atualmente mais depressa são os jovens que pode vir a bater no professor”. “Acredito que têm muitas coisas importantes a ensinar, mas é muito difícil hoje em dia fazê-lo”.	J1
		“Eu penso que as pessoas mais velhas tentam nos ensinar-nos, mas as pessoas que são pais agora não estão a transmitir isso, sinto mais essa motivação por parte dos avós.” “Antes eles passavam muitas dificuldades, não havia comer como há agora. Esta geração tem tudo agora.” “Eu acredito que eles queiram transmitir, mas esta geração não quer saber.”	J2

		<i>“Eu acho que mudou, os professores, a maneira de ser, o espaço em si acho que não influenciou na aprendizagem deles, mas o grau de estudos que temos hoje em dia aumentou muito e eles não tiveram essa oportunidade.</i>	<i>J3</i>
	- Os jovens de hoje pelo contexto atual da sociedade comparativamente à experiências dos idosos no âmbito das oportunidades e tecnologia	<i>“Hoje em dia se eu quiser fazer uma pesquisa eu uso o tablet porque lá está vivemos na era da tecnologia. Então passamos muito tempo distraídos no telemóvel e nem sequer recorremos aos mais velhos.”</i> <i>”Aquilo que eu acho é que deveria ser retirado os telemóveis até pelo menos ao 10º ano. Assim como antigamente que também não havia e isso não prejudicou no ensino dos mais velhos.”</i>	<i>J1</i>
		<i>“Antes a gente ia para a escola ou para a catequese com os nossos avós e conhecíamos os avós dos nossos colegas, íamos de mãos dadas, não havia vergonha disso. Até porque muitos deles não tiveram a oportunidade de estudar que nós temos com o apoio da tecnologia.”</i>	<i>J2</i>

		<i>“Atualmente é muito mais fácil saber as coisas porque temos a tecnologia.”</i>	<i>J3</i>
	- Analisar como os jovens interpretam o valor da interação entre gerações no seu dia a dia e no contexto comunitário.	<i>“Sinto que os idosos já nem querem falar, porque se disseram qualquer coisa aos mais jovens já pensam que vamos gozar do que eles estão a dizer.” “Os jovens ficam na deles e os idosos também, assim não há conflito.”</i>	<i>J1</i>
		<i>“Hoje eles já não acompanham tanto à escola como antes, não há esse encontro e os jovens já se consideram grandes então recusam qualquer aproximação com os mais velhos. Acredito que eles já perderam a fé na nossa geração por causa disso.”</i>	<i>J2</i>
		<i>“É lidar com as maneiras de eles serem, a forma de eles pensarem é mais antigo. E acaba por ser difícil porque eles aqui não fazem quase nada.” “Os idosos não estão abertos para ouvir os jovens porque eles fixam-se naquele tempo e não querem avançar são muito rígidos.” “Nós jovens também acabamos por ser assim, mas não tão rígido”</i>	<i>J3</i>

	-Analisar de que forma os idosos acreditam que os jovens podem contribuir para manter viva a herança cultural das gerações anteriores.	<i>“Acho que depende muito e mais dos jovens, porque eu tenho um colega que dança no bailinho e ele adora, mas eu acho que ele só gosta porque a família dele já participava. Em geral acho que os jovens não ligam muito a isso.”</i> <i>“Provavelmente daqui a 100 anos não haverá praticamente referências sobre isso.”</i>	J1
		<i>“Esta geração é muito diferente. Devem ser poucos os jovens que dão valor, por isso acho que eles já perderam a fé em nós.”</i>	J2
		<i>“Não faço ideia, mas acho que até é fixe ver as tradições, mas participar já não gostámos muito, então é capaz que acabe por desaparecer muita coisa, principalmente coisas viradas para a vertente religiosa.”</i>	J3
	- Explorar os interesses e motivações dos jovens em participar ativamente em processos de educação intergeracional.	<i>“Sinto que ao longo do tempo isso se foi perdendo, lembro-me de aprender muitas coisas com a minha avó em vez da minha mãe.”</i> <i>”Sinto que os mais velhos gostam de contar coisas que aconteciam no passado para evitar fazer hoje, mas eu sei disso porque eu gostava de ouvir e não sinto</i>	J1

		<i>que os jovens hoje importam-se com isso.”</i>	
		<i>“Eu gosto tanto de ouvir as histórias que eles contam, adoro pintar com eles, ver os desenhos deles. Gosto de saber as experiências deles porque a seguir somos nós, eles são tipo a nossa base. Também gosto muito até de passear com eles e faço-o agora que estou a fazer voluntariado juvenil porque vamos falando e eu acredito que eles se vão lembrar daquilo depois. Mas em geral sinto que os jovens já não se importam muito com isso.”</i>	<i>J2</i>
		<i>“Acho que devíamos fazer mais atividades com eles, como jogos de história, por exemplo como fazem aqui às vezes.”</i>	<i>J3</i>
	-Compreender como os jovens avaliam a receptividade dos idosos face à partilha de conhecimentos entre gerações.	<i>“Eu acho que isso depende muito da pessoa. Há por exemplo idosos que têm telemóvel e às vezes pedem-nos ajuda e eu tenho todo o gosto de ensinar.”</i>	<i>J1</i>
		<i>“Eu ajudo sempre que me pedem para mexer no telemóvel e também sempre peço ajuda quando não sei</i>	<i>J2</i>

		<i>bem o que deitar no comer, por exemplo.”</i>	
		<i>“Os idosos já não querem saber, depende também da personalidade deles. Muitas vezes como são rígidos acabo por nem falar, apenas cumprimentar.”</i>	<i>J3</i>

Categoria B	Subcategorias	Unidades de Contexto	Participante
Idadismo	-Identificar preconceitos da geração atual em relação às mais velhas.	<i>“Eu já vi muitos jovens gozarem dos mais velhos e acho que um dos motivos por que o fazem é pelo medo que têm de vir a ser igual a eles.”</i> <i>“Vejo que gozam muito quando são pessoas idosas em cadeiras de rodas ou quando têm Parkinson, por exemplo.”</i>	<i>J1</i>
		<i>“Já presenciei de um idoso entrar no autocarro e não lhe darem o lugar e eu achei muito mau porque o senhor estava pesado de compras e via-se mesmo que ele precisava de se sentar.”</i>	<i>J2</i>
		<i>“Já presenciei e já o fiz porque acho graça, é como uma partida porque até depois eles vão se esquecer e se isso não acontecer depende se eles se</i>	<i>J3</i>

		<i>importam com a opinião do outro.”</i>	
	- Investigar se as gerações mais velhas têm uma visão distorcida dos jovens.	<i>“Eu acho que depende das pessoas. Acho que há idosos que não querem saber que já nem se importam. Acho que eles perderam a fé na nossa geração. Mas também acredito que há idosos que têm sim uma visão muito distorcida de nós jovens.”</i> <i>”Eles vêm a gente no telemóvel e pensam que estamos sempre nos jogos, mas a verdade é que eu também posso estudar e fazer resumos com ele, até videochamadas.”</i>	J1
		<i>“Eu acho que sim porque eles veem que estamos sempre no telemóvel e pensam que só queremos ir para festas, e talvez seja um pouco verdade, mas também não. Há sempre aquelas pessoas que querem estudar, ou simplesmente ir à praia com as amigas, nem sempre seguem o caminho menos bom.”</i>	J2
		<i>“Eu acho que sim, eles pensam que não batemos bem da cabeça porque não fazemos o que eles faziam.”</i>	J3

- Analisar se a sociedade valoriza mais as opiniões das gerações mais velhas e se isso cria barreiras entre as gerações.	<i>“Eu acho que a opinião de uma pessoa mais velha porque eles acham que com a idade têm mais conhecimento.”</i>	J1
	<i>“A opinião de uma pessoa mais velha principalmente aqui. Acho que eles sempre acreditam na pessoa que tem mais experiência do que naqueles que ainda estão a aprender como nós.”</i>	J2
	<i>“A opinião do jovem, por exemplo há pessoas que têm poder de decidir coisas sobre o país e não são velhas, por isso a opinião deles é a mais importante.”</i>	J3
-Avaliar se os jovens de hoje são mais propensos a combater o preconceito	<i>“Eu não faço ideia mesmo. Acho que se todos os jovens tivessem a oportunidade de crescer com alguém mais velho eles nunca iam fazer isso, isto é gozarem deles. Agora se for um jovem que tenha uma família também jovem se calhar pode vir a gozar porque nunca acompanhou de perto um idoso.”</i>	J1
	<i>“Eu acho que sim, acho que ao ajudar-mos o próximo não estamos à espera de que algo bom nos chegue, mas acaba sempre por chegar. Só o facto</i>	J2

		<i>de ouvir eles darem-nos a bênção é algo tão incrível e protetor de ouvir.”</i>	
		<i>“Não sei, acho que isso depende muito da personalidade do idoso, ele pode simplesmente não se importarem com o que dizem a seu respeito.”</i>	<i>J3</i>
	-Explorar o impacto do Idadismo em políticas públicas, como saúde...	<i>“Não sei até que ponto a nível educacional isso poderia fazer diferença, por exemplo ao ter uma disciplina na escola sobre o envelhecimento que até poderia ser inserida na disciplina de Cidadania. Ou retirar a parte dos sismos da disciplina de FPS porque essa matéria temos em Ciências.”</i> <i>“Acho que eles deviam apostar em mais lares onde houvessem também jovens, porque se não tiver parece que eles ficam abandonados.”</i>	<i>J1</i>
		<i>“Se nós todos parássemos para pensar e cada país se focasse na população mais velha tenho a certeza que íamos conseguir ajudar seja no que for. Uma cama, uma cadeira de rodas...”</i>	<i>J2</i>
		<i>“Acho que sim, podem chamar a atenção de algumas políticas</i>	<i>J3</i>

		<i>porque quando um velho é gozado ele vai generalizar que todos os jovens gozam. Eles só generalizam para o negativo.”</i>	
	-Identificar medidas para reduzir o preconceito	<i>“Sinceramente não sei, mas acho depende do ensino que adquirimos dos nossos pais.” “Ações de sensibilização também poderiam ter impacto, fazer com que os jovens se questionem sobre o processo pelo qual todos vamos passar se correr tudo nem.”</i>	J1
		<i>“Acho que bastava a gente fazer publicidade, para chegar a mais pessoas, devíamos ser mais unidos. “Também podíamos levar um idoso à escola e fazer algumas atividades, ou sairmos nós da escola e irmos a um centro de idosos.”</i>	J2
		<i>“Não sei, porque os idosos são estranhos e conseguem ser também às vezes muito rudes.” “Não acredito que falar disso na escola, por exemplo, vá ter impacto porque os jovens também não querem saber”.</i>	J3

Categoria C	Subcategorias	Unidades de Contexto	Participante
--------------------	----------------------	-----------------------------	---------------------

A educação intergeracional como contributo para o desenvolvimento comunitário	-Avaliar se a convivência entre gerações é devidamente valorizada na sociedade atual.	<i>“Também acho que depende da pessoa idosa que temos à frente, já cheguei a oferecer ajuda e de ele recusar de uma forma rude. Mas acho que isso pode justificar-se com o facto de eles já terem confiado em alguém e não ter corrido bem, mas é isto às vezes a pessoa quer ajudar e ser educada e depois eles recusam.”</i>	J1
		<i>“Nos não valorizamos o suficiente porque a gente não para olhar para os nossos avós, por exemplo. Não pensamos nas pessoas das quais viemos, não percebemos que eles são os maiores amores que temos.”</i>	J2
		<i>“Não há esta proximidade como aqui. Há idosos que ficam em casa sozinhos, abandonados.” “Poderíamos reunir um grupo para ir a casa dos idosos para ver se estava tudo bem com eles, por exemplo.”</i>	J3
	- Propostas para melhorar a comunicação e o entendimento	<i>“Não tenho muita noção, porque aqui dentro nós somos induzidos a isso.” “Fazemos jogos, e estamos um pouco com eles.”</i>	J1

	entre diferentes gerações.	<i>“Eu acho que deviam fazer mais passeios juntos com outras instituições, fazerem convívios em espaços verdes</i>	<i>J2</i>
		<i>“Isso depende da personalidade de cada um, se algum está disposto para conhecer mais um jovem e vice-versa. Vai depender deles”.</i>	<i>J3</i>
	-Avaliar como a convivência intergeracional pode combater o Idadismo e promover inclusão.	<i>“Se as crianças/jovens saíssem das escolas para vir ter com idosos ao lar, ou a espaços verdes aprendiam desde muito cedo a lidar com pessoas mais velhas. E talvez percebessem que por exemplo não é por um idoso ter Alzheimer que isso significa que eu também vá ter. Era importante que os jovens tivessem mais conhecimento disso até para eles próprios.”</i>	<i>J1</i>
		<i>“Eu acho que sim, eles lidam normal quando o idoso é normal, mas se for por exemplo um idoso mais debilitado ou diferente eles já não se dirigem tanto a esse, porque para eles a pessoa não tem valor. Mas se eles vissem com atenção o idoso poderia</i>	<i>J2</i>

		<i>se esforçar para falar com eles.”</i>	
		<i>“Acho que lidar com idosos ajuda a ter uma visão diferente daqueles que não lidam. Aqueles que lidam estão mais próximos do que é a realidade de envelhecer.”</i>	<i>J3</i>
	-Explorar como a educação pode reduzir o Idadismo e integrar discussões sobre respeito entre gerações nas escolas e universidades.	<i>“Devia de haver projetos nas escolas que unissem mais jovens e idosos, por exemplos as crianças de uma escola virem até a um lar e vice-versa. Assim desde pequeninos eles iam estar a lidar com pessoas mais velhas e aprender a respeitar.”</i>	<i>J1</i>
		<i>“E também acho que se houvesse uma disciplina na escola que falasse disto poderia fazer diferença embora acredite que apenas os bons alunos a nível do comportamento iam estar realmente atentos.” “Nem que seja apresentar um power point a falar do nosso futuro de hoje em dia e mostrar como lidamos com os idosos.”</i>	<i>J2</i>
		<i>“Ainda que tivesse uma disciplina na escola, acho que não iria fazer diferença</i>	<i>J3</i>

		<i>porque os jovens realmente não querem saber. Mas acho que se houvessem jovens e idosos dispostos e abertos para isso poderiam haver tipo debates em grupo.” “E também formações para aqueles que demonstram interesse nessa área.”</i>	
- Comparar os valores das gerações mais jovens e mais velhas e avaliar seu impacto no desenvolvimento da comunidade.		<i>“A gente já não cresce naquela coisa de se esforçar para ter as coisas como antes, então já não carregamos os mesmos valores, nem somos tão gratos.”</i>	J1
		<i>“Não carregamos os mesmos valores, os mais velhos já têm aquela experiência de amor e de ajudar o próximo, antigamente eles iam à casa da vizinha pedir açúcar ou um ovo e eles davam, hoje em dia não.”</i>	J2
		<i>“Acho que acabam por ser os mesmos porque toda a gente pensa em si pelo melhor, ou seja, são empáticos...”</i>	J3
	Avaliar como as trocas intergeracionais podem gerar soluções inovadoras para	<i>“Se houvessem projetos assim como falei, talvez esses jovens quando chegassem a casa iam contar os pais, e os pais iam ficar a querer saber mais do que aconteceu nesse encontro.</i>	J1

	problemas comunitários, como saúde e educação.	<i>Quem sabe na troca de informações não aprendessem também curiosidades e coisas novas.”</i>	
		<i>“Sinceramente acho que agora a geração mais velha precisa de descansar e nós jovens temos de trabalhar, mas acredito que sim se eles dessem ideias nós teríamos a capacidade de elaborar e contribuir para a comunidade.”</i>	<i>J2</i>
		<i>“Não acho que tenha muito impacto assim de repente, mas se vermos bem em termos políticos acaba por ter impacto porque também temos idosos a decidir sobre o nosso país também porque ouvem os jovens e vice-versa.”</i>	<i>J3</i>

Apêndice H

Análise de Conteúdo das entrevistas semiestruturadas dos idosos

Categoria A	Subcategorias	Unidades de Contexto	Participante
Educação Intergeracional	- Compreender as diferenças entre o ensino atual e o das gerações anteriores	<i>“Ninguém me ensinou a trabalhar, eu aprendi sozinha com a força da minha cabeça, eu olhava e ia para casa pensar como se fazia.”</i>	I1
		<i>“Eu na escola aprendi pouco, e fora dela aprendi com as coisas ruins da vida. ” Tudo o que aprendi sempre foi graças aos mais velhos. ”</i>	I2
		<i>“Hoje em dia é muito diferente porque tem tudo e antes não havia nada. A gente escrevia numa pedra, eu nunca aprendi nada demais na escola e sim com os mais velhos em casa.”</i>	I3
	- Avaliar a percepção da eficácia do ensino atual em comparação com o do passado.	<i>“Não sei se os jovens têm essa capacidade, ou se se dão sequer a esse trabalho. As coisas estão muito diferentes.”</i>	I1
		<i>“Eles agora não querem saber de nada, é tudo diferente.”</i>	I2
		<i>“Gostava de dar o bom exemplo aos jovens, para não andar com más companhias, e na escola andar com gente particular, não com gente com</i>	I3

		<i>vícios, é o que é mais importante.”</i>	
	- Identificar sugestões de melhoria para o sistema educacional atual	<i>“Os jovens de hoje em dia querem é ganhar.” “Não valorizam aquilo que a gente tenta ensinar.”</i>	I1
		<i>“Eles antes aprendiam com o exemplo, mas hoje em dia eles não se importam.”</i>	I2
		<i>“Eu hoje já não sei ensinar nada, mas gostava que eles pelo menos ouvissem os nossos conselhos.”</i>	I3
	-Explorar as vantagens e desvantagens de interagir com pessoas mais jovens, com base em experiências vividas	<i>“Não posso saber isso, pode até ser que tenha vantagens, mas as coisas hoje em dia estão muito diferentes.”</i>	I1
		<i>“Era tão bom lidar quando eu era nova com as pessoas mais velhas, eu aprendia tanta coisa, mas por exemplo a minha filha não aprendeu nada comigo, porque não se interessa.”</i>	I2
		<i>“Sinceramente hoje não vejo diferença em lidar ou não com os jovens.”</i>	I3
	- Avaliar se é possível uma	<i>“Se eles realmente quiserem aprender, é possível.”</i>	I1

	troca de aprendizagens entre gerações.	<i>“Às vezes a pessoa quer der o bom conselho a eles, mas eles não ouvem.”</i>	I2
		<i>“É muito complicado, eles agora querem outras coisas. ”Eles não se importam a aprender, porque não há respeito.”</i>	I3
	-Investigar a existência e as causas da lacuna cultural entre gerações.	<i>“Aqui houve uma atividade que procura não haver lacunas, mas fora eu não sei”.</i>	I1
		<i>“Eu sempre pensei que quando se é novo, as pessoas puxavam para os mais velhos, para aprenderem as coisas de antes, mas hoje eles não puxam para saber nada.”</i>	I2
		<i>“Hoje eles só querem ter o seu carrinho e um telemóvel para passear, não se importam com as coisas da cultura.”</i>	I3

Categoria B	Subcategorias	Unidades de Contexto	Participante
Idadismo	-Investigar experiências de desvalorização vividas pelos idosos em função da sua idade.	<i>“Aqui os jovens nunca me faltaram ao respeito, nunca fui gozada ou maltratada.”</i>	I1
		<i>“Eu já vi eles faltarem o respeito aos mais velhos, e é muito triste.”</i>	I2

		<i>“Eu nunca fui gozada, eles aqui nunca fizeram isso.”</i>	I3
- Perceber se os idosos se sentem isolados em contextos de interação com pessoas mais jovens.		<i>“Os jovens deitam a mão, eles ajudam no que é preciso.”</i>	I1
		<i>“Tem dias...”</i>	I2
		<i>“Não, não me sinto isolada aqui.”</i>	I3
- Compreender quais aspetos do envelhecimento os idosos consideram fundamentais para serem compreendidos pelas gerações mais jovens.		<i>“Não sei se eles sentem que estão a ficar velhos” “Eles têm de ouvir os mais velhos, tem de saber ouvir um bom conselho e que é errado deitarem abaixo um idoso.”</i>	I1
		<i>“Os jovens deviam pensar que o envelhecimento vai chegar a todos.”</i>	I2
		<i>“Não, isto agora é outro século, eles não querem saber de nada disso. A verdade é que quem não morrer de novo de velho não escapa.”</i>	I3
- Analisar a percepção dos idosos sobre a forma como as gerações mais jovens reconhecem (ou não) as suas		<i>“Como eles ajudam, eu penso que eles reconhecem.”</i>	I1
		<i>“Eles aqui não maltratam a gente, eles sempre nos acompanham e ajudam sempre, mas eles têm dificuldade em perceber a gente.”</i>	I2

	capacidades, conhecimentos e contributos.	<i>“Eles não se importam com nada disso, eles têm agora os carrinhos para passear e o dinheirinho para andar porque eles têm muita liberdade. Mesmo que a gente queira dar o bom conselho eles não ouvem.”</i>	I3
	-Explorar as sugestões dos idosos sobre como reduzir o Idadismo.	<i>“Era bom que eles aprendessem isso também na escola. Que devem respeitar sempre os mais velhos.”</i>	I1
		<i>“Era bom que falassem com eles e que se conformassem com o que os mais velhos dizem. Era bom que eles falassem disto na escola deles, ou em qualquer sítio onde se pudessem reunir todos.”</i>	I2
		<i>“Agora não há salvação, vão na sociedade deles. Não há nada que se possa fazer; hoje em dia eles não querem ouvir os conselhos querem é os amigos.”</i>	I3

Categoria C	Subcategorias	Unidades de Contexto	Participante
A educação intergeracional como contributo	- Explorar como os idosos percebem o	<i>“A pessoa tem que falar com eles para perceberem que merecemos respeito e assim</i>	I1

para o desenvolvimento comunitário	impacto das trocas de conhecimentos e valores entre gerações na melhoria da qualidade de vida nas comunidades locais.	<i>teremos uma comunidade mais respeitadora e unida.”</i>	
		<i>“Os jovens de hoje em dia não têm os mesmos valores que a gente.”</i>	I2
		<i>“Os novos não procuram os conselhos dos mais velhos, eles procuram é dos mais jovens, os amigos deles. Acredito que não há nada a fazer.”</i>	I3
	- Perceber como os idosos percebem o papel das relações intergeracionais na preservação da história, tradições e identidade cultural.	<i>“Os mais jovens não querem aprender, porque eles têm logo as coisas feitas. Embora eu acho que alguns gostam porque se assujeitam. Mas também se não ensinarmos eles não vão saber.”</i>	I1
		<i>“Os jovens não estão abertos para saber aquilo que temos a ensinar sobre como era as coisas do passado. Tudo vai acabar por se perder.”</i>	I2
		<i>“Mesmo que a gente ensine, ou diga como era antes, eles não vão continuar a fazer isso, porque eles não querem saber.”</i>	I3
	- Perceber qual é a opinião dos idosos sobre a importância de espaços físicos ou	<i>“Era muito bom se eles realmente quisessem saber mais coisas.”</i>	I1
		<i>“Eu não sei agora, mas antes a gente ia à casa uns dos</i>	I2

	eventos comunitários	<i>outros, e era tão bom ouvir os mais velhos.”</i>	
		<i>“Hum.. eu não acredito que mesmo que houvessem esses espaços eles se iam importar.”</i>	I3
	- Compreender como os idosos acreditam que a cooperação intergeracional pode ajudar a enfrentar desafios locais e promover o bem-estar da comunidade.	<i>“Não sei, não posso dizer porque isso depende do que cada um carrega no seu coração.”</i>	I1
		<i>“Hoje, eu não acredito muito que isso seja possível, eles estão muito pouco interessados.”</i>	I2
		<i>“Hum... eles querem tudo, mas é como eles entendem. Eles hoje só se preocupam com a vida deles.”</i>	I3
	-Explorar as vantagens do envolvimento dos idosos em iniciativas educativas para o desenvolvimento e fortalecimento da comunidade local.	<i>“A gente aqui fez uma atividade muito engraçada, mas não ganhamos o prêmio e o pequeno chorou e ficou tão vermelho. Mas fomos almoçar juntos.”</i>	I1
		<i>“Deveria de haver mais atividades com os jovens para aprendermos todas coisas novas, era tão bom.”</i>	I2
		<i>“Agora, agora neste século, já nem se pensa nisso, já é tarde demais.”</i>	I3
	-Analisar experiências e	<i>“Aquela atividade foi uma coisa muito marcante, mas foi</i>	I1

	percepções dos idosos sobre projetos intergeracionais em que jovens e idosos trabalharam juntos para alcançar objetivos comuns.	<i>pena não ganharmos o prémio.”</i>	
		<i>“Acredito que conseguimos fazer a diferença, porque duas cabeças pensam melhor que uma.”</i>	I2
		<i>“Poderíamos fazer mais jogos ou atividades, os que se fazem são pouco, não consigo dizer.”</i>	I3

Apêndice I

Diário de bordo (ver apêndice I)

Data	Nome da Atividade	Como foi realizada a atividade	Observações
14/02	Dia da amizade	Uma equipa de funcionários preparou um pequeno convívio entre idosos e jovens.	A atividade decorreu no refeitório onde se encontravam todos os utentes idosos e jovens. Foi servido bolo por todos e sumo também de acordo com o gosto de cada um.
18/02	<i>Me&You: Workshop: Concurso de criação artística e palestra sobre "A Europa e o cruzamento de gerações"</i>	A Associação poiomar organiza desde setembro de 2024 vários workshops. Para esta atividade foram realizados trios (um jovem, um idoso, e um funcionário).	Foi realizado um trabalho manual artístico à escolha de cada trio, aquele que tivesse mais likes na foto quando publicada no Facebook ganharia um prémio. A dupla vencedora foi até Itália. Mas houve um segundo prémio dado como um dia no spa e um terceiro prémio como um almoço num restaurante à escolha.
26/02	<i>Workshop de cerâmica</i>	Foram colocadas mesas na sala polivalente de modo que a “professora” pudesse ajudar e tirar dúvidas de como moldar o material.	Uma vez mais, todo o material foi dado pela associação poiomar, que fez questão de unir novamente jovens e idosos a produzir novas peças artísticas. Muitas peças como azulejos com desenhos e outros pormenores bem vinculados. Atividade muito animada.
28/02	<i>Workshop de filmagem com</i>	Reuniram todos os jovens e idosos no	(Coração humano). Foi uma maneira de encerramento simbólica, mas com

	drone e edição de vídeo "Madeira from above"	campo de futebol da IPSS e tiram fotos em formato de coração.	muito significado e gratidão dos utentes e de todas as equipas desta IPSS. Desafiador, a deslocação até ao sítio e a posição em forma de coração, mas todos unidos e misturados.
7/03	Baile	A animadora sociocultural junto com os responsáveis pelos jovens realizaram um desfile de carnaval.	A atividade decorreu no polivalente (sala onde decorre normalmente as aulas de ginástica). Nesta atividade estavam presentes apenas idosos, jovens e funcionários que tinham um disfarce de carnaval. Muita música animada para ambas as faixas etárias seguidas de uma aula de breakdance onde os jovens dançavam uma coreografia e os idosos que podiam repetiam ou dançavam ao seu ritmo. No fim desta atividade houve um desfile que terminou numa sessão de fotos junto da decoração festiva.
05/04	Páscoa	Em equipa realizaram um lanche especial de Páscoa.	Idosos e jovens reuniram-se no refeitório e lancharam todos juntos onde houve a entrega de cestinhos da Páscoa feito pelos utentes com muitas amêndoas e chocolate para todos. Uma tarde muito animada e de muito guloseima.
24/04	Cabotagem	Idosos e jovens recriaram os tempos vividos de 1908.	Local onde se reuniu dezenas de pessoas para ver esta peça de teatro que nos levou até ao ano de 1908. Jovens e utentes vestiram acessórios próprios daquela época e assumiram papéis de personagens do passado. Atividade muito animada.

15/05	Dia da família	Uma equipa de funcionários com auxílio da equipa técnica preparou um convívio entre idosos e jovens no dia da família.	Esta atividade decorreu no refeitório, onde se encontravam todos os utentes idosos e jovens. Foi servido bolo por todos e sumo também de acordo com o gosto de cada um.
20/05	Ilha das Aves	Um grupo de jovens e idosos acompanhados pela animadora sociocultural foram até à ilha das Aves.	Neste local puderam ver vários animais de todos os tamanhos e cores e feitios. Havia imensos desconhecidos, mas todos com a sua beleza característica. Uma tarde relaxada e descontraída intergeracional em contacto com a natureza.